

Luciano Anderson Breitz

NÃO É SÓ FUTEBOL:
A RIVALIDADE BRASIL X ARGENTINA NO *CLARÍN* E N'O
ESTADO DE SÃO PAULO DURANTE A COPA DE 1978

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade de Passo Fundo como requisito parcial e final para obtenção do grau de doutor em História sob a orientação do Prof. Dr. Adelar Heinsfeld.

Passo Fundo

2020

CIP – Catalogação na Publicação

B835n Breitreitz, Luciano Anderson
Não é só futebol [recurso eletrônico] : a rivalidade
Brasil X Argentina no *Clarín* e n' *O Estado de São Paulo*
durante a Copa de 1978 / Luciano Anderson Breitreitz. –
2020.
3 Mb ; PDF.

Orientador: Prof. Dr. Adelar Heinsfeld.
Tese (Doutorado em História) – Universidade
de Passo Fundo, 2020.

1. Futebol – Rivalidade. 2. Relações internacionais –
Brasil – Argentina. 3. Copa do Mundo (Futebol) –
Argentina – 1978. 4. Imprensa e política. 5. Jornalismo –
Aspectos políticos. I. Heinsfeld, Adelar, orientador.
II. Título.

CDU: 981

Catalogação: Bibliotecária Schirlei T. da Silva Vaz - CRB 10/1364

DEDICATÓRIA

Dedico esta tese aos que estiveram mais próximos durante os momentos em que foi necessária uma maior dedicação para desenvolver este projeto: minha família, Jéssica, Augusto e Tobiaz.

AGRADECIMENTOS

Seria impossível citar nominalmente todas as pessoas que contribuíram para o desenvolvimento desta pesquisa, afinal, tantas coisas aconteceram durante os muitos anos deste processo. Assim, agradeço à minha família, e faço uma referência especial ao meu orientador, Prof. Dr. Adelar Heinsfeld, pela dedicação.

“Em nenhum lugar aprendi tanto de mim e dos meus semelhantes como em um campo de futebol”.

Jorge Valdano.

RESUMO

A Copa do Mundo de Futebol de 1978, realizada na Argentina pode ser considerada uma das Copas que mais gerou polêmica e é o objeto principal deste estudo.. Nessa competição, aconteceu uma das partidas mais controversas da história das Copas, quando a Argentina venceu o Peru pelo placar de 6 a 0, que eliminou o Brasil da competição, deixando a suspeita de que o Peru havia facilitado o jogo para o selecionado local. A seleção da Argentina conquistou o título da competição em meio a uma série de divergências dentro e fora de campo, principalmente com suspeitas de manipulação de resultados. Pesquisadores analisam que essa competição foi amplamente utilizada pelo governo do General Videla como propaganda de uma “Nova Argentina”, que estava sendo construída pelo regime militar. Neste estudo, é feita uma análise da rivalidade entre o Brasil e a Argentina durante o período em que se realizou a competição. Para atingir esse objetivo, são comparadas as notícias que circularam nos jornais *Clarín*, da Argentina, e *O Estado de São Paulo*, do Brasil, em junho de 1978, período em que aconteceu a competição. Além da disputa pelo título da Copa do Mundo de Futebol, o Brasil e a Argentina também disputavam espaços geopolíticos, e esses embates trouxeram atritos em diferentes áreas, sendo a principal delas concernente às divergências acerca da construção da hidrelétrica de Itaipu, localizada na fronteira entre o Brasil e o Paraguai. Também houve disputas relacionadas à soberania alimentar – já que o rebanho suíno brasileiro foi sacrificado devido à “Peste Africana” – e se estabeleceram concorrências por parcerias comerciais com países da região, tais como o embate envolvendo a compra de gás da Bolívia. Esta pesquisa põe em evidência fatores que revelam que a rivalidade entre os dois países não se limita ao esporte. Ao contrário, os embates nos quais esses dois países se encontram são muito mais profundos e não podem ser revolidos em 90 minutos, com uma disputa de 11 contra 11. Assim, esta tese considera que a rivalidade entre o Brasil e a Argentina não começou no futebol, tampouco encerra no futebol, mas destaca que foi por meio desse esporte que foi possível tornar mais visível esse conflito, uma vez que o futebol acontece em um código de linguagem bastante simples e comum a todos, independente de escolaridade, classe social ou gênero.

Palavras-chave: Futebol. Brasil. Argentina. Rivalidade. Imprensa.

ABSTRACT

The 1978 Soccer World Cup, held in Argentina, is the main object of this study. It can be considered one of the World Cups that generated the most controversy. One of the most controversial matches in World Cup history took place in this competition, when Argentina beat Peru 6-0, which eliminated Brazil from the competition, leaving the suspicion that Peru had facilitated the game for the local team. The Argentina team won the title of the competition amid a series of differences on and off the field, mainly with suspicions of manipulation of results. Researchers analyze that this competition was widely used by General Videla's government as propaganda for a "New Argentina" that was being built by the military regime. This study analyzes the rivalry between Brazil and Argentina during the period of the competition. To achieve this objective, the news circulated in the newspapers *Clarín* of Argentina and *O Estado de São Paulo* do Brasil in June 1978, during which the competition took place, is compared. In addition to the dispute for the title of the World Cup, Brazil and Argentina also disputed geopolitical spaces, and these disputes brought friction in different areas. Brazil and Paraguay. There were also disputes over food sovereignty, as the Brazilian swine herd was sacrificed due to the "African Plague"; and disputes over trade partnerships with countries in the region, such as the purchase of gas from Bolivia. Through this work it is understood that the rivalry between the two countries is not limited to sport, on the contrary, since the disputes are much deeper and cannot be resolved in 90 minutes, with a dispute of 11 against 11. This research considers that the rivalry between Brazil and Argentina did not start in football, nor does it end in football, but considered that through football it is possible to make it more visible, since soccer happens in a very simple language code and common to all, regardless of education, social class or gender.

Keyword: Soccer. Brazil. Argentina. Rivalry. Press.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Capa do Jornal Clarín 01/06/1978	92
Figura 2 - Charge jornal Clarín 10 de junho de 1978, p. 5	95
Figura 3 - Charge jornal Clarín 18 de junho de 1978, p. 19	103
Figura 4 - Jornal Clarín 19 de junho de 1978, p. 24	107
Figura 5 - Imagens de Pelé no jornal Clarín 01/06/1978	129
Figura 6 - Capa do jornal O Estado de São Paulo, dia 01/06/1978.....	135
Figura 7 - Jornal O Estado de São Paulo, dia 23/06/1978, p. 20	165

SUMÁRIO

1	BRASIL X ARGENTINA: POR QUE SOMOS RIVAIS?	15
1.1	Futebol, rivalidade e sociedade	15
1.2	Como olhar para a rivalidade de Brasil X Argentina	22
1.3	A Rivalidade Brasil X Argentina na década de 1970	37
1.4	Equilíbrio de forças na disputa brasileiro-argentina	48
1.5	Itaipu e Corpus: a disputa pelo Paraguai	61
2	CLARÍN E ESTADO DE SÃO PAULO: A RIVALIDADE NA IMPRENSA.....	71
2.1	Os jornais como fonte histórica	71
2.2	As fontes: Clarín e O Estado de São Paulo.....	79
2.3	Hidrelétricas e futebol: o cotidiano das disputas.....	84
2.4	Negociações secundárias se tornam decisivas	110
3	A RIVALIDADE ENTRA EM CAMPO	120
3.1	A Copa pelos jornais	121
3.2	As controvérsias dentro de campo	137
3.3	Argentina X Perú: a grande polêmica da Copa	157
	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	171
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS	176
	FONTES DOCUMENTAIS.....	182

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A Copa do Mundo revela-se como a maior competição do futebol, pois reúne os principais atletas e seleções do planeta. Centenas de profissionais de comunicação se envolvem no processo de cobertura jornalística e inundam de informações os receptores apaixonados – ou não – pelo esporte bretão.

Como em outras Copas do Mundo, a ampla cobertura da imprensa sobre a competição ocorrida em 1978, na Argentina, trouxe diferentes abordagens do evento. A imprensa de diferentes países apresentou fatos idênticos com enfoques divergentes, e essas abordagens deixaram transparecer a rivalidade existente entre as seleções participantes. Uma em especial nos interessa, pois, dentre todos os clássicos do futebol mundial, a oposição Brasil X Argentina pode ser considerada uma das rivalidades mais absorvida pelos envolvidos.

Para avaliar a importância do embate futebolístico entre Brasil e Argentina, inicialmente vamos recorrer a Chacra e Paácios (2014), que destacam que uma partida de futebol envolvendo os dois selecionados extrapolou, e muito, o universo de relações entre os dois países fronteiriços. Brasileiros e argentinos, quando entram em campo, chamam a atenção dos aficionados por futebol. Ao se perguntar para um fã do esporte qual clássico entre seleções ele gostaria de assistir em um mundial, há grandes chances de que a resposta aponte para as partidas entre Brasil e Argentina como as mais aguardadas. A questão, no entanto, transcende o passional e extrapola as quatro linhas da cal, entrando no campo da política. A título de exemplo, pode-se destacar que, desde o século XIX, existem embates exacerbados em assuntos de cunho diplomático, econômico e bélico. Quando o assunto entra no campo de futebol, a situação não se modifica muito. O acadêmico Pablo Alabarces, da Universidade de Buenos Aires (UBA), que realizou com o brasileiro Ronaldo Helal (UERJ) um debate sobre a relação futebolística entre os dois lados da fronteira, cunhou uma frase que tenta resumir a intrincada trama de sentimentos mútuos: “Os brasileiros amam odiar a Argentina, enquanto os

argentinos odeiam amar o Brasil”. Helal ressalta que qualquer rivalidade contém uma dose de admiração e de inveja. Somente rivalizamos com alguém que tem algo que desejamos possuir ou superar.

A questão levantada por Alabarces e por Helal dá um norte sobre o ponto central deste estudo, sem, contudo, resumi-lo. Admiração e inveja seriam os combustíveis da rivalidade? A resposta é extremamente simples e ao mesmo tempo extremamente complexa: sim, já que ambos desejam a possibilidade de atingir a supremacia, mesmo que simbólica sobre o outro. Apesar de uma resposta simples, ela traz uma carga de subjetividade muito ampla, já que não foi dentro das quatro linhas de cal que teve início a busca por essa supremacia, e, por consequência, a rivalidade. Tal fenômeno – a rivalidade futebolística – passou a ser evidenciado somente no decorrer do século XX. A rivalidade entre os dois países foi tão intensa, historicamente, no âmbito político, diplomático, econômico e bélico, que migrou de forma gradual para campo de futebol.

Assim, esta tese, além de examinar como foi criada essa rivalidade no campo futebolístico, tem como questão central investigar como essa rivalidade aparece nos jornais em um momento específico da história, qual seja, o mês de junho de 1978.

Tratando-se de Copas do Mundo, Brasil e Argentina protagonizaram um dos capítulos mais ricos da rivalidade no ano de 1978. Ambas as equipes estavam classificadas para a segunda fase da competição, e, segundo a fórmula de disputa, os oito classificados foram divididos em duas chaves. Argentinos e brasileiros estavam na mesma chave, que ainda era composta por peruanos e poloneses. Na primeira rodada, o Brasil derrotou o Peru pelo placar de 3 a 0, enquanto os argentinos venceram os poloneses por 2 a 0. O jogo entre brasileiros e argentinos era na segunda rodada e de extrema importância, por ser considerado um confronto entre os favoritos. A partida terminou sem gols. Assim, a decisão da vaga ficou para a terceira rodada, quando o Brasil derrotou a Polônia pelo placar de 3 a 1. A Argentina entrou em campo horas depois para enfrentar o Peru precisando vencer a partida por um saldo de gols superior a três para conquistar a vaga na decisão do torneio. O placar foi de 6 a 0 em uma das mais polêmicas partidas até hoje na história das Copas, com o time andino sendo acusado pelos brasileiros de facilitar a vitória da Argentina. Na decisão, o

adversário foi a Holanda, e os argentinos conquistaram seu primeiro título mundial. Destacam Chacra e Palácios (2014) que os brasileiros ficaram com a fama de “campeões morais” ao terminarem o torneio invictos.

Esta pesquisa tem como objeto o futebol. Mas não se trata apenas do esporte e sua prática. Trata-se da análise de como dois veículos de comunicação divulgaram a polêmica Copa do Mundo de 1978, uma das mais ilustrativas referências da rivalidade entre Brasil e Argentina. Para nos aprofundar nesse assunto, vamos analisar o conteúdo de dois jornais impressos: *O Clarín*, da Argentina, e *O Estado de São Paulo*, do Brasil, fazendo uma análise comparativa da cobertura jornalística dos dois veículos.

A intenção é aproximar notícias esportivas de fatos relevantes que aconteciam fora do campo de futebol. Como já citado anteriormente, a rivalidade entre Brasil e Argentina não começou no futebol, o esporte apenas absorveu os atritos sociais e políticos. Durante a realização da Copa do Mundo de 1978, os dois países passavam por um período de ditadura militar. Nos dois países estavam instaurados governos militares repressores da liberdade de expressão e não havia eleições diretas para presidente. Também é necessário considerar que no período a ser estudado o governo militar exercia uma forte censura à mídia. A solução encontrada por muitas empresas de comunicação era estreitar relações com o governo militar para manter suas atividades.

Esta pesquisa aproxima-se bastante do que é considerado pelos teóricos como micro-história, em um contexto no qual um fato menor acaba sendo estudado sob diferentes ângulos, sendo inserido por macro realidades. Isso se justifica pelo fato de as notícias sobre a Copa do Mundo de 1978 refletirem não apenas a realidade dos jogos dentro de campo, mas, também, um contexto de rivalidades que foi construído ao longo de aproximadamente cinco séculos, com disputas de território, geopolíticas e econômicas.

Para atingir esse objetivo, a pesquisa foi estruturada em três capítulos distintos, que, mesmo fazendo parte de um mesmo assunto, foram constituídos de maneira independente. No primeiro capítulo, é realizada uma revisão bibliográfica e são expostas algumas questões teórico/metodológicas. Primeiramente, busca-se entender os motivos que levaram o desenvolvimento

da rivalidade entre o Brasil e a Argentina. Como o trabalho tem no futebol um dos seus pilares centrais, inicia-se esse capítulo expondo sobre a tríade “Futebol / Rivalidade / Sociedade”, ação que tem como propósito encontrar o local do futebol dentro da história. Na sequência, é exposta a abordagem que será dada ao tema, ou seja, é apresentado o modo como será acessado, e por quais caminhos entraremos no tema da rivalidade entre os dois países. Nesse ponto do trabalho, também é necessário fazer um recorte histórico da década de 1970, principalmente para resgatar os acontecimentos que antecedem a Copa do Mundo de 1978, e, assim, buscar entender e justificar os fatos que aconteceram durante esse período. Ainda no primeiro capítulo, faz-se uma exposição sobre o equilíbrio de forças entre o Brasil e a Argentina, pois entende-se que é sob esse fator – aliado ao fator temporal – que se constrói a rivalidade, tanto no futebol, quanto em outros setores da vida.

No segundo capítulo, passa-se a olhar de maneira mais direta para os jornais, pois a proposta do trabalho é trabalhar esses documentos como uma das fontes básicas. Inicialmente, é realizada uma abordagem metodológica, contextualizando o jornal como uma fonte histórica. Nesse ponto, também realizamos uma exposição sobre os dois veículos que serão estudados, o *Clarín* e *O Estado de São Paulo*, buscando contextualizar a maneira com que os dois estão inseridos socialmente no ano de 1978. É nessa seção da pesquisa que passamos a tratar das disputas entre brasileiros e argentinos de forma mais profunda em algumas questões geopolíticas da América do Sul. Na última parte desse capítulo, é feito um recorte relacionado às hidrelétricas, fazendo uma analogia com o futebol e expondo a superfície de maior atrito entre os dois países durante o período pesquisado.

No terceiro e último capítulo, a abordagem se dá essencialmente durante o mês de junho de 1978. É nesse período que acontece a Copa do Mundo da Argentina e também é quando os dois países estão imersos em profundas discussões. Primeiramente, aborda-se a maneira que a Copa do Mundo foi noticiada pelos jornais, e quais os temas que pautaram os jornais durante esse período. Também houve algumas situações dentro de campo bastante controversas e que tiveram abordagens diferentes pelos jornais dos dois países, ilustrando que a rivalidade está presente também no discurso dos dois veículos

de comunicação abordados. Na última parte da pesquisa, são apresentadas situações que foram noticiadas pelos jornais *Clarín* e *O Estado de São Paulo* e que não tratam especificamente do futebol ou da questão das hidrelétricas, porém, dentro do contexto de rivalidade e disputa geopolítica, entendemos que essas questões, por vezes chamadas de “secundárias”, acabaram se tornando decisivas para o cotidiano das disputas e corroboram para o espírito de rivalidade existente entre os dois países.

Dessa forma, se pretende realizar uma abordagem das relações entre o Brasil e a Argentina, e também abordar algo que é bastante intrínseco na cultura popular, que é o espírito de rivalidade contido nas relações entre os dois países.

Em termos metodológicos, o desafio da pesquisa está em manter um diálogo entre a Análise de Discurso e a Análise de Conteúdo. Apesar de conceitualmente os dois modelos apresentarem uma equidistância, o papel do pesquisador é costurar a aproximação e, por vezes, a sobreposição dos modelos de análises. Conforme Deusdará e Rocha (2005), é possível aproximar as abordagens no momento em que se capta um saber que está por trás da superfície textual (Análise de Conteúdo); e busca-se em determinado ponto analisar em que perspectivas a relação social de poder no plano discursivo se constrói (Análise de Discurso). Ao que se refere à concepção de ciência, pode-se analisar como instrumento imparcial de verificação de uma determinada realidade (Análise de Conteúdo); e ao mesmo tempo buscar um espaço de construção de olhares diversos sobre o real (Análise de Discurso).

Há, no entanto, um desafio básico ao propor tal abordagem. Sobre isso, Nogueira (2004) destaca o problema de construir um sistema de abordagem capaz de articular conceitualmente os planos do ator e da estrutura social. O problema é que respostas unilaterais, que privilegiam deliberadamente um desses dois planos em detrimento do outro, passaram a ser menos aceitas na comunidade científica mundial. O caminho a ser seguido em face dessa questão é trazido por Charaudeau (1982), que constrói uma estratégia operacional de análise dos discursos capaz de contemplar, de modo integrado, as múltiplas dimensões envolvidas num ato de linguagem, propondo, portanto, evitar tanto as abordagens que enfatizam de forma excessiva o plano do contexto social, em prejuízo da análise propriamente linguística, quanto as que

tendem a focar de maneira unilateral a dimensão linguística, sem se considerar suficiente as condições sociais de produção do discurso.

Para isso, Charaudeau (1982) propõe o que pode ser entendido como um “Contrato de Comunicação”, ou seja, todo ato de linguagem realiza-se dentro de um tipo específico de relação contratual, implicitamente reconhecido pelos sujeitos envolvidos, e que define, por um lado, os aspectos ligados ao plano situacional (qual a identidade dos parceiros, seus objetivos, o assunto de que falam, e em que circunstâncias materiais) e, por outro, os aspectos relativos ao plano comunicacional e discursivo (tratando de quais seriam as maneiras de dizer ou quais seriam as estratégias discursivas pertinentes).

A operacionalização da análise pode ser dividida em etapas. A proposta de Cavalcante, Calixto e Pinheiro (2014) e adotada nesta pesquisa é iniciar com a realização da pré-análise, que compreende a leitura flutuante, a constituição do *corpus*, a formulação e a reformulação de hipóteses ou pressupostos. Posteriormente, há a exploração do material, onde o investigador busca encontrar categorias, que são expressões ou palavras significativas em função das quais o conteúdo de uma fala será organizado. A análise temática tradicional trabalha inicialmente essa fase. Nesse ponto, recorta-se o texto em unidades de registro, as quais podem ser constituídas de palavras, frases, temas, personagens e acontecimentos, indicados como relevantes para a pré-análise. Em seguida, o pesquisador escolhe as regras de contagem por meio de codificações e índices quantitativos. Finalmente, o pesquisador realiza a classificação e a agregação dos dados, dessa forma, escolhendo as categorias teóricas ou empíricas, responsáveis pela especificação do tema. A partir daí, o analista propõe inferências e realiza interpretações, inter-relacionando-as com o quadro teórico desenhado inicialmente ou abre outras pistas em torno de novas dimensões teóricas e interpretativas, sugerida pela leitura do material.

1 BRASIL X ARGENTINA: POR QUE SOMOS RIVAIS?

Costuma-se dizer que se há um consenso entre brasileiros e argentinos é o de que discordamos de muitas coisas. É bem provável que não sejamos tão diferentes quanto o imaginário popular nos indica. Possivelmente, nossas diferenças estão situadas mais no âmbito da coletividade do que na individualidade de cada brasileiro ou argentino. Nossas diferenças parecem estar muito mais no campo das intenções do que propriamente no campo das ações, e essa é uma realidade que é bastante perceptível no primeiro capítulo deste trabalho. Mesmo que ambos os países disputem a hegemonia econômica, política, e até mesmo bélica na região em alguns momentos, é necessário destacar que os dois sempre deixaram transparecer muito mais as suas semelhanças do que as suas diferenças.

Durante este capítulo, serão destacados episódios em que a rivalidade e o discurso de diferença ficaram muito mais evidentes. A disputa pela hegemonia na América do Sul não é algo visível apenas na história recente de Brasil e Argentina, mas é visível há séculos, e pode ser observada por meio de diferentes áreas de abordagens. É o que pode ser analisado na sequência deste capítulo, com as disputas desenvolvidas nas áreas política e econômica.

1.1 Futebol, rivalidade e sociedade

Fazendo um trocadilho com o esporte, o *pontapé inicial* desta pesquisa é literalmente o futebol. Como já foi explicado anteriormente, no entanto, não é apenas a prática do esporte que nos interessa, mas sim a utilização desse esporte como metáfora das dinâmicas sociais. Na verdade, a ideia de utilizar o futebol como objeto de pesquisa é pouco comum, porém, está longe de ser inédita¹. Também consideramos que a rivalidade, não apenas no futebol, mas

¹ Como exemplos, citamos FILHO, Mário. *O Negro no Futebol Brasileiro*. Mauad X., Rio de Janeiro

em diversos âmbitos sociais, como por exemplo, na política, também já foi alvo de estudo². Mesmo assim, cabe, neste momento, um aprofundamento de algumas questões relativas ao futebol e à rivalidade, além de uma especificação acerca da maneira como essas questões serão abordadas neste trabalho.

De fato, o futebol, como a maioria dos esportes, é excelente terreno para a construção e confrontação de juízos sobre a nação. E é justamente porque os esportes se constituem em “domínio menor” da sociedade que apresentam enorme abertura às mais diversas apropriações ideológicas. Tratando-se da atuação da seleção brasileira de futebol, chega a ser impressionante o modo como se passa, sem nenhuma mediação considerável, da avaliação do time para a avaliação do povo, como apontado por Franco Junior (2007). As vitórias da seleção nacional evidenciam a capacidade do povo brasileiro, enquanto as derrotas são nada menos do que denúncias de sua indignância.

Café (2010) considera que apesar de uma forma bastante breve, o futebol moderno sempre esteve ligado a questões políticas. E esse é o principal ponto de análise do historiador, pois este esporte vai além de um produto da sociedade capitalista, afinal, o que cabe ao pesquisador analisar são os diversos sentidos que o futebol tem para um grupo social.

O futebol, em si, já foi analisado enquanto objeto de pesquisa histórica. Franco Júnior (2007) associa o surgimento do futebol na Inglaterra com a realidade histórica que o país vivenciava. Para o autor, é impossível dissociar o surgimento do futebol da Revolução Industrial, já que ambos baseiam-se na competição, secularização, produtividade, igualdade de chances, supremacia dos mais hábeis, especialização de funções, qualificação de resultados e fixação de regras.

Para Damatta (1994), refletir sobre o esporte é procurar compreender uma esfera de atividade dotada de uma aura paradoxal. Primeiro, porque o

(1947), e GALEANO, Eduardo. *O Futebol ao Sol e à Sombra*. Tradução Eric Nepomuceno e Maria do Carmo Brito, Porto Alegre L&Mpoket (2004).

² Conferir, nesse sentido: FOER, Franklin. *Como o Futebol Explica o Mundo*. Jorge Zahar Editor (2004) e KUMPER, Saimon. *Football Against the Enemy*. The times (1994).

esporte possui notável autonomia, uma esfera marcada por normas, gestos, valores, objetos, espaços e temporalidades muito especiais. Mas também porque o esporte, como arte, é atividade que tem clara autorreferência, não estando a serviço direto ou explícito dos valores que constituem o mundo diário do trabalho, do dinheiro e do controle.

A fixação de regras é o marco da divisão entre o “futebol primitivo” e o “futebol moderno”. Franco Junior (2007) cita o que Sigmund Freud e Norbert Elias trataram respectivamente como o “processo civilizador”. Também é possível pensar a introdução das regras do futebol como uma restrição de comportamento, que permite a vida em sociedade, ou seja, o controle dos interesses individuais em nome do bem comum:

A época era de padronização, codificação e fixação em vários planos da vida inglesa. Em 1852, os mandatos de convocação diante da Justiça foram uniformizados. Ao longo do Século XIX surgiram diversos códigos do direito criminal. Em 1858 elaborou-se o projeto do imponente Oxford English Dictionary, que recolhe, identifica, registra, legitima todos os vocábulos da língua. Não é de estranhar, portanto, a multiplicação das regras esportivas: para corridas de cavalos por volta de 1750, golfe em 1751, críquete em 1788, rúgbi em 1846, ciclismo em 1868. E futebol em 1863 (FRANCO JUNIOR, 2007, p. 26).

Após a queda do Império Napoleônico, a Inglaterra é alçada ao status de referência cultural e política. Franco Junior (2007) aponta o surgimento no país de uma demanda pela construção de um caráter de suas elites, com o compromisso de tornar a Inglaterra a maior potência mundial. Uma maneira encontrada para o desenvolvimento dessa ideia foi aplicada entre os anos de 1820 e 1900, a partir de um conjunto de ações às quais o autor chama de “cristianismo atlético”.

A introdução de esportes nas escolas é o que melhor ilustra esse pensamento. O desenvolvimento da fibra moral da elite britânica destinada a governar regiões longínquas e inóspitas, plenas de súditos hostis e pouco civilizados, era essencial para as pretensões inglesas.

Em 1859, apenas quatro anos antes do estabelecimento das regras do futebol, Charles Darwin lança *A Origem das Espécies*, que posteriormente

seria utilizado por Herbert Spencer, entre outros autores, para adaptar a vida social à ideia biológica da sobrevivência dos mais aptos. Nesse período, respeitadas figuras inglesas como Thomas Arnold (diretor da Rugby School e introdutor dos esportes no sistema educacional), David Livingstone (explorador e missionário na África), Charles Gordon (combatente na Criméia e na China, depois governador do Sudão) e William Gladstone (primeiro-ministro quatro vezes), defenderam abertamente o esporte como maneira de atingir a rapidez no raciocínio, fibra ao espírito e vigor ao corpo.

O estabelecimento de regras, não somente no esporte, mas também na vida política e social, era essencial para a alimentação de uma ideologia do liberalismo mais antigo, essencial para que não surgissem novos Bonapartes. Era essencial também para que os mercados de todo o mundo estivessem abertos aos produtos da Inglaterra, para que sua monarquia parlamentarista pudesse funcionar com o mínimo de tensões sociais.

Com esse espírito, representantes de diversas escolas reuniram-se em 1848 para a primeira tentativa de uniformização das regras de um esporte que era praticado nas instituições de ensino. Há registros de aproximadamente sessenta equipes nessa época, mas em cada região praticava-se uma regra específica. Durante quase duas décadas, a padronização foi discutida, até que no dia 26 de outubro de 1863 representantes dos estudantes normatizam o futebol. As regras foram aprovadas em assembleia no dia 24 de novembro e publicadas no jornal esportivo *Bell's Life* de 8 de dezembro.

O historiador Robert Levine é citado por Franco Junior (2007) por relacionar o esporte como uma “metáfora da dinâmica social”, pois a regulamentação do esporte faz parte de um processo que visa dominar o corpo, submetendo-o a um poder socialmente instalado. Dessa forma, surgem o capitão do time, o presidente do clube, o representante da federação, o conselho disciplinar e a confederação, constituindo micro-sociedades à imagem e à semelhança da macro-sociedade que as cria e acolhe. Essa análise também é citada por Damatta (1994), que expressa a ideia expondo que o futebol é um formidável código de interação social. O futebol ajuda uma coletividade altamente dividida internamente a afirmar-se como uma coletividade capaz de atuar de modo coordenado, corporativamente e de

eventualmente vencer.

Podemos considerar que uma série de fatores contribuiu para que fossem criadas as condições ideais para o surgimento do futebol. O convívio entre diferentes classes sociais, por exemplo, também é apontado como fator importante. Wisnik (2008) enfatiza que, entre os anos de 1820 e 1860, na Inglaterra, surgiu um enorme vácuo no lazer popular. Passatempos bucólicos como adestramento de cachorros para atacar ursos, briga de galos e jogos de bola em aldeias praticamente desapareceram enquanto o povo, em geral, ia para as cidades em busca de trabalho. Nesse quadro, surge algo tedioso, as novas classes trabalhadoras eram controladas pela ordem moralizadora de uma burguesia municipal inclinada a erradicar toda a intemperança e a diversão não civilizada.

Dentro desse quadro social da Inglaterra do século XIX, é possível associar o futebol, a partir do estabelecimento de regras, como um código socialmente estabelecido. A partir dessa afirmação, pode-se tomar o estabelecimento das regras do futebol como uma metáfora que reflete a cultura da Inglaterra do século XIX, já que tinha um significado coletivo. Logo as regras desse esporte encontrariam fronteiras abertas em diferentes partes do mundo para que as mais diferentes culturas as absorvessem.

Com relação à rivalidade que se estabelece no campo esportivo, em geral, ele é associado às discussões que extrapolam as questões ligadas aos 90 minutos de jogo, ou às quatro linhas da cal. Ao analisar uma rivalidade esportiva, se observa que muito do que constitui o confronto dentro de campo reflete fatores sociais, que estão presentes no dia a dia dos grupos envolvidos na disputa, representados pelos clubes de futebol.

O futebol pode ser analisado como uma fronteira entre as diferenças, o local onde fica visível o “nós” e o “eles”. É importante ressaltar que no campo de jogo não fica evidente apenas as diferenças coletivas de uma sociedade, mas conflitos internos, como os de ordem sentimental. A diferença se estabelece como a força motriz do futebol, o único sentido se dá através do confronto dos antagônicos.

Na avaliação de Franco Junior (2007), a dinâmica da rivalidade se

aplica tanto às seleções nacionais quanto aos clubes. No primeiro caso, por exemplo, à medida que o tempo nos afasta de 1950 e o Uruguai deixa de ser protagonista na disputa de títulos mundiais, a rivalidade entre brasileiros e uruguaios se torna menos ríspida. Ao contrário, o fortalecimento futebolístico da Argentina e algumas vitórias marcantes sobre o Brasil foram criando nova rivalidade. Entre os clubes, podemos citar o caso de Barcelona e Espanyol. Rivais históricos pela supremacia do futebol da região da Catalunha, o clássico foi perdendo intensidade na medida em que o Barcelona foi se tornando um time de apelo mundial. Atualmente, seu maior rival é o Real Madri. Tanto em decorrência das taças disputadas quanto pela representação política que carregam as camisas madrista e catalã. A rivalidade entre os dois clubes, aliás, ultrapassa a fronteira espanhola e a disputa entre blancos e azuis-grená se tornou um dos maiores clássicos do futebol mundial.

Os atritos políticos e territoriais ocorridos no passado entre dois países podem alimentar a rivalidade futebolística de suas seleções. É o caso de Escócia e Inglaterra, Bolívia e Chile, EUA e México. E, provavelmente, esse seja o principal motivo que alimenta a rivalidade entre Brasil e Argentina. Esses dois países fronteiriços mantêm um conflito no campo político, econômico e diplomático há vários séculos. Por vezes, há uma aproximação maior, e, por outras, aumenta o atrito, e, por consequência, ocorre um afastamento de interesses.

No entendimento de Wisnik (2008), ao dar forma lúdica ao mito da concorrência universal, o futebol criou o campo no qual essa concorrência muda de sentido em dois aspectos: o social e o simbólico. No campo social, a apropriação se dá por agentes que não teriam oportunidade no campo da competição econômica (operários ingleses ou brasileiros pobres, por exemplo). No campo simbólico, a concorrência se dá em código corporal e não verbal, com sentidos não determinados, desfrutando de um estatuto correspondente ao da autonomia da obra de arte.

Alves (2006) dedica um olhar especial ao futebol tendo por base o ponto de vista do torcedor, que, dentre as maiores motivações para apoiar incondicionalmente um time, tem o prazer de ver o adversário derrotado. O pesquisador propõe uma analogia entre o futebol e o sadismo. A maior alegria

do torcedor seria de alguma maneira humilhar o oponente. Ele ainda faz uma reflexão sobre o cotidiano de qualquer pessoa que se diverte com o sofrimento alheio. Cita como exemplo a televisão e seus desenhos animados. O ápice da animação, o ponto mais engraçado, é quando o vilão “quebra a cara”. Mas não em definitivo, já que na cena seguinte ele está completo e reestruturado para novamente fazer o espectador se divertir com o mesmo mecanismo cômico.

Essa lógica é aplicada inteiramente ao futebol, no qual o torcedor busca matar moralmente o adversário, mas tendo consciência de que na rodada seguinte ele vai estar completamente recuperado para ser novamente alvo do ataque e da diversão.

Assim, se, por um lado, o prazer de superar um adversário é uma das grandes forças atrativas no futebol, por outro, a derrota torna-se um grande martírio. A rivalidade, independente do resultado em campo, exerce uma influência direta no cotidiano das pessoas e na sua autoestima, se referindo a questões que extrapolam o campo. Uma derrota em um clássico – como é o caso, por exemplo, do confronto Brasil e Argentina – define o rumo iniciado e nortado nos bastidores das seleções.

No caso Brasil X Argentina, a rivalidade ganhou um contorno mais forte durante a Copa do Mundo de 1978, que foi realizada na Argentina, e que teve o país sede como campeão. As duas seleções se enfrentaram na mesma chave da segunda fase, que, pelo regulamento, foi a fase que definiu as duas seleções que decidiram o título, sendo que, entre brasileiros e argentinos, apenas uma seleção avançaria para a fase final. Empatados em número de pontos, a decisão da vaga foi disputada no saldo de gols, com vantagem para os argentinos. Desde então, a crônica esportiva brasileira, bem como alguns autores, trazem à tona a suspeita de que os argentinos teriam reservado parte do orçamento da Copa para a compra de resultados, caso os gols não aparecessem naturalmente durante os 90 minutos. Giulianotti (2002) lembra a suspeita de que houve manipulação de resultado em uma das partidas semifinais, quando a seleção local precisava vencer os representantes peruanos por uma diferença mínima de três gols. Antes da partida, o governo da Argentina enviou 35 mil toneladas de cereais de graça para a junta peruana e liberou cinquenta bilhões de dólares em crédito bancário. Os argentinos

venceram pelo placar de 6 a 0 após os peruanos terem entrado em campo com quatro reservas e perdido várias chances fáceis de marcar gols.

Independentemente da veracidade das informações sobre a compra de resultados dos jogos da Copa do Mundo de 1978, desde a eliminação do Brasil, o imaginário coletivo dos brasileiros é alimentado por informações sobre a “injustiça” cometida naquela competição, fato que incita e mantém vivo no imaginário coletivo a rivalidade entre os torcedores dos dois países.

1.2 Como olhar para a rivalidade de Brasil X Argentina

A rivalidade é um tema bastante amplo e sujeito a diversas abordagens diferentes. A proposta desta pesquisa foi tratar a rivalidade entre dois países, e, para isso, não se pode deixar de lado alguns conceitos que orbitam sobre o tema. Durante toda a pesquisa, a abordagem dada foi a de duas nações rivais (Brasil X Argentina) disputando uma hegemonia (possivelmente apenas simbólica) da América do Sul.

Pode-se inserir conceitos esportivos no cotidiano da rivalidade entre o Brasil e a Argentina. O torcedor rival perde a característica de pessoa ou sujeito, mas ganha o status de animal ou coisa, sem nenhum vínculo de comprometimento social ou humano. Na prática dos atos de violência, os “torcedores” perdem a percepção da existência do outro. Conforme Pimenta (2003), a violência deve ser entendida pela via do esvaziamento do sujeito social, que, diminuído de sua capacidade de filtragem, constrói a identidade e as identificações, tendo a violência como elemento estruturante. Ao exemplificar esse conceito, é possível utilizar um trecho extraído de reportagem produzido pela TV Bandeirantes, em 20/8/1995, após uma briga entre torcedores do Corinthians e do Palmeiras. O episódio ficou conhecido como a “Batalha Campal do Pacaembu”. Trata-se de entrevista com torcedor da “Mancha Verde”, tido como suposto autor da morte do “Independente” Márcio Gasperin da Silva. Na entrevista, o repórter pergunta: “O que você acha dessa violência?”, e a resposta é: “A gente tem um cachorro que vai e te morde e você vai ficar parado?”.

Considerando o fato de trabalharmos a relação de dois países limítrofes, é necessário entender os motivos que levam à desumanização dos que vivem do lado oposto da linha de fronteira. E o processo inicial é esclarecer alguns pontos sobre a conceptualização de alguns elementos importantes, principalmente aqueles relacionados ao “nacional”. Isso reporta há 200 anos no passado, saindo da América do Sul e novamente buscando elementos na Europa, onde, ao longo do século XIX, operou-se a conversão dos principados para a Europa das Nações.

Thiesse (2001/2002) explica que antes de ser uma transformação da cartografia estatal, a mudança foi uma mutação radical das representações. O advento dos Estados Nações foi promovido por meio da elaboração de um sistema de identidades coletivas inteiramente novas. Atualmente, a existência de identidades nacionais fortes é incontestável. Mais ainda, essas identidades nacionais, que parecem irredutíveis e ancoradas nas profundezas da história, parecem constituir o maior obstáculo para a União do continente. Entretanto, essas identidades nacionais não existiam em 1800. Sua criação foi uma das grandes obras europeias do século XIX, da qual participavam massivamente intelectuais, artistas e escritores. Paradoxo maior: as identidades nacionais foram forjadas no contexto de intensas trocas internacionais, cujo resultado foi a determinação de modelo comum de produção das diferenças.

Quando falamos em nação, busca-se entender uma definição bastante aproximada da conceptualização e da discussão levantada por Thiesse (2001/2002). A autora levanta a hipótese que nação pode ser concebida como uma comunidade de nascimento, instituindo uma igualdade e uma fraternidade de princípio entre seus membros. Para a pesquisadora (2001/2002), a nação, diferente de um grupo populacional definido pela sujeição a um mesmo monarca ou governo, situa-se independente da história dinástica e militar: ela preexiste e sobrevive a seu príncipe ou mandatário. Conforme Thiesse (2001/2002), o que constitui a nação é a transmissão através das gerações de uma herança coletiva e inalienável, e a criação das identidades nacionais consistirá em inventariar um patrimônio comum, isso é, de fato, em inventá-lo. Thiesse (2001/2002), nesse sentido, indaga qual seria o patrimônio simbólico e material que possuiriam o junker prussiano e o camponês bávaro, ou o

burguês toscano e o pastor calabrês, ou ainda o notário normando e o artesão da região das Cevanas. A resposta não seria evidente e uma intensa atividade criadora de séculos foi necessária para construir a identidade nacional de alemães, italianos, franceses, espanhóis, enfim, de todos os homólogos europeus.

Duroselle e Renouvin (1967) avaliam que uma solidariedade de grupo traz a consciência de pertencer a uma comunidade distinta. Quando essas formas de consciência coletiva se manifestam fora de relações de parentesco familiar, aparece um esboço do que é chamado de sentimento nacional. As fronteiras desses esboços são complexas e múltiplas e apontam alguns caminhos que podem servir de indicativo para uma análise historiográfica. São elas: o território, a raça, a língua, as recordações históricas, as tradições, a civilização intelectual, a religião, as condições econômicas ou a disparidade social.

Entende-se, portanto, algo que novamente nos remete à memória, seja a construção coletiva de um suposto passado de orgulho ou um sentimento de diferença do “outro”, tema que será aprofundado em breve. Porém, cabe ressaltar o apontamento de Thiesse (2001/2002) no sentido de que, mesmo que o conceito de nação seja algo que podemos considerar recente na história da sociedade, ela se cria ou surge a partir de elementos recortados e ligados ao povo que está mantendo relações dentro das fronteiras, sejam elas físicas ou simbólicas. Para a autora, a cultura popular que assim se encontra promovida como fundamento da cultura nacional não se confunde com a cultura viva do campesinato: trata-se, sobretudo, de um artefato que certamente toma emprestado dessa cultura popular alguns elementos, mas que, antes de tudo, destina-se a operar uma renovação da cultura letrada. Valendo-se do precedente ossiânico, grupos de jovens alemães, suecos, ou russos colecionam e publicam atos épicos, sagas, baladas: os velhos guerreiros celtas, germânicos, vikings ou eslavos são intensamente mobilizados em um duplo combate pela refundação cultural da Europa e pela luta contra todos os tipos de tirania.

Porém, de acordo com Thiesse (2001/2002), cabe também enfatizar que a historiografia de uma nação distingue-se da historiografia de uma monarquia

em sua forma e natureza. A historiografia de uma nação deve colocar em relevo a continuidade e a unidade do coletivo através dos séculos, ainda que opressões, infortúnios e traições façam parte da história. Nesse sentido, o romance, enquanto gênero literário criativo, foi o modelo narrativo utilizado para as primeiras elaborações eruditas de escrita nacional e o vetor de difusão da nova visão e abordagem do passado. Hoje, por exemplo, a evocação de uma nação se dá por meio de novos mecanismos como as peças publicitárias. Se a leitura é geralmente imediata e sem ambiguidade, é porque uma codificação da natureza em termos nacionais foi conduzida nos séculos anteriores. A elaboração da paisagem nacional é obra coletiva, conduzida por poetas, romancistas e pintores.

Ao aprofundar-se um pouco mais no conceito de “nação”, parte-se então para o que chamamos de nacionalismo, que é propriamente a força motriz da rivalidade entre o Brasil e a Argentina, ou de quaisquer outras rivalidades nacionais.

Smith (2000) considera que no início do século XX, a ideia nacional havia se convertido na norma. Isso torna cada vez mais difícil teorizar sobre o nacionalismo. Uma vez desenvolvido o Estado Moderno, territorial e soberano, houve uma tendência esmagadora para que as populações desses Estados se identificassem com eles em termos nacionais. Quando o Estado Nacional generalizou-se por grande parte da Europa, todos haviam passado a falar a linguagem do nacionalismo. Em um mundo em que quase todos são nacionalistas, torna-se mais importante distinguir os nacionalismos. Isso não impede, no entanto, que pontuemos algumas questões importantes sobre o nacionalismo, as quais são esclarecidas pelo próprio Smith (2000), já que a história do nacionalismo é tanto uma história dos seus interlocutores quanto da ideologia e do movimento em si. Exatamente por parecer tão multiforme e esquivo, o nacionalismo só se revela em suas diversas formas, ou melhor, nas formas que nos são dadas por seus proponentes críticos. Por isso, é considerado um movimento histórico por excelência, pois emergiu em uma dada época histórica e se manifesta apenas em situações históricas específicas.

Além disso, há um sentido mais particular em que podemos chamar o

nacionalismo de movimento profundamente “histórico”. Historiadores aparecem como destaque entre seus criadores e devotos, mas também lideram a tentativa de avaliá-lo e compreendê-lo. Smith (2000) destaca que em suas respectivas comunidades, o historiador francês Jules Michelet, o teórico político irlandês Edmund Burke, o historiador russo Nicolai Karamzin, o historiador tcheco Frantisek Palàcky e muitos outros construíram as bases morais e intelectuais de um nacionalismo emergente. Porém, na mesma medida, os historiadores estiveram entre os principais críticos e opositores do nacionalismo, especialmente depois da Segunda Guerra Mundial. Eles atribuíam ao nacionalismo uma multiplicidade de consequências perniciosas, indo desde políticas sociais e culturais absurdas até o terror totalitário e de desestabilização global. Em geral, os historiadores têm visto o nacionalismo como uma doutrina, um princípio ou uma tese. O nacionalismo é equiparado ao sentimento nacional, um sentimento de pertencer à nação e se identificar com ela. A nação, por sua vez, é vista como atendendo a necessidades individuais e coletivas, de proteção e estabilidade, que assumem uma importância muito maior quando os laços de família e vizinhança se afrouxam.

Para o historiador crítico, entre outros estudiosos, não há razão para que os seres humanos não prefiram viver, trabalhar, e ser governados em conjunto, talvez, com base em algum laço cultural ou experiências históricas comuns. Mas essa doutrina não pode ser confundida com as variedades continental e romântica do nacionalismo, que tratam os indivíduos como membros de comunidades imutáveis, que só podem ser livres quando governam a si mesmas. A compreensão histórica do complexo fenômeno do nacionalismo baseia-se em uma definição bastante estreita e em um modo de explicação bastante específico. O que significa situar a origem do nacionalismo e os conceitos no contexto do pensamento e da história europeus. Isso pelo fato de a Europa moderna ter assistido a uma desarticulação de seus tipos de comunidade, economia e ordem política, as vantagens e os aspectos psíquicos do nacionalismo são enfatizados, e recebem especial atenção as funções que ele exerce para os indivíduos desorientados e as comunidades retiradas de seus lugares de origem. O mecanismo que explica a difusão do nacionalismo para a Ásia, África e

América Latina é uma mescla de imitação e reação. As elites adotam essas ideias de nação e regeneração nacional. O nacionalismo floresce nas circunstâncias específicas do imperialismo e do colonialismo europeus. Porém, sua disseminação acontece automaticamente desde que tenham surgido, mesmo que em pequeno número, uma camada de intelectuais no país receptor.

Ultimamente, aparecem dois outros aspectos da compreensão que os historiadores têm do nacionalismo. O primeiro é o de que a natureza de nação é construída, o que significa que a nação, objeto dos esforços de todo nacionalismo, é artificial. O segundo aspecto é a modernidade das nações e do nacionalismo. Os nacionalistas aspiram a um passado mítico, que existe apenas nas suas mentes e de seus seguidores, mesmo quando é cinicamente fabricado para fins políticos atuais.

Tal conceito pode ser utilizado para fazer uma análise esportiva. Carvalho (2012) avalia que se pode compreender que o esporte é algumas vezes usado como um veículo de nacionalismo ou de patriotismo. Nesse contexto, modalidades esportivas podem servir de elementos da reprodução de uma identidade nacional ou cultural, assim fazendo uma espécie de “propaganda do país”, criando estereótipos sobre quem são os nacionais daquele Estado e como é a sua cultura. Da mesma forma, as rivalidades características da formação das identidades também podem ser exercitadas por meio do futebol e de outros esportes, ajudando a marcar as diferenças entre “nós” e os “outros”.

Também vale elencar que a pesquisa em curso aborda questões sobre dois países fronteiriços, portanto, nos cabe destacar, mesmo que de maneira breve, alguns aspectos sobre os conceitos de fronteiras que são considerados nesta tese. Para tanto, buscamos em Golin (2002) algumas questões centrais. De certa forma, o limite é o centro da fronteira, entendida como uma região, zona ou faixa fronteiriça. Na geografia política, o Estado moderno necessita do estabelecimento de limites bem definidos para suas áreas de soberania e organização. Seu território precisa ser claramente limitado, não por áreas fronteiriças, mas por linhas inconfundíveis. Essas linhas são os limites interestaduais. Porém, neste estudo, considera-se um conceito mais amplo, no

qual a fronteira é interpretada como uma faixa ou zona existente nos dois lados da linha divisória e de difícil precisão. Contudo, quando destaca-se o conceito de fronteira, que vai além da linha divisória formal, existem as fronteiras econômicas, sociais, culturais, ambientais, que podem limitar mais do que a divisória, ao mesmo tempo em que são menos perceptíveis, ou pouco compreensíveis pelo senso comum. Além do patamar mais complexo da sua interpretação, a fronteira inseriu no imaginário social como um limite. Isso se deve à carga geopolítica que existe na sua representação como limite burocrático-administrativo entre Estados nacionais, ou mesmo entre municípios, regiões e unidades da Federação.

Partindo desse princípio e levando em consideração os apontamentos de Golin (2002), pode-se afirmar que, apesar da ideia de fronteira formal, delimitada pelos governos centrais, tanto do Brasil, quanto da Argentina, quando discute-se algumas questões inerentes a aspectos culturais, é necessário considerar que no imaginário coletivo de brasileiros e argentinos as fronteiras não se limitam às fronteiras políticas. A região que abrange a linha divisória entre brasileiros e argentinos não trata apenas de questões econômicas ou políticas, considera que tratam-se também do aspecto mais primitivo que alimenta a rivalidade, ou seja, a divisão entre o “nós” e o “eles”, que é também o fundamento básico do futebol, que, como já foi abordado anteriormente, é visto neste trabalho como uma guerra simbólica. Ao agregar, aqui, o conceito de nação, Golin (2002) destaca a importância de se considerar o seu conteúdo cultural-imaginário. O Estado-nação procura delimitar e zelar por suas fronteiras geopolíticas, ele também se empenha em demarcar suas fronteiras culturais, estabelecendo o que faz e o que não faz parte da nação. Na verdade, assim como Thiesse (2001/2002), Golin (2002) também considera que a nação é um produto cultural que surge na Europa a partir do fim do século XVIII e que se constitui em uma comunidade política imaginária.

No âmbito esportivo, como pode ser observado em Gallegos (2003), esse conceito se evidencia. Embora, ao longo dos anos, as tendências tenham mudado gradualmente, as diferenças nunca desapareceram em sua totalidade. E esse sentimento regionalista exacerbado é muito visível no espaço futebolístico. Esse tipo de sentimento, agregado à exploração comercial dos

veículos de comunicação (especialmente na rádio e televisão), apela a esse discurso para acentuar a supremacia de uma região sobre a outra.

Para tanto, utiliza-se o futebol como um conceito de guerra simbólica, baseado em Franco Junior (2007). Para o autor, a sociedade consente alguma forma de violência considerada legítima (prisão, tortura, execução, sacrifício) para controlar violências ilegítimas (roubo, coação, assassinato). Aceitar a ideia de sacrifício ritual de alguns indivíduos seria concordar explícita ou implicitamente com a ideia da guerra como um sacrifício coletivo. A morte de algumas pessoas, oferecidas aos deuses ou à sociedade, significa a sobrevivência de tantas outras. A guerra sintetiza essa crença. Conforme a definição de Carl Von Clausewitz³, a guerra é a “continuação – ou prevenção – da política por outros meios”.

Se o futebol é guerra simbólica, a linguagem utilizada vai conter expressões significativas como “matar a bola”, “matar a jogada” ou “matar o jogo”. O jogador avançado e responsável por fazer a maior parte dos gols é o “artilheiro”, o “matador”. O representante do time perante a autoridade arbitral é conhecido por uma patente militar: “o capitão”. Os futebolistas devido à disposição em campo ganham apelidos como “guerreiros”, “algozes”, “carrascos”. Outros, pela força física apresentada, são chamados de “tanque”. A partida é chamada de “confronto”, “duelo”, “embate”. O treinador, como um general, mantém a tropa organizada e com boas condições de vencer. Ele determina as regras de convívio do grupo, quase sempre enfatizando as virtudes militares de camaradagem e disciplina, união e concentração (termos de conotação militar). Como um general, o treinador é quem define a tática a ser empregada, escolhendo seus homens e alocando-os no terreno de jogo, dispondo suas ações conjuntas ou individuais que devem ser executadas para defender e atacar (vocábulos militares). Em uma formulação mais elementar, o futebol é o jogo no qual quem está com a bola ataca, quem não está se defende. O dado fundamental é a ocupação do espaço, do terreno de batalha.

³ Como exemplos, citamos FILHO, Mário. *O Negro no Futebol Brasileiro*. Mauad X. (1947) e GALEANO, Eduardo. *O Futebol ao Sol e à Sombra*. L&Mpoket (1995). Carl Phillip Gottlieb von Clausewitz (Burg, 1 de junho de 1780 – Breslau, 16 de novembro de 1831) foi um militar do Reino da Prússia que ocupou o posto de general e é considerado um grande estrategista militar, autor da obra “Da Guerra” (Vom Kriege).

Analisando o futebol desse modo, como guerra simbólica, não é de surpreender que uma das principais rivalidades do esporte no mundo se dê entre Brasil e Argentina. Isso implica dizer que é compreensível que as divergências entre os dois países acabe convergindo para uma solução simbólica entre as seleções dos dois países. Brasil e Argentina têm um histórico de aproximação e afastamento bastante constante no âmbito político, que pode ser observado desde o processo de formação dos dois países.

Cervo (1994) entende que as relações internacionais são orientadas por dois sistemas de determinação, nos quais se localiza parte da explicação desejada. Inicialmente aquele que age na origem correspondente a determinadas forças históricas que são fatores de propulsão de acontecimentos, o sistema da causalidade, e aquele que age no fim correspondente aos desígnios, ambições, objetivos e metas que as sociedades, os Estados e suas lideranças consignam como incumbências da política o sistema de finalidade.

Rieckziegel (1996) considera que a característica maior do relacionamento brasileiro-argentino, mesmo que intercalado por momentos de amizade e de certa indiferença, foi o constante estado de rivalidade. Muitas vezes não oficialmente declarado, o antagonismo permeou essas ligações na medida em que suscitou desconfianças e prevenções mútuas. Esse contexto de rivalidade foi animado, antes de qualquer coisa, pela pretensão de liderarem as nações do bloco sul-americano, ou seja, pelo desejo de hegemonia regional.

O pesquisador argentino Scenna (1975) avalia que as relações com o Brasil constituem em um aspecto crucial para a política exterior da Argentina. O Brasil é um ponto chave para entender a Argentina em seu contexto histórico no âmbito internacional, não apenas americano, mas também mundial. Esse posicionamento, mais do que um fator influenciador da história recente da Argentina, passou a ser moldado a partir do Tratado de Tordesilhas⁴.

Procurando as raízes dessa disputa, Rieckziegel (1996) se reporta ao

⁴ O Tratado de Tordesilhas, assinado na povoação castelhana de Tordesilhas em 7 de junho de 1494, foi um tratado celebrado entre o Reino de Portugal e a Coroa de Castela para dividir as terras “descobertas e por descobrir” por ambas as Coroas fora da Europa.

século XIX, pois, ao longo dele, o Império brasileiro e os governos argentinos manobram em busca de influência junto aos pequenos Estados limítrofes, notadamente o Uruguai, o Paraguai e a Bolívia:

Observamos, já em 1820, o choque entre os dois países pela posse da Cisplatina; em 1852, o Brasil moveria guerra contra o ditador portenho Rosas, acusado de tentar restabelecer o Vice-Reinado do Prata, espécie de condomínio regional, liderado pela Argentina e que incluía Paraguai, Uruguai e Bolívia (...) Um outro episódio nas relações Brasil-Argentina, no final do século XIX, configurar-se-ia na disputa pelo território de Palmas de Misiones. O rumoroso caso, que envolveu dois renomados chanceleres, Zeballos e visconde [sic] de Rio Branco, acabou sendo arbitrado pelos Estados Unidos, que se pronunciaram favoravelmente ao Brasil (...) Os atritos entre os dois países voltaram a ocorrer no início do século XX, evidenciando um dos momentos de maior tensão nessa relação. Os incidentes iniciaram-se em 1906, com as acusações constantes do ministro do Exterior argentino, Zeballos, a respeito do que ele considerava armamento excessivo da Marinha brasileira, o que viria a contrariar o princípio de equivalência naval entre as duas nações. Zeballos não poupava críticas ao militarismo e ao imperialismo brasileiros. Note-se aí que o chanceler argentino nada fazia de original uma vez que essas posturas já haviam sido invocadas no século anterior por Alberti, um intérprete do ódio e da desconfiança ao Brasil (RIECKZIEGEL, 1996, p. 31-32).

Dentre os fatos que mais chamam a atenção de Rieckziegel (1996) nas relações de rivalidade entre o Brasil e a Argentina, um em especial é considerado o ápice nessas relações de conflito. O chamado episódio do telegrama nº 9, em 1908, quando a chancelaria argentina interceptou um telegrama cifrado de Rio Branco à delegação brasileira no Chile. Decifrando-o, mandou publicá-lo na imprensa portenha de forma deturpada, dando-lhe caráter de intriga contra a Argentina⁵. Rio Branco respondeu publicando o Código Diplomático Brasileiro e o texto original do telegrama para demonstrar que a versão divulgada na Argentina fora adulterada. Rieckziegel (1996) destaca que Rio Branco comentaria depois: “Mais do que nunca é preciso que nos ponhamos em estado de defesa contra esse vizinho, desde que loucos

⁵ Ver HEINSFELD, Adelar. *A geopolítica do Barão: as ações de Rio Branco e seus reflexos na Argentina*. Curitiba: Prismas, 2015, p. 218-234 e HEINSFELD, Adelar. *Falsificando telegramas: Estanislao Severo Zeballos e as relações Brasil-Argentina no início do século XX*. In: Anais do IX Encontro estadual de História. Porto Alegre, 14-18 de Julho de 2008. Disponível em <http://eeh2008.anpuh-rs.org.br>.

como Zeballos ali podem agitar a opinião”.

Na década de 1940, surgiria um outro foco de tensão entre Brasil e Argentina, cujo ponto-chave eram as pretensões imperialistas dos Argentinos. Em 1943, um Grupo de Oficiais Unidos (GOU), sob a liderança de Juan Domingo Perón, lançou um manifesto no qual especificava que seu objetivo era a formação de um bloco de regimes, semelhante ao dos países hispano-americanos vizinhos, a fim de isolar o Brasil e de combater a influência norte-americana na região. Rieckziegel (1996) cita uma passagem do documento: “uma vez que o Brasil caia, o continente sul-americano será nosso”, alusão inconfundível ao entrave que o Brasil representava aos planos hegemônicos argentinos. Essas intenções, contudo, tiveram de ser contidas, especialmente em função da Guerra Mundial, que obrigou a Argentina a estabelecer relações comerciais com o Brasil de forma mais intensa, uma vez que suas fontes tradicionais de importação da Europa estavam bloqueadas.

Não se pode, contudo, analisar a rivalidade entre Brasil e Argentina somente por meio de fontes oficiais, sejam políticas ou diplomáticas. Como lembrado por Rieckziegel (1996), em alguns períodos a diplomacia oficial esforçava-se para manter as relações governamentais em níveis amistosos, seguindo a linha inaugurada por Rio Branco. Para demonstrar esse procedimento, parece-nos adequada a expressão “harmonia oficial” utilizada por Hilton (1983), que sugere a existência de questões que ocorriam à margem das relações diplomáticas propriamente ditas.

A década de 1950, por exemplo, inaugura um novo capítulo na história da rivalidade Brasil-Argentina. Os anos que coincidiram com os mandatos de Vargas e de Perón seriam de uma tensão tão exacerbada que, talvez, somente encontrem similaridade na época de Rio Branco e de Zeballos.

Numa primeira análise, esse período se apresentaria para as relações entre ambos os países como de aparente simetria. De um lado, os dois passaram a dispor dos requisitos básicos que lhe permitiram rápidos processos de industrialização, ou seja, manter fortes vínculos de dependência com o sistema internacional. Tanto Brasil quanto Argentina foram capazes de realizar um processo de substituição de importações durante a década de

1930 que, se mantido em um longo prazo, poderia conduzir a uma transformação estrutural em suas economias. Por outro lado, direta ou indiretamente, ambos viram a si mesmos envolvidos na inserção da América Latina em um projeto político internacional, No que se refere ao aspecto político, a orientação populista-nacionalista e a estrutura pareciam também aproximá-los. Evidentemente, essa similitude político-ideológica dos governos Vargas e Perón não significou, de forma alguma, o abandono de uma postura competitiva entre as nações. Rieckziegel (1996) esclarece que, ao lado das semelhanças, havia diferenças fundamentais, sobretudo no que diz respeito à direção dada à política externa de cada governo.

Ao discutir as relações entre Brasil Argentina, Frota (1991) considera que a origem da rivalidade data do século XV, remetendo a um período histórico anterior, inclusive, ao chamado descobrimento do Brasil, em 1500. Segundo aponta o historiador, o conflito se instaura ainda nos anos finais de 1400, quando Espanha e Portugal discutiam a divisão das terras localizadas a oeste da Europa:

Quando – no século XV – Portugal e Espanha iniciaram o ciclo expansionista dos descobrimentos, os interesses das duas coroas geraram conflitos, procurando as suas diplomacias resolver as questões jurídicas através dos respectivos títulos das possessões descobertas. Recorreu-se às bulas papais como a “Inter Coetera” (1493), pela qual, o meridiano divórcio de cem léguas a oeste de Cabo Verde, estabelecia limites entre as possessões lusas e espanholas. Pelo Tratado de Tordesilhas (1494), ficou estabelecida a medida de 370 léguas a oeste da linha traçada anteriormente. Assim, quando Cabral chegou ao Brasil, já eram portuguesas as terras descobertas. As correntes colonizadoras lusas não tardaram a encontrar resistência por parte de corrente espanhola, que efetuava também a ocupação do seu espaço territorial.

Descoberto o rio da Prata pelos espanhóis, o rei português, D. João III, dividiu o seu domínio em doze Capitanias Hereditárias dentro de uma estratégia inicial de contenção de espaço geopolítico. A implementação dessa estratégia já evidenciava os desígnios de incorporação daquele rio ao território português. Os interesses brasileiros no rio da Prata, no século XIX, representaram a continuidade da política portuguesa, cuja expansão em direção ao Prata foi assinalada com a fundação da Colônia do Sacramento. Os efeitos dessa política, contudo, só se fizeram notar em toda a sua extensão, após o período de ruptura da união das duas coroas peninsulares, iniciado sob Felipe II (FROTA, 1991, p. 23)

O período do Brasil Colônia também nos mostra algumas situações bastante relevantes, que ajudam a fomentar a rivalidade entre os dois países, e em alguns momentos com tentativas bastante evidentes de impor a soberania de Portugal às terras que pertenciam aos espanhóis. Frota (1991) ainda destaca, em especial, o período em que a Coroa Portuguesa transferiu-se para o Rio de Janeiro:

Com a invasão napoleônica na Península Ibérica, deu-se a transferência da corte portuguesa e a elevação do Brasil à condição de Reino Unido de Portugal e Algarves (1808 – 1821). A situação brasileira com essa transformação, foi ímpar no panorama americano de então. Instalada a Corte no Rio de Janeiro, foi encaminhado ao Cabildo de Buenos Aires um pedido do exame da conveniência de que a infanta de Espanha, Carlota Joaquina, fosse reconhecida... “como cabeça do governo no Rio de Janeiro e a seu marido como protetor natural dos direitos do rei espanhol”. O Cabildo, habilmente negou tais pretensões, preferindo manter-se fiel ao rei da Espanha. Tentativa similar deu-se mais tarde com a volta de D. João VI a Portugal. A ocupação portuguesa da Banda Oriental contrariava a Espanha, assim num ato de “doble fundo”, reconheceu-se as Províncias Unidas do Rio da Prata, ou seja, desejou-se legitimar a forma de anexar, reconhecendo-se a identidade da nova nação. Foram as ambições territoriais lusas que levaram a Espanha a preparar a expedição capitaneada por D. Pedro de Mendoza (1535). Deu-se então a primeira fundação de Buenos Aires, numa tentativa de impedir a fixação portuguesa no Prata. As lutas e rivalidades na região foram, pois, o produto da confrontação luso-espanhola pelo controle desse ponto chave na América do Sul (FROTA, 1991, p. 24-25).

Não há como dissociar a influência dos fatores geopolíticos nas relações Brasil e Argentina. Em relação às políticas externas dos dois países, sempre houve um país que buscou a manutenção do equilíbrio na balança de poder entre Brasil e Argentina.

Frota (1991) nos traz o exemplo do caso ocorrido no ano de 1908, quando o secretário norte-americano Elihu Root propôs ao Brasil a divisão de seus couraçados com a Argentina, negando-se Rio Branco a considerar tal proposta. Ao contrário dos desejos norte-americanos, no ano seguinte, o parlamento brasileiro aprovou uma resolução pela qual acrescentaria, além dos três navios já encomendados, um dreadnought e um cruzador a cada 3 anos, além de destroieres, submarinos e um total de oito dreadnoughts.

A linha de política exterior norte-americana para com a Argentina não foi mais dura, em função do alvorecer da Primeira Guerra Mundial, pelo seu lado, a Argentina retribuiria com animosidade a essa política. A atuação política exterior brasileiro-argentina, no curso da primeira metade do século XX, foi marcada por acontecimentos fundamentais para sua compreensão. No plano externo, tivemos a Primeira Grande Guerra, a crise mundial, e a Segunda Grande Guerra; no plano regional, a guerra do Chaco, a questão do ABC e, no plano interno, a subida de Getúlio Vargas e de Peron ao poder. As rivalidades entre Brasil e Argentina continuaram existindo, sendo um dos fatores de peso nas respectivas estratégias de política exterior de ambos os países.

Houve um período especial nas relações em que as divergências entre o Brasil e Argentina ficaram um pouco mais evidentes. Na década de 1970, quando os dois países tinham como sistema de governo ditaduras comandadas por militares, as duas nações também passaram por período bastante conturbados. No âmbito do futebol, o Brasil em 1970 conquistava o Tricampeonato Mundial, com um time que foi destacado pela mídia nacional como uma das maiores seleções de todos os tempos. Mas foi nesse período que a Argentina ascendeu para o cenário futebolístico mundial, não apenas promovendo uma Copa do Mundo em seu território, mas também conquistando seu primeiro título, ameaçando, dessa forma, quebrar a hegemonia que o Brasil havia conquistado na América do Sul desde 1958.

O aumento na rivalidade entre os dois países não se refletiu apenas dentro de campo. Mello (1996) enfatiza que a rivalidade entre Brasil e Argentina na década de 1970 atingiu sua máxima intensidade com o conflito político-diplomático que teve como ponto focal o problema da compatibilização das represas de Itaipu e Corpus. A acirrada polêmica entre as potências desenvolveu-se em dois níveis distintos: um ostensivo e oficial, o outro camuflado e oficioso. O primeiro dizia respeito aos óbices técnicos e diplomáticos que envolviam a construção de ambas as represas em um rio internacional contíguo e de curso sucessivo. e o segundo abrangia uma dimensão estratégica e geopolítica com repercussões no equilíbrio de poder regional.

(...) durante a década de 70, quando predominam relações de conflito entre os dois países, ocorre uma oscilação na balança de poder regional, cujo deslocamento se processa em benefício do Brasil e em detrimento da Argentina. O deslocamento ocorrido na relação de forças condicionada a substituição do equilíbrio de poder vigente no início dos anos 60 por uma nova situação que configura uma preponderância brasileira no subsistema platino. O status da preponderância parece ser o resultado de uma convergência de dois processos protagonizados pelo Brasil nos anos 70: a política de poder na região platina e a política de modernização conservadora na economia brasileira. (MELLO, 1996, p. 54).

De acordo com a posição da diplomacia argentina, o empreendimento brasileiro-paraguaio, situado a montante do Rio Paraná, deveria estar subordinado a um mecanismo de consultas prévias entre as partes interessadas como forma de evitar prejuízos sensíveis e permanentes à futura hidrelétrica de Corpus, um projeto argentino-paraguaio a ser edificado 200 quilômetros a jusante de Itaipu, no trecho fluvial pertencente em condomínio aos dois países.

Mello (1996) destaca que os argentinos temiam também que o desenvolvimento do projeto de Itaipu resultasse em grandes prejuízos para a rentabilidade econômica de Corpus e tinham receio de que isso resultaria em prejuízos de poder compensador como uma das peças-chave do tabuleiro de xadrez na América do Sul. Entende-se que havia um valor estratégico em Corpus, e que esse poder estava exatamente em seu papel de contrapeso à presença de Itaipu. Ao realizar um projeto binacional argentino-paraguaio, haveria a possibilidade de reequilibrar, mesmo que parcialmente, a balança de poder e neutralizar relativamente a preponderância brasileira no Paraguai.

Candeas (2005) avalia que as aproximações entre Argentina e Brasil ocorreram até os anos 1970 de forma irregular, muito em função da oscilação de regimes tão diversos como os de Urquiza, Mitre, Roca, Sáenz Peña, Justo, Perón e Frondizi, e se intensificaram desde os anos 1980, passando igualmente por governos tão díspares como os de Videla, Alfonsín, Menem, Duhalde e Kirchner. Essa constatação sugere que a natureza do relacionamento com o Brasil passou de conjuntural a estrutural,

independentemente do regime político (ditadura ou democracia) ou da situação econômica (inflação, crise, estabilidade ou crescimento). Por outro lado, é evidente que o aprofundamento da democracia e do desenvolvimento econômico fortalece estruturalmente a relação bilateral, no sentido de maior integração. Porém, o autor também destaca que no período de 1962 a 1979 há um momento onde a rivalidade acaba ficando mais evidente. O “espírito de Uruguaiana”, que se tratava de uma cooperação mútua expressa na Declaração de Uruguaiana assinada pelos presidentes Jânio Quadros e Arturo Frondizi em 1961, não sobrevive ao ciclo de regimes militares na Argentina e no Brasil. Ainda durante as presidências civis de Guido (1962-1963) e Arturo Illia (1963-1966), aprofunda-se o clima de convulsão política com hostilidades entre as próprias Forças Armadas. A Argentina, dominada por setores de direita, aprofunda o alinhamento com os Estados Unidos: condena Cuba, envia navios para a quarentena estabelecida na questão dos mísseis e apoia a intervenção na República Dominicana. Apesar disso, o nacionalismo conserva elementos da “autonomia heterodoxa”.

1.3 A Rivalidade Brasil X Argentina na década de 1970

Como foi analisado anteriormente, a rivalidade entre o Brasil e a Argentina é de longa data. Nesta seção, vamos avaliar especificamente a década de 1970, com o objetivo de contextualizar historicamente a Copa do Mundo de 1978 em seu aspecto mais amplo, sobejando o aspecto futebolístico. Para isso, vamos buscar em diversos autores os fatores mais relevantes e que pautavam as discussões entre o Brasil e a Argentina durante esse período.

Se por um lado a Argentina ascende para o futebol mundial, conquistando o seu primeiro título mundial nessa década, foi também nesse período em que o Brasil, já consolidado no âmbito esportivo com três títulos mundiais, busca um novo posicionamento geopolítico dentro da América do Sul. Além de buscar de forma deliberada um influência na política interna dos países da região, o Brasil desenvolve o projeto de uma obra que traria alterações permanentes na geopolítica da América do Sul, trata-se da

construção da Hidrelétrica de Itaipu.

Balardin (2005) avalia que, na percepção argentina, o Brasil sempre foi agressivo no que diz respeito a território, como bem comprovava sua expansão do litoral para o interior do continente, quando da demarcação de suas fronteiras. Assim, o governo argentino – também influenciado por seus limites geopolíticos – sempre viu o Brasil como seu maior rival. A Argentina, para contrabalançar o poder brasileiro, tinha por interesse ser o núcleo de um poder regional, articulando-se com os demais países hispano-americanos para prolongar-se até a Antártica. Entretanto. É na fase posterior à dos anos de 1970 que se torna possível observar uma mudança mais sensível de percepção entre os países, que passam a caminhar rumo à superação da visão de “inimigo histórico”. Percebendo as transformações no sistema internacional que podem ser exemplificadas com a quebra do padrão ouro-dólar, a crise do petróleo, a Revolução Científico-Tecnológica, Brasil e Argentina buscam uma aproximação com o intento de cooperação e complementaridade e, principalmente, para solucionar disputas históricas. Entretanto, ao buscar essa aproximação, ficam mais evidentes as áreas de atrito.

Carvalho (2012) analisa que os acontecimentos das décadas de 1970 e 1980 teriam profundas consequências na situação atual de Brasil e Argentina. Enquanto o governo militar brasileiro empreendeu uma política de industrialização, que possibilitou o que foi chamado de “milagre econômico” brasileiro, a Argentina adotou uma estratégia de abertura indiscriminada e unilateral da economia, gerando uma desindustrialização do país.

Na década de 1970, Brasil e Argentina passaram por transformações internas de ordem política e econômica. Tais transformações condicionaram não somente suas respectivas políticas externas, mas também as relações bilaterais entre os países. Especificamente, o processo de aproximação sofreu alterações que tanto o qualificaram quanto o esvaziaram.

O regime militar brasileiro, sob a presidência do general Geisel, promoveu a distensão política e tentou marginalizar do centro de comando a “linha dura” – que comandou a primeira metade daquela década. Foi um governo que teve de lidar com um cenário internacional de crise econômica e

avanços tecnológicos, onde o Brasil poderia ser prejudicado e ficar defasado. Na tentativa de manter o desenvolvimento do país, não poupou o direcionamento de esforços governamentais para fomentar o crescimento econômico.

No âmbito interno, valeu-se de políticas que mantinham o Estado como agente do desenvolvimento econômico. Balardin (2005) enfatiza que no âmbito internacional, por meio da política externa do Pragmatismo Responsável e Ecumênico, o governo brasileiro buscou novos nichos de mercado para a indústria brasileira. Estabeleceu novas relações diplomáticas e reatou relações comerciais com intento de potencializar a presença e o peso do Brasil no cenário internacional.

Para analisar as relações entre o Brasil e a Argentina durante a década de 1970, é necessário, detalhar alguns acontecimentos relevantes para este trabalho, e o principal deles – no qual vamos focar a partir deste momento – é a questão do aproveitamento hídrico da região. Fajardo (2004) destaca que a questão do aproveitamento dos recursos hídricos compartilhados por dois ou mais países é um tema antigo nas relações interestatais, e que não envolve somente interesses econômicos, mas também a questão da própria soberania dos Estados. No caso de Brasil e da Argentina, a questão excede os aspectos meramente técnicos do uso das águas, uma vez que a fronteira entre os dois países é definida por cursos de rios.

No final da década de 1960, o avigoramento da colaboração entre o Brasil e a Argentina parecia uma consequência natural da similaridade dos seus regimes, ambos com a mesma matriz ideológica (doutrinas de segurança e contra-insurreição, bem como de suas políticas interna (liberalismo econômico e autoritarismo político) e externa (fronteiras ideológicas e alinhamento incondicional com o Ocidente). Ao defender a revisão do conceito de soberania e a criação da stand-by force, mediante a institucionalização da Junta Americana de Defesa como órgão da Organização dos Estados Americanos, a Argentina tratou de estabelecer um termo de entendimento com o Brasil, que afigurou em Buenos Aires, a alguns diplomatas, militares e jornalistas, como de subordinação ao país-chave e aceitação do status de satélite. Em seguida, enquanto o Brasil abandonava a doutrina das fronteiras

ideológicas e assumia uma posição mais independente em política exterior, ela evolui para o esquema bilateral com os Estados Unidos, e passou a disputar o que percebia como posição de país-chave ou satélite privilegiado. Essa discrepância na evolução de suas políticas exteriores deveu-se às distintas características com que o militarismo se manifestou nos dois países.

Mesmo antes de assinar o Tratado de Itaipu⁶, o Brasil já havia dado indícios da política externa ofensiva na América do Sul. Bandeira (1993) destaca que o Brasil colaborou com os golpes de Estado na Bolívia (1971), Uruguai (1973) e Chile (1973). O caráter militar e autoritário do regime, combinado com o sucesso econômico, exacerbou o nacionalismo imperialista, o que, em realidade, refletia a violência da expansão capitalista no país. Coube ao governo de Médici instigar esse nacionalismo de direita com os slogans “Ninguém segura esse país”, “Prá frente Brasil”, “Brasil potência”, etc. A derrubada do regime nacionalista boliviano do General Juan José Torres, em 1971, possibilitou que o Brasil afirmasse o predomínio sobre aquele país e obstruísse o acesso da Argentina às jazidas de ferro de El Mutún. A celebração do Tratado de Itaipu, em 26 de abril de 1973, alterou irreversivelmente a relação com o Paraguai, do qual já não mais podia afastar-se, como se evidenciou em 1966, quando a ocupação militar do Puerto Coronel Renato (Província de Guayrá), a pretexto de combater guerrilhas, compeliu o governo de Stroessner a retroceder em suas reivindicações territoriais e firmar a Ata das Cataratas. O golpe de Estado de 27 de junho de 1973, sob a presidência de Juan Maria Bordaberry, reforçou a tendência do Uruguai para gravitar em torno do Brasil. A destruição da experiência socialista de Allende, menos de três meses depois (11 de setembro de 1973), permitiu que o Brasil também projetasse sua influência econômica e política sobre o Chile e o impediu de formar um eixo com a Argentina.

Apesar de tomar decisões bastante claras em relação à política externa, Bueno e Cervo (2002) apontam que o governo Médici pode ser entendido como um período em que o relacionamento com a América Latina tornou-se

⁶ Tratado assinado em 26/04/1973, entre a República Federativa do Brasil e a República do Paraguai para o aproveitamento Hidrelétrico dos Recursos Hídricos do Rio Paraná, pertencentes em condomínio aos dois países, desde e inclusive o Salto Grande de Sete Quedas ou Salto de Guaíra até a Foz do Rio Iguaçu.

contraditório. Buscava-se a cooperação nos órgãos regionais, em associação com os Estados Unidos, criando-se a Comissão Especial de Consulta e Negociação (CECON) para implementar o Consenso de Viña del Mar, mas a nova política econômica norte-americana, a partir de 1971, provocou o recuo da América Latina, agravando o relacionamento com o país do norte. O Brasil obstou a criação do Mercado Comum e quis reforçar a Alalc para expandir suas exportações de manufaturados. Apoiou também a institucionalização da Assembleia Geral da OEA, a partir de 1970, como órgão de cooperação, que vinha substituir a Conferência Interamericana Quinquenal. Em 1971, pela segunda vez em dez anos, o Brasil reivindicava junto ao Comitê Executivo da Alalc preferência na zona de livre comércio para seus produtos industrializados, sem lograr êxito.

Essa contradição pode ser creditada à ação ativa e permanente em diferentes níveis, que eventualmente poderiam se sobrepor ou se contradizer. Bueno e Cervo (2002) destacam que a política brasileira para a América Latina, entre 1967 e 1979, foi conduzida em três dimensões: a ação nos órgãos multilaterais regionais para promover a cooperação dos Estados Unidos ao desenvolvimento regional; as iniciativas de integração multilateral e bilateral intrazonal; e o escalonamento da América Latina na estratégia de inserção mundial. Uma política de “conteúdo econômico”, contínua, e que buscava adaptações sucessivas ao longo do tempo em função de resultados.

Para atingir o chamado “milagre econômico”, porém, a política externa do Brasil durante a década de 1970 buscava também uma atuação bastante participativa em países fora da América do Sul. Cervo (1994) enfatiza que durante o governo Ernesto Geisel (1974 – 1979) o Brasil tomou decisões verdadeiramente autônomas em áreas vitais como as relações com os Estados Unidos, a aproximação com a Europa, a desvinculação com a Guerra Fria, e a aproximação com o mundo árabe. Essas ações refletem a ideia de colocar a ação diplomática a serviço do desenvolvimento mediante o máximo aproveitamento das oportunidades.

Se, por um lado, o Brasil buscou constantemente um papel de protagonismo na América do Sul, com uma atuação em diferentes níveis, por outro, a Argentina lutava com preocupação contra o posicionamento brasileiro.

Internamente, foi um período de bastante repressão, e na política externa houve uma Argentina – e, aqui, tomamos emprestadas algumas terminologias do futebol – que se defendeu e contra-atacou, porém, a estratégia nem sempre se mostrou frutífera. Possivelmente uma das grandes frustrações da Argentina foi observar o desenvolvimento do projeto de Itaipu, que traria um desequilíbrio na balança do poder local. Apesar de muitas investidas, de diferentes abordagens, houve muitas tentativas, mas pouca influência direta da Argentina no desenvolvimento do projeto.

Bandeira (1993) esclarece que o governo do general Rafael Videla (1976-1981), apesar de demonstrar que considerava as relações com o Brasil como a primeira prioridade, retomou os critérios geopolíticos para o encaminhamento da cooperação na Bacia do Prata. E pretendeu aumentar sua capacidade de negociação e, de certo modo, impor uma política de equilíbrio. As relações entre os dois países se agravaram, pois o Brasil não aceitava discutir o projeto de Corpus, nem admitir que a Argentina participasse das decisões de Itaipu. E as tensões alcançaram o clímax, em 1977, quando o governo de Buenos Aires interditou o túnel Cuevas-Caracoles, sob a Cordilheira dos Andes, e o Brasil interpretou aquela medida como forma de pressão por causa do problema de Itaipu, anunciando o fechamento parcial de suas fronteiras à frota de caminhões da Argentina.

Após o golpe de estado de 1976 na Argentina, que permitiu que as Forças Armadas reimplantassem o regime autoritário, os militares tomaram para si a tarefa de enfrentar o problema da construção de Itaipu, cujas obras o Brasil já adiantava, juntamente com o Paraguai. Por outro lado, a política externa argentina ficou reduzida ao alinhamento automático com os EUA, na tentativa de redução das críticas norte-americanas referentes à violação dos direitos humanos. Suas relações com os países latino-americanos estava galgada no combate à ameaça comunista, desfavorecendo o âmbito comercial. O governo Videla tinha uma clara visão de “cruzada contra o comunismo”, sendo, portanto, altamente repressor e ditatorial. Dessa forma, optou pelo tema da segurança em detrimento do desenvolvimento. Por meio de medidas econômicas, o regime militar argentino visou solucionar os problemas de ordem social e política. Suas medidas econômicas foram responsáveis pelo

enfraquecimento do setor industrial argentino e a retirada do Estado como agente e promotor da economia.

Desde a década de 1960, fosse o regime ditatorial ou democrático, as tentativas de reverter o protagonismo do Brasil na região foram constantes. Houve diferentes modelos de abordagens, que se mostraram infrutíferos. A instabilidade política interna pode ser vista tanto como uma causa deste fracasso, quanto uma consequência dele.

Em face da rivalidade crescente com o Brasil durante a virada das décadas de 1960 e 1970, não restou para a Argentina outra alternativa senão uma aproximação com os países do Bloco Andino, dentre os quais o Peru e a Bolívia, que influíram para uma espécie de nacionalismo de esquerda, enquanto Chile – onde Salvador Allende, em 1970, alcançara pela via eleitoral a Presidência da República – experimentava a implantação do socialismo, dentro dos marcos do regime democrático-representativo. Assim, Cervo (1994) avalia que, por essa razão, o então presidente da Argentina Alejandro Lanusse (1971 e 1973) passou a defender o pluralismo ideológico no continente. Mas o sucesso econômico dos primeiros anos da década de 1970 no Brasil, combinado com o caráter militar e autoritário do seu regime, exacerbou o nacionalismo, não no sentido defensivo como durante o período de João Goulart, que presidiu o Brasil entre os anos de 1961 e 1964, mas no sentido ofensivo e imperialista, colaborando com golpes militares na Bolívia (1971), Uruguai (1973) e Chile (1973). Nesse momento, o Brasil mostrava claramente sua aspiração em estabelecer um status de superpotência da América do Sul.

Durante a primeira metade dos anos de 1970, a evolução dos acontecimentos militares, e diplomáticos naqueles países, bem como no Paraguai, com o qual o Brasil assinou o Tratado de Itaipu (1973), configurou objetivamente uma ampla manobra estratégica, ao acarretar, com um dos seus resultados, o isolamento político da Argentina dentro do Cone Sul. Este isolamento ainda mais se agravou porque o Brasil se empenhou em modificar a determinação da natureza, que orientava o sistema fluvial da Bacia do Prata na direção Norte-Sul, abrindo corredores de exportação para os portos de Santos, Paranaguá e Rio Grande, que, reaparelhados, modernizados e situados no Atlântico, passaram a competir vantajosamente, com o de Buenos Aires, libertando a Bolívia e o Paraguai de sua dependência e controle. Conquanto visasse, fundamentalmente, ao próprio desenvolvimento nacional, o que

o Brasil empreendeu, por meios econômicos e diplomáticos, foi uma verdadeira guerra a restabelecer a hegemonia que mantivera na Bacia do Prata, até pelo menos 1876, quando retirou as tropas de Assunção, uma vez consolidada a vitória da Tríplice Aliança (CERVO, 1994, p. 196).

Em seguida, no ano de 1973, a Argentina, já com um clima de hostilidade ao Brasil, restabelece sua democracia com a eleição de Juan Domingo Perón. Entre as suas principais ações está o desencadear uma ofensiva diplomática com o objetivo de recompor o prestígio e romper com o isolamento do país, cujas condições internas voltaram a se deteriorar depois do seu falecimento, no ano de 1974. O governo de Maria Estela Martinez Perón, que sucedeu Juan Domingo Perón, não conseguiu articular e conduzir, de forma coerente e eficaz, a política exterior da Argentina. O golpe de Estado de 1976 novamente trouxe conflitos entre Brasil e Argentina, e, como prioridade, as forças armadas tomaram para si a questão de Itaipu, cuja obra, consorciada entre o Brasil e o Paraguai, estava em estado adiantado de construção. além disso, como exposto anteriormente, ratifica-se que o Brasil não mostrou interesse em discutir o projeto de Corpus, tampouco admitia que a Argentina participasse das decisões de Itaipu. Porém, os dois países esforçavam-se para que as disputas não tomassem o rumo do conflito armado:

Não resta dúvida de que o caráter militar dos regimes implantados nos dois países contribuiu, enormemente, para dificultar o seu relacionamento, devido à percepção geopolítica que lhes orientava as decisões em política exterior, sobretudo em Buenos Aires. As forças Armadas, tanto da Argentina quanto do Brasil, não desejavam, entretanto, que a crise evoluísse e, provavelmente, degenerasse em confrontação armada. Ambos os países estavam a sofrer pressões dos Estados Unidos, onde o presidente Jimmy Carter, do Partido Democrata, adotara a defesa dos direitos humanos como um dos vetores da sua política externa. O Brasil, principalmente, por causa do acordo nuclear com a República Federal da Alemanha, o que o levava a percebê-los como principal obstáculo à sua aspiração de tornar-se grande potência. Por outro lado, a Argentina estava na eminência de travar uma guerra com o Chile, pelo Canal de Beagle e, naquelas circunstâncias, não lhe convinha alimentar tensões na sua retaguarda, arriscando-se, simultaneamente, a um conflito armado com o Brasil (CERVO, 1994, p. 197).

O governo de Juan Perón também ficou marcado pela falta de sucesso nas ações com o Brasil. Bandeira (1993) entende que, ao contrário do que se esperava, Perón, por exemplo, quando substituiu Cãmpora na presidência, promoveu uma distensão no relacionamento da Argentina com o Brasil, ao reafirmar que “o ano 2000 nos encontrará unidos ou dominados”. De fato, ele abandonou a avaliação geopolítica e anti-integracionista do problema da Bacia do Prata, com que os governos militares, dando ênfase à rivalidade com o Brasil, paralisaram a Argentina, e, desprezando as estéreis batalhas jurídicas, a “Guerra dos Papéis”, em torno da construção de Itaipu, tratou de “ganhar o tempo perdido”, conforme sua própria expressão, por entender que o fundamental era o aproveitamento dos rios – não as normas que o deveriam regulamentar – e que o país precisava expressar-se politicamente, por meio de fatos e da realização de obras. Assim, a desencadear uma ofensiva com o objetivo de recompor o prestígio e romper o isolamento da Argentina, ele viajou ao Uruguai, pouco mais de um mês depois de ascender ao governo, e assinou com o presidente Juan Maria Bordaberry o tratado do Rio do Prata, que superou o litígio sobre os limites fluviais e melhorou as relações entre os dois países. Logo em seguida, em 6 de dezembro de 1973, visitou o Paraguai, onde firmou com o presidente Alfredo Strossner o Tratado de Yaciretá, ao mesmo tempo em que impulsionava os projetos de Corpus e Salto Grande, até então estancados, bem como o do Paraná Médio, com a assistência técnica da União Soviética. Seu propósito era ainda encontrar-se com o general Ernesto Geisel, que sucedera Médici na presidência do Brasil, a fim de também negociar a construção de três outras represas binacionais – Garavi, San Pedro e Roncador – para a utilização do potencial hidrelétrico do rio Uruguai, cujos estudos de viabilidade começaram a partir da visita de Lanusse a Brasília em 1972. Entretanto, Perón faleceu em 1 julho de 1974, cerca de três semanas após transmitir esse projeto ao Chanceler brasileiro, Antônio Azeredo da Silveira, ao término da VI Conferência dos Chanceleres da Bacia do Prata, realizada em Buenos Aires.

Após o golpe contra o governo de María Estela Martínez de Perón, a junta militar que assume o poder traz novamente mudanças na estratégia de relações com o Brasil. Bandeira (1993) avalia ainda que o Golpe de Estado na

Argentina promoveu um novo momento nas relações, o que pode ser considerado uma “virada no jogo”. O general Jorge Rafael Videla, presidente da Junta Militar, demonstrou, desde o início, que considerava as relações com o Brasil como a prioridade da Argentina e que se esforçaria para alcançar um termo de entendimento entre os dois países.

Ferres (2004) acrescenta que, em março de 1976, Rafael Videla assumiu o governo argentino propondo, desde o início, a retomada das relações entre Buenos Aires e Brasília, afirmando que, durante o seu governo, elas seriam consideradas prioridade. Contudo, defendeu algumas posturas em política externa contrárias a seu discurso político, como a suspensão dos projetos de Garavi, San Pedro e Roncador sobre o rio Uruguai, argumentando que favoreciam mais o Brasil do que a Argentina e que não seria possível sua realização sem antes chegar a um acordo sobre Corpus. Também não iniciou a construção da Represa de Yaciretá-Apipé, com o Paraguai. O governo argentino acabou paralisando todos os projetos hidrelétricos potenciais com os demais participantes do Cone Sul até que se “resolvesse” a questão de Itaipu com o Brasil, o que demonstra que, no discurso, consideravam-se as relações com o Brasil prioridade, mas, na prática, as ações de política externa foram pautadas em impedir que o Brasil e o Paraguai continuassem as obras referentes ao projeto de Itaipu, iniciadas em 1973. Destaca-se, no entanto, que apesar das ofensivas diplomáticas, não há registros de que as forças armadas, tanto da Argentina quanto do Brasil, desejavam que a relação evoluísse para confronto armado.

Entre os anos de 1967 e 1974, durante os governos militares de Costa e Silva e Garrastazu Médici, o Brasil assumiu o projeto de “Brasil Potência”. Acelerar o progresso e a modernização econômica para transformar o país num dos mais avançados do mundo até o final do milênio foi declarada intenção de Médici, período em que o Brasil atingiu um crescimento de 10% ao ano. Mas ao assumir o governo em 1974, Ernesto Geisel entendia que a vulnerabilidade do país era grande. O comércio exterior registrava déficit, e o balanço de pagamentos apresentava desequilíbrio. Cervo (1994) esclarece que a dependência do Brasil do exterior não se verificava exclusivamente no setor energético. O governo precisava buscar internamente alternativas para

insumos básicos que trariam a manutenção e a expansão das indústrias e da agricultura.

Uma das consequências dessa política teve impacto nas relações entre o Brasil e os Estados Unidos. Desde 1967, assistia-se ao crescente choque de interesses e de rivalidade tanto nas relações bilaterais quanto naquelas que passavam pelos órgãos multilaterais. Quando Geisel assumiu, em 1974, a balança comercial passou a acusar um déficit significativo, revertendo uma tendência de comércio favorável ao Brasil que vinha desde o século XIX.

O Brasil mostrou-se carente de poder para influir sobre o sistema internacional e abrir espaço adequado a sua grandeza, dependente em setores estratégicos como petróleo, energia, produtos químicos, fertilizantes, capitais e tecnologia. Geisel optou por tomar decisões autônomas, em áreas fundamentais para os interesses do país e sua independência. Isso causou um confronto direto com duas potências do continente, os Estados Unidos e a Argentina.

Como destacado por Bueno (2002), a Argentina tornou-se o terceiro importador do Brasil, ficando atrás somente dos Estados Unidos e da Alemanha, mas o primeiro de manufaturados. Apesar disso, passou a obstar maiores esforços de integração motivada eventualmente pelo temor de ter pouca, ou nenhuma, influência sobre a política externa brasileira. Contudo, não se recusou a operar harmoniosamente com o Brasil por meio dos mecanismos do Tratado da Bacia do Prata no qual foram encontradas fórmulas de conciliação para a disputa em torno da construção de usinas hidrelétricas nos rios platinos.

De fato, a conclusão do projeto de Itaipu dá ao Brasil a sensação de que atravessa o regime militar com certa vantagem em sua imagem, em relação à Argentina. O Brasil se direciona a um processo de redemocratização de uma maneira menos conturbada em comparação ao país vizinho. A Argentina, apesar do ufanismo nacionalista do final da década de 1970, principalmente após a Copa do Mundo de 1978, vê o regime militar entrar em colapso, principalmente após a guerra contra a Inglaterra no começo da década de 1980.

Fajardo (2004) ressalta que a balança da rivalidade ficou favorável ao Brasil em relação à Argentina durante a década de 1970, e destaca que, do lado brasileiro, a rearticulação da economia mundial e os efeitos da nova crise do petróleo sobre o modelo de desenvolvimento do país, fundamentado no princípio do combustível barato, ressaltaram mais ainda a importância da geração de energia hidrelétrica para sustentação da economia das regiões do sudeste e do sul. Em que pese a irreversibilidade de Itaipu, as tensões com a Argentina não resultaram em conflito, o que poderia consumir em grande parte os recursos que foram necessários para a manutenção do regime militar.

1.4 Equilíbrio de forças na disputa brasileiro-argentina

A rivalidade no sentido conceitual, que extrapola a visão esportiva, pode ser entendida como um embate constante e permanente de poder e contra poder. O pilar fundamental, e novamente ressaltando que não se revê, aqui, exclusivamente ao âmbito esportivo, é o equilíbrio de forças. A disputa torna-se rivalidade na medida em que há uma memória de conflitos, em um contexto no qual há disputas acirradas e alternância de vitoriosos e derrotados. Por vezes, não há o embate direto, mas uma ameaça simbólica, ou especulativa. Na história da América do Sul, o Brasil e a Argentina apresentaram um equilíbrio constante, e, por certo, houve períodos em que a balança de poder pesou para algum dos lados, contudo, historiadores ressaltam que a disputa pela hegemonia entre Brasil e Argentina sempre foi marcada pela “disputa entre iguais”.

Mello (1996) entende que, ao fazer uma avaliação comparativa da “balança de poder” entre Brasil e Argentina, não se pode deixar de lado as macro-questões que envolvem principalmente a conjuntura regional, inserida em um contexto globalizado.

(...) é preciso ter em conta que o relacionamento brasileiro-argentino não pode ser desvinculado do contexto das relações de poder no nível dos sistemas interamericanos e internacional, assim como não pode, igualmente, ser dissociado da influência exercida por ambos sobre as relações de poder no subsistema platino. Não se trata de estabelecer entre essas diferentes instâncias da realidade um relação unívoca, que se traduza na determinação mecânica dos sistemas interamericano e internacional sobre o subsistema platino, ou na redução desde

último a um mero epifenômeno daqueles. Não é o caso também de se isolar e circunscrever um processo regional que, a despeito de sua peculiaridade, não pode ser desvinculado arbitrariamente de seus contextos continental e intercontinental. O que se almeja é colocar em relevo a autonomia das relações de poder intra-regionais, sem deixar de lado as possíveis interações entre o subsistema platino e os sistemas de poder extra-regionais no qual aquele se encontra inserido (MELLO, 1996. P. 54).

Moraes (2010) avalia que o século XIX foi mais violento para os sul-americanos do que viria a ser o século XX. A Guerra do Paraguai, sozinha, produziu mais vítimas do que todos os conflitos externos sul-americanos ao longo do século XX. O oposto ocorre na Europa, onde o século XIX foi relativamente pacífico, sendo o século XX muito mais sangrento.

Ao longo de quase todo o século XX, os problemas de segurança de ordem interna predominaram na América do Sul. Golpes de Estado ocorreram em todos os países, conduzindo-os, em alguns casos, a guerras civis, mantidas de forma quase endêmica no caso da Colômbia. Como disse Hobsbawm (2007), durante a Guerra Fria, houve uma diminuição da barbárie no Primeiro e no Segundo Mundos, mas não no Terceiro Mundo. Entre 1960 e 1985, se produziu o surto de torturadores treinados oficialmente e ocorreu uma onda sem precedentes de regimes militares na América Latina e no Mediterrâneo, que faziam a “guerra suja” contra seus próprios cidadãos. Nesse período, surgiram também diversos movimentos guerrilheiros de esquerda, rurais e urbanos, que passaram a entrar em confronto com tropas oficiais e grupos de extrema direita, os quais, por sua vez, combatiam militarmente grupos de esquerda, mesmo que fossem não-violentos.

Na história de Bolívia, Paraguai e Uruguai sempre estiveram presentes, e as relações com o Brasil e com a Argentina, seus vizinhos “maiores” – os quais disputaram, por diversas vezes, a influência sobre eles como um caminho para a construção da hegemonia regional – sempre eram marcadas por profundidade. Nos anos 1960 e 1970, acordos de cooperação do Brasil com os três “menores”, como a Ata de Iguazu, com o Paraguai, em 1966; acordos para a compra de gás da Bolívia, em 1973; e projetos de desenvolvimento das bacias da Lagoa Mirim e do Rio Jaguarão, com o Uruguai, provocaram o receio

argentino de um possível aumento da influência brasileira nesses países, o que levou a chancelaria argentina a obstruir algumas iniciativas brasileiras de integração como ocorreu no caso da construção de Itaipu.

Bueno e Cervo (2002) entendem que a superação da rivalidade Brasil-Argentina nos anos 1980 e a integração entre os dois países a partir da segunda metade daquela década transformaram o eixo Brasil-Argentina em um polo conjunto de poder que acabou por atrair para a sua órbita o Paraguai, o Uruguai e a Bolívia. Dessa forma, Paraguai e Uruguai aderiram ao Mercosul em 1991, somando-se a um processo que vinha sendo conduzido apenas por Brasil e Argentina desde 1986. Posteriormente, em 1996, a Bolívia também ingressou no Mercosul, com o status de membro associado.

A cooperação militar entre Brasil e Argentina surgiu no final dos anos 1970 a partir de uma iniciativa conjunta da Marinha do Brasil e da Armada Argentina, as quais realizaram, em 1978, o exercício militar denominado de Operação Fraternal. A partir de então, a cooperação militar entre os dois países passou a se ampliar de forma tanto quantitativa como qualitativa, abrangendo, atualmente, uma gama bastante variada de atividades, tais como: exercícios combinados, intercâmbios de alunos entre estabelecimentos militares de ensino e projetos tecnológicos conjuntos, dos quais participam as Marinhas, os Exércitos e as Forças Aéreas dos dois países. Essas atividades, contudo, ocorreram tradicionalmente a partir de iniciativas surgidas no âmbito das próprias Forças Armadas, não seguindo diretrizes oriundas das chancelarias ou dos chefes de Estado, configurando, dessa forma, o que pode ser conceituado como “relações transgovernamentais”. Foi apenas a partir de 2005 que a cooperação militar entre os dois países passou a ganhar espaço na pauta das políticas externas dos dois governos, tendo sido assinados, desde então, diversos acordos de cooperação.

Spektor (2002) argumenta que, entre 1974 e 1979, Ernesto Geisel e seu chanceler, Antônio Francisco Azeredo da Silveira, puseram em xeque o lugar da Argentina no cálculo estratégico da política exterior brasileira, questionando a validade do típico marco conceitual do Itamaraty para orientar as relações com Buenos Aires – a cordialidade oficial. A cordialidade oficial representa o conjunto de princípios e concepções que informou a diplomacia brasileira para

Buenos Aires com o objetivo primordial de evitar que a dinâmica entre os dois principais poderes da América do Sul levasse a uma rota de colisão. Esse apanhado de orientações pode ser resumido por: (a) uma postura tolerante em relação ao elevado perfil da diplomacia argentina em assuntos regionais, hemisféricos e globais; (b) a sistemática busca de faixas de cooperação com aquele país no intuito de diluir potenciais desentendimentos; (c) a inclusão da Argentina nas iniciativas internacionais do Brasil; e (d) a promoção de bons ofícios entre Buenos Aires e Washington sempre que o sensível relacionamento entre as duas capitais apontasse para o confronto. Sustenta-se que a ruptura com o paradigma, durante o governo de Geisel foi sistemática, isso é, suas quatro dimensões foram negadas, ocorreu homogeneamente ao longo de todo o mandato presidencial, uma vez findada a administração do general, o Brasil encontrou-se sem marco de referência no qual racionalizar o vínculo com o vizinho, tarefa à qual se dedicaram os governos subsequentes mediante a gestação de um projeto de integração regional.

Ao longo da história, Brasil e Argentina buscaram uma hegemonia de poder na América do Sul. O espírito de rivalidade entre as duas nações foi presente nas relações entre os dois países há séculos, e, com o passar dos anos, acabou se impregnando na cultura popular dos dois países. Porém, diferentemente do que se possa concluir ao fazer uma análise mais superficial, a rivalidade não coloca em conflito simbólico duas nações socialmente antagônicas, ao contrário, historiadores argentinos lembram que as duas sociedades têm, essencialmente, muito mais semelhanças do que diferenças. Especialmente na década de 1970, brasileiros e argentinos, apesar de verem acirradas as disputas em diversas áreas, passam a vivenciar experiências bastantes semelhantes. E tais experiências vão muito além dos regimes políticos baseadas em ditaduras militares. São experiências com impactos sociais e culturais bastante significativos – e por vezes bastante sutis –, porém, com raízes bastante profundas.

Devoto e Fausto (2008) destacam que, ao longo dos anos, principalmente no final dos anos de 1960, à medida que a expansão econômica se tornou mais visível, e com grande crescimento do setor dos serviços, surgiu uma nova figura social: os executivos. Eles eram gerentes de

negócios, que ocuparam altos cargos, conhecimento supostamente ou verdadeiramente qualificado, cujos salários foram diferidos claramente da massa de assalariados da classe média. Essa é uma realidade que surgiu simultaneamente no Brasil e na Argentina:

De un modo general, la nueva clase media se caracterizó mucho más por el consumo de bienes materiales que culturales, aunque la búsqueda de éstos, como marca de prestigio, estuviera latente desde el principio. Dirigida principalmente a ella se instalaron a partir de mediados de la década de 1970 grandes shopping-centers en las mayores ciudades brasileñas – un fenómeno que recién ocurriría en la Argentina durante el gobierno de Menem. Estos centros de consumo atraían cada vez más a la población en su conjunto, sea por la comodidad, sea por proporcionar mayor seguridad. Es significativo resaltar que la atracción por el consumo, el deseo de ascenso social y ciertas posibilidades de lograr-lo por parte de las nuevas camadas sociales, en especial en el caso brasileño, explican entre otras razones que los movimientos guerrilleros se vieran aislados del conjunto de la población. Entre tanto, no está de más recordar que los integrantes de tales movimientos eran en su mayoría jóvenes de clase media, muchos de ellos, universitarios. Ello constituye un claro ejemplo de que la categoría “clase media” es precaria en la definición de comportamientos, si se considera que los jóvenes guerrilleros, por sus inclinaciones ideológicas y sus objetivos de poder, poco o nada tenían que ver con la gran mayoría de las nuevas camadas emergentes (DEVOTO; FAUSTO, 2008, p. 401).

Para Devoto e Fausto (2008), a educação continuou a ser um dos principais instrumentos de promoção social, mas naquela época surgiram problemas de desvalorização de títulos universitários, com o aumento de empregos na mesma proporção que o número de diplomados universitários. Os autores indicam mudanças no padrão de comportamento da população urbana da Argentina, que, até certo ponto, também se aplicava ao Brasil. Uma condução mais flexível foi generalizada com referência à sexualidade e às relações familiares, num contexto em que a pílula anticoncepcional se tornou amplamente utilizada, e o fantasma da AIDS ainda era desconhecido. Entre as classes média e alta, houve uma busca de autoconhecimento que gerou uma verdadeira paixão pela psicanálise, às vezes convertida em moda. Buenos Aires tornou-se uma das maiores comunidades psicanalíticas do mundo, e muitos profissionais argentinos exilados no Brasil, especialmente em São

Paulo, tiveram grande influência na expansão da psicanálise – quase uma “ciência argentina” – no meio urbano brasileiro.

No mundo do consumo de bens materiais, segundo Devoto e Fausto (2008), nos dois países a produção em massa, o surgimento de novos fatores sociais e técnicas de marketing levaram à homogeneização, embora, em primeiro lugar, aparelhos domésticos e os televisores eram o objetivo principal e possível. Outro sonho, o carro, era agora realizável e excitava a classe média e os trabalhadores qualificados: o Fiat 600 de um lado da fronteira e o Fusca do outro deram corpo para essas aspirações.

Devoto e Fausto (2008) enfatizam que a maior saliência na modificação de hábitos, compromissos e opiniões de um grande contingente de pessoas, tanto na Argentina quanto no Brasil, foi a introdução gradual da televisão em massa, primeiro na versão preto e branco e depois colorida. Na Argentina e no Brasil, as transmissões de televisão começaram em períodos muito próximos, mas ao mesmo tempo as diferenças iniciais em seu uso foram reveladas. Em 1950, Assis Chateaubriand, dono dos Diários Associados, inaugurou a Tupi TV em São Paulo. Na Argentina, a primeira transmissão foi oficialmente feita em 1951, comemorando o “dia da lealdade peronista” por um canal estatal. Na Argentina, os programas foram transmitidos e produzidos em Buenos Aires. No Brasil, quando a TV Globo assumiu a quase absoluta hegemonia das transmissões, partiram, como parceria, de seus estúdios no Rio de Janeiro. A partir desses polos, ocorreu um processo de centralização cultural e de difusão de padrões urbanos. Em um país das dimensões geográficas do Brasil, os programas da TV Globo, difundidos a nível nacional, constituíram um modelo de diversão e comportamento, no último caso principalmente pela difusão de novelas. Estes indicaram ou reforçaram os papéis masculinos e femininos, padrões de relacionamentos familiares, linguagem e modas, definindo com certa antecendência os padrões em vigor na sociedade. A escala em que essa influência ocorreu pode ser medida pelo fato de que a televisão gradualmente deixou de ser um produto de consumo apenas da classe média alta, como era no princípio, para se tornar uma mercadoria de consumo em massa.

Cabe lembrar que, em 1970, durante a Copa do Mundo do México, o

Brasil assistiu pela primeira vez uma transmissão ao vivo e em cores desta competição. Guterman (2006) lembra que, pela primeira vez, uma Copa do Mundo foi transmitida ao vivo, e o mais importante, para o território brasileiro. A implantação da novidade tecnológica cumpre papel fundamental se for considerada a ideia de Wisnik (2008) quando explica que, enquanto psicologia de massas, o futebol se inclui, em princípio, entre aquelas formações de hipnose compartilhada em que o sujeito se identifica cegamente, ao lado de outros que compartilham a sua identificação, com um objeto no qual reconhece um ideal de “eu”. A população brasileira passou a se reconhecer por meio da televisão na seleção brasileira, pois ali não havia mais colorados ou gremistas, palmeirenses ou corintianos, vascaínos ou flamenguistas, todos se identificavam como torcedores de uma mesma equipe.

Guterman (2006) defende a ideia de que a transmissão de TV reforçou o caráter nacional do país em construção pelo regime: dezesseis estados receberam as imagens da Copa, contribuindo para a sensação de unidade que a ditadura pretendia. Um torcedor em São Paulo testemunhava o mesmo fato, no mesmo instante, que um torcedor no Rio Grande do Norte, ou do Rio Grande do Sul, por exemplo.

Ao fazer uma análise dos meios de comunicação, destacando os contextos sociais e culturais em que eles emergem e se desenvolvem, Burke (2006) enfatiza que o surgimento de uma nova tecnologia sempre é acompanhado de muitas novidades sociais. Isso acontece pelo fato de que as inovações tecnológicas são capazes de provocar reviravoltas na estrutura das sociedades e nos costumes de diferentes culturas, mas em especial, nos comportamentos de consumo.

Essa nova realidade trouxe impactos sociais bastante profundos. Na compreensão de Devoto e Fausto (2008), nos países, a homogeneização do consumo deu origem a uma sofisticação dos hábitos das classes altas e das classes médias mais favorecidas. Isso se concretizou no uso das roupas de marca, na aquisição dos automóveis de luxo, em viagens exclusivas para o exterior, na confortável casa de praia ou de campo, como uma alternativa às vicissitudes da vida na grande metrópole. Essa diferenciação ocorreu em um processo ininterrupto, antes de ocorrer uma regressão relativa, no caso

argentino, como consequência da crise. No Brasil, lugares de praia, como Santos e até Guarujá, na costa das Apúrias, foram invadidos por massas de turistas nos finais de semana e feriados. Também houve busca de espaços novos e mais “autênticos”, então ocupados em uma escala maior. Na Argentina, por exemplo, uma explosão urbana atingiu a estância balnear de Mar de Plata, que cresceu muito desde os primeiros dias do peronismo, após a aprovação, em 1948, de uma lei de propriedade horizontal que facilitou a construção de apartamentos. Antes que a cidade deixasse de ser a estância de verão das classes altas e os círculos de intelectuais sofisticados, todos os grupos sociais coexistiam, incluindo trabalhadores organizados, à medida que o turismo sindical se tornou uma realidade, incluindo a compra de edifícios e hotéis pela Confederação Geral do Trabalho (CGT) e vários sindicatos.

Do ponto de vista político (e até incorrendo e assumindo o risco inerente a essa generalização), é possível observar que há características severas de entusiasmo e decepção em certas coincidências que se aproximam das atitudes dos grandes setores da classe média dos países. Estamos nos referindo, no caso argentino, ao entusiasmo – entre interessado e ingênuo – com que os generais autoritários procuraram impor ordem na sociedade e eliminar agentes subversivos, mas também salvar planos econômicos, no decorrer do regime autoritário ou do regime democrático, como foi o caso do plano de Martínez de Hoz, do Plano Austral e dos planos postos em prática por Domingo Cavallo. No caso brasileiro, lembremo-nos, por exemplo, do entusiasmo dos anos do “milagre econômico” ou da euforia gerada pelo Plano Cruzado no governo de Sarney, seguido de enorme frustração, neste caso, já na década de 1980.

evidencia-se, assim, que, apesar de uma longa história de disputas e competitividade em diversas áreas, brasileiros e argentinos compartilham de experiências sociais bastante semelhantes, e estas, possivelmente, sejam um dos facilitadores que nutrem o espírito de rivalidade, principalmente no imaginário coletivo das duas nações. Aqui, pertinente lembrar o exemplo do futebol e traçar uma analogia: as maiores rivalidades surgem em momentos de maior equilíbrio entre os disputantes. A mesma assertiva pode ser aplicada na disputa entre Brasil e Argentina. Na medida em que equidade social e

semelhanças no dia a dia dos dois países se equiparam, a disputa pela hegemonia na América do Sul extrapola os setores políticos e das relações exteriores e acaba por se enraizar nas teias de representações das duas nações.

Possivelmente, a grande mudança que o final da década de 1970 trouxe foi uma consciência mútua de que o caminho para o desenvolvimento da América do Sul passaria a ser muito mais pela cooperação mútua do que pelas disputas pela hegemonia.

Gullo (2005) enfatiza justamente esse aspecto. Ele considera que, ao longo da história, a relação entre Argentina e Brasil não foi fácil. Não foi até meados da década de 1980 em que os dois Estados abandonaram as hipóteses de conflito para assumir gradualmente os planos de integração. E essa mudança, de fato, nunca aconteceu, e há algumas hipóteses que nos ajudam a entender o motivo de um muro imaginário permanecer separando as duas nações:

Aunque es preciso no exagerar em el análisis de las dificultades y fricciones: La frontera no está regada de sangre. El ejército brasileño nunca ocupó militarmente la ciudad de Buenos Aires imponiendo el terror y la persecución de la resistencia. La aviación argentina nunca bombardeó Rio de Janeiro: ninguna bomba argentina cayó, jamás, sobre la casa de una familia brasileña. No hay muertos que olvidar, ni vejaciones que perdonar, como em el caso franco-alemán. Si Francia y Alemania protagonizan hoy el proceso de integración más exitoso de historia reciente, es claro que no existe ningún condicionamiento proveniente del pasado que haga inviable la integración entre la Argentina Y Brasil. Sin embargo, ambos se conocen mutuamente em mucho menor medida que lo que Francia conocía a Alemania y viceversa, antes del comienzo del proceso de integración europeo. Se conocían a fondo, precisamente, porque habían sido enemigos; Alemania y Francia se conocían perfectamente porque se habían “estudiado”. Cada Estado “estudiaba” como defenderse del otro o, peor aún, como aniquilarlo. Sin embargo, a la larga, esse conocimiento les sirvió para integrarse mejor. Ambas naciones sabían bien de los defectos, las virtudes y las necesidades de la otra. La Argentina y Brasil encontraron tres obstáculos básicos que conspiraron, permanentemente, contra el buen entendimiento y los espasmódicos intentos de integración: La acción política y cultural-ideológica de Inglaterra y Estados Unidos, la herencia de la rivalidad entre España y Portugal y el desconocimiento mutuo, cargado de prejuicios (GULLO, 2005, p. 95).

As décadas de 1960 e 1970 se destacam como um período da história onde profundas mudanças culturais puderam ser observadas. Aliás, é imprescindível avaliar que a década de 1970 foi extremamente contraditória, pois, se, por um lado, há um aumento significativo no atrito entre Brasil e Argentina, principalmente relacionado à política externa entre os dois países, há um momento de ruptura, que pode ser observado em âmbito global.

Gullo (2005) destaca que, na década de 1970, diante da dissidência real da importância geopolítica e geoeconômica das categorias de espaço e tempo, advertidos por Marshall Macluhan, muitos autores começaram a imaginar um mundo idílico, sem mestres ou escravos. Um mundo em que as categorias de “centro” e “periferia” desapareceram e em que o conceito de “dependência” seria diluído pela “interdependência mútua” de todos os Estados. A interdependência causada, supostamente, pela nova revolução tecnológica enfrentada pela humanidade.

O que se observa é que nas décadas de 1960 e 1970 grandes massas de jovens participaram da vida política. Tanto no centro quanto na periferia do mundo, houve uma euforia política incontrolável, onde milhões de jovens de todas as nacionalidades sonharam em construir um mundo mais justo. A política era algo como “nosso pão diário”. Os movimentos da rebelião social e nacional estavam no auge, tanto no Primeiro Mundo quanto no Terceiro Mundo. A preocupação com o outro era o ponto de partida do pensamento e da ação política e deslocava o pensamento liberal, que, durante séculos, havia pregado a bondade do egoísmo. Os pensadores liberais viram que o mundo havia sofrido grandes mudanças e que a abominável “rebelião das massas” havia chegado. Do outro lado da barricada, os pensadores e políticos que durante anos haviam sitiado a fortaleza liberal acreditavam que a hora do povo finalmente havia chegado. A “sociedade disciplinar” parecia estar sendo derrotada no centro e na periferia, tanto a nível nacional quanto internacional.

Contudo, poucos anos depois, esse mundo era apenas uma lembrança. Observa-se que, na década de 1990, há uma ampla desarticulação dos movimentos de rebelião social e nacional, há uma retirada do pensamento crítico. Os motivos dessa grande mudança, em um espaço de duas décadas,

estão justamente nos anos de 1970, em uma série de pequenos fatores, os quais são expostos por Gullo (2005):

La causa de tan abrupto viraje no es, seguramente, una sola. Las causas son, sin duda, muchas. Y esa pluralidad de causas es precisamente la que explica la marginación del pensamiento solidário, la consecuente derrota de los movimientos de rebelión social y nacional, y la “reconquista” por parte del antiguo pensamiento liberal – bajo el aparentemente nuevo ropaje del “neoliberalismo” – de las rendas de la historia. La ausencia de una profunda visión espiritual em la revolución eu protagonizaban los pueblos, el erróneo caminho que eligieron alguns al optar por la política de la muerte (que llevó a la muerte de toda política), los cambios tecnológicos que vaciaron de poder a los Estados nacionales – marco natural a través del cual se expresaban los pueblos – fueron causas – por mencionar sólo algunas de los más salientes – que contribuyeron, sin duda, a tan trágica derrota (GULLO, 2005, p. 73).

Há, contudo um fator que o autor considera essencial, que é o impacto que os meios de comunicação de massa tem no contexto social. Em especial a televisão trouxe uma velocidade de impacto que perpetuou mudanças profundas, e de maneira muito rápidas. Certamente, os grupos que controlam a produção veiculada através desses meios de massa acabam por induzir a receptividade das grandes massas de teias de representações que lhe são mais convenientes, e, como já foi exposto, esse fenômeno se intensificou durante a década de 1970. Tal fenômeno foi muito bem aproveitado pelos Governos, em especial, pelas ditaduras, para a difusão do seu discurso através de um alinhamento com os veículos de comunicação de massa. Também, esse fenômeno fica ainda mais perceptível em momentos de mobilização nacional, como é o caso de uma Copa do Mundo. A Argentina, em 1978, soube tirar proveito desse alinhamento de discursos, assim como o Brasil já havia feito em 1970, e outros governos em outros momentos e contextos históricos.

Sin embargo, existe um motivo de enorme relevância cuyo análisis se há abordado escassamente em este sentido.

El desarrollo histórico del imperialismo cultural a través de los medios massivos de comunicación – aquello que calificásemos como la “telehegemonía”- que realizaron los sectores dominante del centro imperial sobre su propio Pueblo, sobre aquellos Estados “vassalos” y sobre sus Estados aliados, sumado a los efectos que la televisión provoco (en tanto principal instrumento a través del cual se implementa este nuevo modelo de “imperialismo cultural”) sobre a psiquis del hombre, independentemente de su contenido, engendró uma nueva revolución que volcó de nuevo (y abruptamente) la balanza a favor de las ideas e intereses del imperio. Este fenómeno es el que nos atravesamos a denominar la “revolución anestésica”.

Este processo dotó, a su vez, al imperio de uma nueva foram de poder que hasta entonces no había sido aplicada nunca: el “biopoder”.

La consecuencia inmediata, como ya apuntamos, fue el abandono de las reivindicaciones sociales y populares, y el subsecuente retorno a las políticas propuestas por el poder imperial (GULLO, 2005, p. 73-74).

Praticamente da mesma forma, o Brasil e a Argentina como Estados – e inclui-se o período anterior e vigente ao colonial – se olharam com profunda suspeita. As acusações mútuas de manter “interesses” imperialistas em ambos os lados da fronteira levaram a “hipóteses nacionais de conflito” que, ao longo do tempo, provaram nunca se concretizar. Tantas suspeitas, às vezes fundadas, muitas outras vezes, apenas imaginárias, levaram, no entanto, a que as duas nações se envolvessem em disputas estéreis e se tornassem absorvidas pelo isolamento mútuo. O Brasil e a Argentina, os dois maiores e mais importantes países da América do Sul, foram vistos durante toda a sua história como rivais quando, de fato, seu único destino possível seria a parceria para um desenvolvimento mútuo. Separados, a história ensina e demonstra, eles foram uma presa fácil para os projetos de turno imperiais e sua capacidade de interagir com as grandes potências foi escassa se não fosse nula. Se, como resultado dessa fútil suspeição, as duas nações proclamassem ofensas e até danos, hoje, é urgente rejeitá-las, lançando no esquecimento velhas “escaramuças” da história. Utilizando-se do exemplo da França e da Alemanha, que forjaram a Europa unificada, infligiram terríveis danos uns aos outros e ainda assim esqueceram-se de dar lugar à única possibilidade que lhes deu história: realizar a unidade europeia.

Diferentemente do que aconteceu na Europa, os dois maiores países da América do Sul, que viram na década de 1970 uma profunda superfície de atrito, partiram para a década de 1980, a exemplo do contexto sócio/cultural global, um esforço de aproximação mútua. Esforço que, ao longo das décadas, mostrou-se ineficaz, entre outros fatores pelo desconhecimento mútuo e pelo sentimento de rivalidade já enraizado nas teias de representações das sociedades dos dois países.

O movimento constante de aproximação e afastamento entre o Brasil e a Argentina em um primeiro momento pode ser visto como contraditória, porém, como expõe MADRID (2003), que há um fato bastante peculiar nas relações entre Brasil e Argentina, e que corrobora para o sentimento de rivalidade entre brasileiros e argentinos. Para o autor, desde que se constituíram como Estados republicanos, Brasil e Argentina, pela proximidade geográfica e pela diversidade produtiva, seriam parceiros “naturais”, porém, o antagonismo se coloca justamente nas decisões políticas de cada Estado, que geralmente refletem a busca por uma maior inserção internacional ou por visões conceituais de governos frente às questões mundiais. Em sua análise, o autor segue uma linha de avaliação paralela ao que se pretende estabelecer, neste estudo, que, apesar de um processo convergente contínuo, os governos dos dois países adotam políticas divergentes, o que, no contexto histórico, torna-se um fomentador do sentimento de rivalidade.

Há, entretanto um fator que sempre trouxe um desequilíbrio das disputas em favor do Brasil. O fator demográfico sempre pesou contra a Argentina. Essa questão é motivo de análise de Scenna (1975), que considera um fator preponderando o Brasil ter uma população maior que a Argentina, e isso o favorece, principalmente na contemporaneidade, em relação a mercados de consumo.

El Gigantesco Brasil, en plena eclosión demográfica, tendrá 200 millones de habitantes para el año 2000. La población argentina, com un bajo índice de crecimiento, tansólo llegará a unos 35 millones, savo que em el hipotético caso de inmigraciones massivas logre duplicar la cifra actual, com lo que se contarían 50 millones para esa fecha (SCENNA, 1975, p. 412).

Scenna (1975) faz essa análise com base não apenas em dados da contemporaneidade, mas chama a atenção que o fator demográfico, ao longo da história, sempre pendeu favoravelmente ao Brasil, que, além de ter a população em maior número, procurou desenvolver políticas públicas para a ocupação de todas as regiões de seu território.

La diferencia demográfica se acentua incesantemente en contra nosotros. Em 1940, por cada argentino había tres brasileños; em 1970 la relación era de cuatro a uno; los cálculos dicen que em 1980 serán cinco los brasileños por cada argentino. (...) Entre nosotros, el 70% de los habitantes se agrupa em la zona pampeana litoral que sólo representa la cuarta parte del país, y dentro de ella prima pesadamente el Gran Buenos Aires. En Brasil, com una concentración urbana muy inferior a la nuestra, se nota un desplazamiento del foco demografico hacia el sur (SCENNA, 1975, p. 412).

Como exemplos de uma ampla distribuição de centros urbanos, Scenna (1975) cita a Bahia, em 1872; Minas Gerais, em 1900; Rio de Janeiro, em 1950; além de São Paulo, na contemporaneidade. Mesmo com o fenômeno do êxodo rural, observado de forma mais acentuada a partir da década de 1970, o Brasil manteve uma população distribuída em diferentes partes dos seu território. Atualmente, apesar de haver uma concentração na região sudeste, por exemplo, houve a preocupação no passado de desenvolver políticas para manter ocupados os territórios do centro-oeste.

1.5 Itaipu e Corpus: a disputa pelo Paraguai

Certamente esse não é o único ponto de atrito entre a diplomacia de Brasil e Argentina, como já foi apontado anteriormente, mas a questão de Itaipu é considerada um pilar central neste trabalho. Há dois motivos para que esse assunto seja abordado com maior atenção nesta pesquisa. Primeiramente, por ser considerado um momento de bastante disputa entre Brasil e Argentina, e, por consequência, uma metáfora que pode ajudar a

explicar um pouco mais sobre a rivalidade entre os dois países, mas também pelo período histórico em que acontece, durante os anos de 1970, que traz o contexto histórico desta pesquisa, justamente no período em que acontece a Copa do Mundo da Argentina de 1978.

O interesse estratégico na região onde se localiza a hidrelétrica de Itaipú é de longa data, como aborda Lopes (2013). Na acepção do autor, desde a chegada à América pelos europeus, a região da Bacia hidrográfica do Rio da Prata foi considerada estratégica para o desenvolvimento de toda a região. A Bacia possui a segunda maior extensão territorial de toda a América Latina, com mais de três milhões de quilômetros quadrados, estando atrás somente da Bacia Amazônica. Diversos rios formam essa bacia, mas os principais são: o Paraná, o Paraguai e o Uruguai, coincidentemente, todos têm suas nascentes em território brasileiro e seguem seu curso convergindo na fronteira uruguaio-argentina. Cinco países compõem a bacia, são eles: Argentina, Bolívia, Brasil, Paraguai e Uruguai, totalizando uma população superior a 80 milhões de pessoas. Percentualmente, o Paraguai é o único país cujo território nacional está 100% inserido na macrorregião da bacia, assim: 37% na Argentina; 19% na Bolívia, 17% no Brasil e 80% no Uruguai. Apesar de a totalidade do território paraguaio pertencer à macrorregião, os dois eixos de poder são da Argentina e do Brasil. A disputa pelo controle dessa bacia dá-se pela questão da navegabilidade, mas, principalmente, e esse ponto é o que mais nos interessa, pelo seu enorme potencial energético. Esses dados ilustram a importância geopolítica que o controle dessa bacia tem para toda a América do Sul.

Durante o período colonial, a importância da região se dava, sobretudo, pelo seu grande potencial para o transporte hidrográfico, tanto na América Portuguesa, quanto na Espanhola. Com a ocupação Portuguesa ao oeste, na primeira metade do século XVII, e a consequente exploração econômica da região (sobretudo mineração e agropecuária), a Bacia do Prata já alcançara status muito relevante, uma vez que era fundamental para escoar as mercadorias através da navegação e consequentemente colaborava para o crescimento econômico das colônias espanholas e portuguesas (...) Posteriormente, no sec. XVIII, a bacia se tornou a única possibilidade de comunicação entre as longínquas províncias de Mato Grosso e Goiás e a capital do Rio de Janeiro. Com a ascensão da importância da carne, do couro e seus derivados, bem como o cultivo de outros animais, a Bacia do Prata se tornou uma artéria essencial da colonização portuguesa e espanhola nas américas. (LOPES, 2013. P. 17 e 18).

Formado pelas sub-bacias dos rios Paraná, Paraguai e Uruguai e por seus respectivos afluentes, o Rio do Prata é de fundamental importância para toda a região, pois é um estuário fruto do encontro dos rios Paraná e Uruguai com o Oceano Atlântico. Possui mais de 300 quilômetros de comprimento e descarga média de 23.300 metros cúbicos por segundo, perdendo na América do Sul somente para a do Amazonas. Importante notar que a maior parte da população argentina vive na região conhecida como vertente atlântica, inclusive Buenos Aires, que está às margens do Rio da Prata. O Paraguai inteiro é influenciado pelos seus grandes rios, e seu território está inserido em um dos maiores aquíferos do mundo, o Guaraní. O país está dividido ao meio pelo Rio Paraguai, que, além de delimitar parte da fronteira com o Brasil ao nordeste e com a Argentina ao sudeste, atravessa a capital Assunção e divide o território nacional em duas partes: oriental e ocidental.

Ao longo da história, discussões causadas majoritariamente por questões fronteiriças se estabeleceram, até que, na década de 1960, foi constituída a Comissão Mista de Limites e Caracterização da Fronteira Brasil – Paraguai. O governo brasileiro passou a cogitar a realização de obras do aproveitamento hidrelétrico no Salto Grande de Sete Quedas, o que, a princípio, desagradou o governo paraguaio. Diante da impossibilidade do consenso por meio da comissão e a iminente possibilidade de mais um conflito armado entre Brasil e Paraguai, negociações diplomáticas foram iniciadas e uma reunião entre os ministros das Relações Exteriores de ambos os países que ocorreu em Porto Presidente Stroessner e Foz do Iguaçu, nos dias 21 e 22 de Junho de 1966. O resultado dessa reunião foi um documento que ficou conhecido como Ata de Iguaçu.

Uma vez que a área de litígio seria alagada, o litígio deixa de existir. O que a ata também estabelece, é que nem Brasil, nem Paraguai podiam se aproveitar dos recursos de forma unilateral. Além disso, toda a energia elétrica que eventualmente fosse produzida na região seria igualmente dividida em partes iguais para os dois países. Além de dar direito da preferência na aquisição do excedente a “preço justo”, de acordo com Mario Gibson Barbosa (LOPES, 2013, p. 41).

Claro que havia muitos aspectos por trás da ata e da ideia de Itaipu, o que envolvia questões de diferentes aspectos, tais como a necessidade de aumentar o potencial elétrico do Brasil e Paraguai, o que tinha por base o propósito de ampliar a preponderância brasileira sobre o Paraguai e, conseqüentemente, sobre toda a Bacia do Prata. O chanceler Gibson Barboza afirmava, no entanto, que o principal motivo era encerrar um conflito fronteiriço entre Brasil e Paraguai na região conhecida como Sete Quedas. Apesar de a Ata de Iguaçu ter diminuído os conflitos fronteiriços, na prática, isso já não era mais possível naquele momento, pois já não era mais possível dar todas as respostas necessárias para encerrar definitivamente os embates estabelecidos, e o questionamento em relação a onde exatamente seria a fronteira continuava sendo feito pelo Paraguai.

Obviamente, ao perceber essa aproximação do Paraguai com o Brasil e as futuras intenções e possibilidades propiciadas pelo aproveitamento hidrelétrico, a Argentina não reagiu bem e tentou, de diversas formas, cancelar, ou, ao menos, ter algum grau de ingerência acerca disso. Como se sabe, a partir de meados do século XIX, a história das relações bilaterais de Argentina e Brasil foi marcada por intensas disputas de poder sobre a região.

Foram muitas as hipóteses alarmistas defendidas por Buenos Aires. A mais conhecida era de que Buenos Aires iria submergir e de que o Brasil teria em mãos a sua “bomba hídrica”, mas havia outras teorias, como a de que parte do território argentino e do Cone Sul viraria um grande deserto, que o lago Itaipu seria assoreado em questão de meses, etc. Por vezes a campanha contra da Argentina atrapalhou no financiamento do projeto, por parte do Banco Mundial, bem como na credibilidade internacional do projeto.

Mello (1996) informa que a Argentina firmara com o Paraguai o Tratado para a construção da usina hidrelétrica de Corpus, nos mesmos moldes de Itaipu (a Argentina acreditava que o empreendimento seria capaz de reequilibrar a balança de poder e neutralizar a preponderância brasileira), mas o país porteño temia que a geração de energia de Corpus fosse comprometida, dependendo da altura da barragem e da água liberada em Itaipu, produzindo um enorme prejuízo financeiro. Além disso, do ponto de vista geopolítico, o governo argentino temia que Itaipu desenvolvesse e influenciasse a região de

tal forma que o frágil nordeste argentino, região de misiones, virasse um satélite brasileiro, assim como as regiões paraguaias limítrofes com o Brasil. Brasil e Paraguai tiveram que se utilizar de vários instrumentos diplomáticos e jurídicos, com muita habilidade e sutileza, para não criar uma crise política na região e conseguir dar continuidade ao projeto, diante das investidas contrárias da Argentina. Pelo fato de o Rio Paraná ser um elemento importante na Bacia do Prata, ficou acordado entre as três partes que Brasil e Paraguai informariam previamente a Argentina acerca das decisões e possíveis intervenções na região; aspecto esse em acordo ao Tratado da Bacia do Prata, proposto pela Argentina e assinado por todos os países que compõem a Bacia.

A construção de uma usina hidrelétrica tão próxima a gigante Itaipu traria consigo algumas implicações técnicas. O represamento e o controle artificial do fluxo de águas, que foi feito por Itaipu, poderiam afetar diretamente (de forma negativa) o potencial gerador de Corpus, que fica a jusante de Itaipu, e de acordo com especialistas argentinos a usina só seria economicamente viável com uma cota de água entre 105 e 115 metros acima do nível do mar; o fato de as águas do Rio Paraná serem águas internacionais que compõem a macrorregião da Bacia do Prata implica a posição argentina de defesa do princípio de indivisibilidade dos recursos naturais compartilhados regulamentado pelo direito internacional. Todos esses argumentos foram largamente utilizados pela diplomacia Argentina que sustentava o princípio de consulta prévia acerca de Itaipu, ou seja, todos os passos a serem tomados por Brasil e Paraguai relativos à Itaipu deveriam passar por uma consulta prévia da Argentina. O Brasil alegava que esse princípio restringiria a sua soberania, uma vez que todas as decisões deveriam ser submetidas ao julgamento de outro Estado. E juridicamente alegava que não havia qualquer impedimento para a utilização dos rios no trecho sob sua jurisdição, a menos que seu uso pudesse causar grandes danos em territórios alheios. O máximo que a diplomacia brasileira se dispunha a fazer era a facilitação na obtenção de informações e uma cota máxima de 100 metros.

Ribeiro (2006) traz um elemento a mais à discussão. Mesmo que fosse utilizado apenas como ferramenta para moldar a opinião pública, o argumento da gigantesca barragem que poderia ser usada como uma arma chegou a ser

utilizado. Descrita como a bomba hídrica brasileira, a obra de Itaipu foi caracterizada como uma arma perigosa para a segurança física do território argentino. Mesmo quando não se reportava a intencionalidade bélica dos brasileiros, se questionava a qualidade da engenharia e dos sistemas a serem utilizados, subsistindo sempre a possibilidade de desastres naturais que poderiam afetar a represa.

O conflito entre Argentina e Brasil, que se agravava após a assinatura do Tratado de Itaipu e a consumação do projeto de Corpus, ganhava ares militares com demonstrações de poder pelas forças armadas e constantes debates acalorados pelas imprensas locais, dentro das possibilidades, visto que a censura barrava grande parte das opiniões e/ou informações que não lhes eram interessantes. Importante ressaltar que, nesse período, ambos os países consideravam a possibilidade de desenvolver tecnologias capazes de futuramente produzir armas nucleares, fator esse que contribuiu ainda mais para a possibilidade de haver um confronto armado.

A necessidade argentina de produzir mais energia para crescer economicamente era real, e não há dúvidas de que uma usina como Corpus contribuiria de forma determinante para tal fim, entretanto, diante de todo o histórico de conflitos e da oposição Argentina declarada à Itaipu, é possível afirmar que as convicções e necessidades geopolíticas influenciaram mais do que a necessidade econômica na elaboração do projeto. Sem nenhuma ingerência argentina, Itaipu seria, portanto, o golpe decisivo para a consolidação da preponderância brasileira sobre o Paraguai, além de possibilitar ao Brasil o apossamento da água requerida pelos projetos argentinos e imiscuir-se no Uruguai, país até então considerado como integrante da área de influência de Buenos Aires.

Lopes (2013) afirma que com um posicionamento mais comedido diante do impasse, a Argentina, em março de 1977, propõe a negociação acerca do aproveitamento hidrelétrico da região de forma tripartite entre Argentina, Brasil e Paraguai. O governo brasileiro não aceita, pois considera um retrocesso a inclusão do princípio da consulta prévia. O chanceler Azeredo da Silveira afirma que aspectos referentes às cotas de Itaipu devem ser decididos entre Brasil e Paraguai, e aqueles referentes às cotas de Corpus devem envolver

Argentina e Paraguai, com a prerrogativa de que nenhum dos empreendimentos cause inundação ou destruição em território alheio, e mais uma vez argumenta que essa é simplesmente uma questão de soberania.

A esse respeito, Ribeiro (2006) destaca que mais do que questões técnicas, o que se colocava em disputa durante o processo de Itaipu era a posição geopolítica dos países envolvidos. Os argentinos chamavam o plano brasileiro de desenvolvimento de ambicioso. Se o debate de redimensionamento apontava o Brasil como país do futuro, a Argentina não podia mais aspirar o status de potência.

Durante a década de 1970, o governo da Argentina seguiu duas linhas paralelas de atuação. Ao passo que trabalhava para alçar o país em a um status de potência região, com reconhecimento internacional, buscava também manter uma ação mais efetiva em relação ao Brasil, com o objetivo de não permitir que houvesse um grande desequilíbrio de poder em detrimento do país portenho.

O que, na realidade, o governo de Videla pretendeu, consciente de que a relação de poder com o Brasil, na Bacia do Prata, era desfavorável à Argentina, foi aumentar sua capacidade de negociação e, de certo modo, impor uma política de equilíbrio. Assim, durante a VIII Reunião dos Chanceleres da Bacia, em Brasília (7 a 9 de dezembro de 1976), o almirante Cezar Augusto Guzetti, na qualidade de ministro das Relações Exteriores e Culto, propôs uma negociação global entre os dois países, sobre as diversas questões do seu relacionamento bilateral, entre as quais, segundo indicou, o comércio, a construção da ponte sobre o Rio Iguaçu, os transportes marítimos (fretes), a cooperação técnica, inclusive no campo nuclear, a pesca e o trigo, bem como o aproveitamento hidrelétrico dos rios Uruguai (Garavi, San Pedro e Roncador) e Paraná (Corpus e Itaipu). Azeredo da Silveira aceitou discutir todos os pontos, exceto o do aproveitamento do Rio Paraná, sob a alegação de que se tratava de uma decisão de governo e não da Chancelaria. O clima para o diálogo, entretanto, não se restabeleceu. No começo de 1977, o Itamaraty enviou uma nota diplomática a Buenos Aires, em que manifestava preocupação com a interpretação do tratado de 1956, reclamava um pronunciamento a respeito da liberdade de navegação no Rio do Prata, a fim de que a questão ficasse “plenamente esclarecida”, uma vez que as incertezas levantadas configuravam “uma situação cuja gravidade é tanto maior quanto se põe em dúvida o relacionamento jurídico do Brasil com a Argentina, ao comprometer o respeito a tratados vigentes, um dos princípios cardiais do Direito Internacional” (BANDEIRA, 1993, p. 256).

A intenção da Argentina não vingou naquele momento, pois, pouco tempo depois, Azeredo da Silveira rejeitou a proposta do país vizinho para formar com o Brasil e o Paraguai uma Comissão Tripartite, visando “compatibilizar os projetos de Itaipu e Corpus”, sob a alegação de que ela tinha como pressuposto a aceitação da tese da consulta prévia. E não respondeu sobre outra sugestão, encaminhada, como alternativa, pelo Embaixador Oscar Camilión, no sentido de que os dois países realizassem uma reunião bilateral de alto nível, reservada e de caráter exclusivamente técnico, após o que então convidariam o Paraguai para participar dos entendimentos. As posturas mais contundentes do governo argentino não eram bem vistas pelo Brasil. Um exemplo acontece quando a Chancelaria argentina, por meio do Embaixador do Brasil em Buenos Aires, Cláudio Garcia de Souza, deu um prazo de doze dias (até 30 de maio de 1977) para que o Itamaraty se definisse. Azeredo da Silveira interpretou tal atitude como intimidação e passou a exigir uma resposta satisfatória à nota sobre a liberdade de navegação no Rio do Prata como condição prévia para a continuação do diálogo. A notícia de que o Paraguai modificaria sua ciclagem de 50 Hertz para 60 Hertz, conforme a existente no Brasil, acirrou os ânimos da Argentina, pois, caso tal medida se concretizasse, ela perderia mais um mercado para seus produtos.

Em junho de 1978, Brasil e Argentina entram em um impasse em relação às negociações da exploração hidrelétrica na região. Contextualizando a situação, Lopes (2013) informa que entre setembro de 1977 e abril de 1978 foram realizados quatro encontros para negociar a compatibilidade técnica entre os projetos de Corpus e de Itaipu. Corpus seria ou não economicamente viável e a navegabilidade da bacia também estava em jogo a depender do sistema de operação de Itaipu. E as cotas e o projeto de execução de Corpus poderiam causar grandes alagamentos em territórios brasileiros. Apesar da frequência dos encontros, não se chegou a um consenso.

O impasse parecia próximo de uma solução durante uma reunião ocorrida no Rio de Janeiro em setembro de 1978, quando é elaborado o Documento do Rio de Janeiro, que garante a navegabilidade a jusante da barragem. Corpus é estabelecida para funcionar com cota de 105 metros e Itaipu funcionaria de maneira flexível com 18 turbinas. Em 20 de outubro de

1978, é inaugurado o canal de desvio de curso do Rio Paraná com a presença dos presidentes Geisel e Stroessner. Exatamente quatro dias depois, o Itamaraty recebe um telefonema do chanceler argentino Montes dizendo que, apesar da cota de 105 metros estar distante do desejado pelo governo Argentino, eles aceitavam os termos do documento. Quando tudo parecia resolvido, no dia 30 de outubro, os governos brasileiro e paraguaio divulgam a alteração do projeto de Itaipu, aumentando de 18 para 20 as turbinas a serem construídas. Obviamente, a Argentina reagiu negativamente e entregou ao Itamaraty uma proposta com 30 alterações no documento do Rio de Janeiro, como forma de condição/aceitação às duas novas turbinas. Dentre as alterações, estava o aumento da cota de Corpus de 105 para 110 metros. As negociações são interrompidas e o diálogo retrocede.

A solução definitiva se dá somente em 1979, com as mudanças nas administrações federais. Tanto na Argentina quanto no Brasil ocorre uma maior abertura para o diálogo e as negociações. Ambos demonstram disposição de solucionar o impasse e interesse no aprofundamento das relações bilaterais com uma agenda mais cooperativa e integracionista em última instância. Fica estabelecida uma agenda mínima com assuntos de interesse mútuo: finanças, indústria, economia, tecnologia, promoção comercial, energia, etc. O que se pretendia era secundarizar a disputa Itaipu-Corpus e trazer novas questões à agenda bilateral, e, para tanto, foi criada a Comissão Especial Brasileiro-Argentina (CEBAC).

Finalmente, em 19 de outubro de 1979, os ministros Ramiro Elycio Saraiva Guerreiro, do Brasil, Carlos Washington Pastor, da Argentina, e Alberto Noguez, do Paraguai, colocam fim definitivo à disputa, com a assinatura do Acordo Tripartite Itaipu-Corpus. Na harmonização das barragens, ficou determinado que Corpus tivesse cota fixada em 105 metros acima do nível do mar e Itaipu poderia construir 18 turbinas e produzir a quantidade máxima de energia prevista (12.600 MW), levando sempre em conta as condições necessárias para a navegabilidade do Paraná, a jusante.

Essa questão atingiu um ponto de bastante atrito entre os meses de junho e julho de 1978, período em que seleções de todos os continentes estavam disputando a Copa do Mundo. Os veículos de comunicação do Brasil

e da Argentina alternavam em suas editorias com informações sobre o futebol e também sobre a disputa nos bastidores das relações internacionais dos dois países. O cotidiano dessa disputa receberá um olhar detalhado no próximo capítulo.

2 CLARÍN E ESTADO DE SÃO PAULO: A RIVALIDADE NA IMPRENSA

Este capítulo tem o objetivo de ser tanto expositivo quanto analítico, já que propõe-se a expor o material jornalístico que foi coletado referente ao mês de junho de 1978, período em que aconteceu a Copa do Mundo da Argentina. Neste ponto do trabalho, não são expostas apenas questões relativas ao esporte, ao contrário, expõe-se a rivalidade em uma situação mais ampla, que se apresenta em diferentes setores da sociedade.

Durante o capítulo, serão avaliados os trechos de jornais nos quais foram noticiadas informações sobre os dois países. É necessário também destacar que, ao tomar um jornal como fonte histórica, é preciso considerar que o historiador não pode deixar de ter uma abordagem teórica, tanto em relação à seleção das notícias quanto no que refere à forma de analisá-las. Entretanto, o empirismo do pesquisador no momento de considerar a relevância de cada documento coletado também é considerado.

2.1 Os jornais como fonte histórica

Esta pesquisa tem como principal fonte de informação dois jornais impressos, *O Estado de São Paulo*, do Brasil, e o *Clarín*, da Argentina. Um questionamento que pode ser levantado inicialmente diz respeito ao que justificaria buscar entender um pouco mais sobre a rivalidade de Brasil e Argentina nos veículos de comunicação. A resposta pode ser indicada de diversas maneiras. Uma delas é trazida por De Luca (2010), quando enfatiza que a escolha de um jornal como fonte de estudo justifica-se por entender-se a imprensa fundamentalmente como instrumento de manipulação de interesses e de intervenção na vida social. Nega-se, pois, aqui, aquelas perspectivas que a tomam como mero “veículo de informação”, transmissor imparcial e neutro dos acontecimentos, nível isolado da realidade político-social na qual se insere.

Também é necessário enfatizar, no entanto, que o historiador deve ter um cuidado especial ao tratar com essa fonte de pesquisa. No caso deste trabalho, há uma ampla bibliografia que indica que a imprensa sofria com a forte influência dos governos no período em que a análise se desenvolve, pois cabe ressaltar que tanto Brasil quanto Argentina passavam por período de ditaduras, com a instalação de governos militares, e isso exige uma atenção especial. De Luca (2010) cita o professor francês do Departamento de História da Universidade de São Paulo e historiador Pierre Renouvin, que faz alguns alertas sobre a maneira de se fazer análise acerca de veículo de comunicação. Primeiro, enfatiza que sempre será difícil sabermos que influências ocultas exerciam-se em um momento dado sobre determinado órgão de informação ou mesmo termos clareza sobre qual o papel desempenhado, por exemplo, pela distribuição da publicidade, qual a pressão exercida pelo governo. Segundo a importância de se inquirir a respeito das fontes de informação de uma dada publicação, sua tiragem, área de difusão, relações com instituições políticas, grupos econômicos e financeiros.

Ter um jornal como fonte histórica nos parece, em um primeiro momento, algo bastante comum, pois desse documento é possível extrair informações não apenas do caráter político e econômico da sociedade e dos indivíduos, mas também informações sobre o cotidiano social. Podem ser pequenos problemas diários ou algumas conquistas individuais, que, se analisados mais detalhadamente e contextualizados de maneira criteriosa, têm grande valia ao historiador. Samara e Tupy (2010) defendem não apenas a utilização do jornal, mas de diversas outras fontes que, se utilizadas de maneira criteriosa, podem auxiliar nos estudos e pesquisas históricas. As autoras defendem o caráter dinâmico do estudo e do ensino da história, que se manifesta na própria definição do que atualmente considera-se um documento histórico. Auxiliando o trabalho dos alunos, dos professores, dos jovens pesquisadores, os critérios dos parâmetros curriculares nacionais, elaborados na última década do século XX propõem uma ampla definição de documentos. Nesse conceito, inclui-se: cartas, livros, relatórios, diários, pinturas, esculturas, fotografias, filmes, músicas, mitos, lendas, falas, espaços, construções arquitetônicas ou paisagísticas, instrumentos e ferramentas de

trabalho, utensílios, vestimentas, restos de alimentos, habitações, meios de locomoção e meios de comunicação, dentre outros. As autoras consideram ainda as questões de subjetividade, ou o que estaria nas entrelinhas do material físico, como os sentidos culturais, estéticos, técnicos e históricos que os objetos expressam, organizados por meio de linguagens (escrita, oralidade, números, gráficos, cartografia, fotografia, arte).

Com o documento em mãos, cabe ao pesquisador realizar a análise e selecionar os critérios para a abordagem, e também ter clareza acerca da informação que busca no documento. No caso do jornal, uma infinidade de recortes poderiam ser selecionados. Inicialmente, pode ter uma abordagem do texto jornalístico, tanto da sua estética quanto do conteúdo das informações, há outras informações que podem ser importantes no jornal enquanto fonte histórica, entre elas, estão as fotografias, também objeto bastante comum de estudos, porém, há outros menos comuns, mas que também poderiam nos servir: tipo de papel utilizado, qualidade gráfica, perfil do corpo editorial, conteúdo comercial (editais ou classificados); mercado de circulação; entre outros, enfim, há diferentes possibilidades de abordagens, cada uma servindo ao interesse do pesquisador.

Samara e Tupy (2010) trazem ainda outro ponto que pode ser considerado em relação à utilização de um jornal como fonte histórica. Para as autoras, é necessário, ao associar o documento histórico à escrita ou à representação gráfica da linguagem falada, que o historiador tenha em mente que essa é apenas uma das inúmeras formas possíveis de expressão ou de comunicação social. Quer seja registrando fatos, quer seja narrando acontecimentos relativos aos diversos agrupamentos humanos, ou, ao menos, impressões e sentimentos de uma determinada pessoa, entre inúmeros outros exemplos de registros escritos, um estudioso deve destacar o óbvio: a escrita possibilita não apenas a elaboração de um texto, mas também a transmissão de mensagens entre quem escreve e quem o lê e/ou interpreta. E, além disso, o texto produzido exige, evidentemente, um suporte físico para se materializar. Estudado em sua dimensão material, é possível determinar quais são as formas/tamanhos que um registro escrito pode assumir; os elementos (naturais ou não) utilizados na sua confecção; as técnicas empregadas na sua

fabricação, dando conta, portanto, de sua dimensão material. As autoras consideram, portanto, que muito mais do que uma fonte de informação, o documento se relaciona de uma maneira muito mais complexa e abrangente com o pesquisador, possibilitando diferentes linhas de abordagem e também diferentes resultados na pesquisa.

Seria bastante adequado, portanto, antes de iniciar o processo de abordagem, ter em mente alguns questionamentos básicos propostos por Samara e Tupy (2010), tais como: o que é documento histórico? Em que contexto ele está inserido? Qual o conteúdo que ele disponibiliza? Quem o elaborou? Em que época? Qual a sua forma? Qual a sua mensagem original? Qual seu objetivo? Qual a sua veracidade? Qual a tipologia? Como classificá-lo? Como operacionalizar o trabalho? Qual o instrumental mais apropriado? Que tipo de análise permite? Que perguntas sugerem? Que respostas encaminham? Tal reflexão se revela como um importante instrumento para que se configure a relação, nem sempre harmoniosa, entre o historiador e sua ferramenta de trabalho.

Heinsfeld (2013) destaca que embora fossem largamente utilizados como fonte de apoio e para confirmação de outros tipos de documentação, os jornais durante bastante tempo receberam pouca atenção em estudos que aprofundassem seus posicionamentos dotados em diferentes momentos do processo histórico.

Modelos políticos, sociais e culturais são veiculados pela imprensa escrita, que quer fazer o leitor acreditar que aquilo que está sendo veiculado é a chamada “verdade”. Sobre isso, pertinente registrar que estudos históricos que trazem a imprensa como objeto de estudo são relativamente recentes do Brasil. O mais importante nesse contexto é enfatizar que muito mais importante na escolha do jornal como objeto de estudo é que o periódico em questão deve ser entendido não apenas como um “veículo de informação”, mas (ressaltamos novamente) também como instrumento de manipulação, fazedor de mentes e condutas, manipulador da consciência social.

Nessa direção, um ponto bastante importante para ser considerado é a temática, já que é dela que depende a maneira com que o pesquisador

determina a abordagem sobre a sua fonte. Ao se falar de rivalidade, principalmente ao ser analisada por meio dos veículos de comunicação, é necessário considerar que o objeto de estudo é algo que está no campo da memória de brasileiros e argentinos. Rüsen (2009) discorre um pouco do discurso sobre a memória e como se revelou uma distinção muito útil de três diferentes modos de lidar com o passado na vida social, que também podem ser úteis se aplicados à questão da consciência histórica:

1. A memória comunicativa faz a medição entre a autocompreensão e as experiências de mudança temporal. Nesse meio, a memória lida com a formação de diferenças geracionais. É um campo da troca cultural no qual um lugar, como uma unidade social com limites fluídos e membros móveis, molda a si mesmo de um modo específico que permite as pessoas sentirem pertencimento e ainda serem diferentes na dimensão temporal, isso nos termos de suas vidas através de diferentes gerações. A memória comunicativa se reflete em discussões sobre a importância da experiência histórica de eventos específicos e de símbolos especiais para a representação de um sistema político.

2. Quando há um grau maior de seletividade do passado representado, a memória comunicativa torna-se memória coletiva. Nesse formato, a memória ganha maior estabilidade e tem um papel mais importante na vida cultural. As pessoas comprometidas com o simbolismo da memória coletiva ganham um forte sentimento de pertencimento em um mundo em transformação. Ela é também um importante elemento de estabilidade para uma ampla variedade de unidades sociais, tais como partidos, movimentos sociais, escolas de pensamento no campo acadêmico, interesses de grupos, etc.

3. Ao longo do tempo essa estabilidade pode levar à memória cultural, que representa o núcleo da identidade histórica. Aqui a memória é a matéria para rituais e atuações altamente institucionalizadas. Ela tem o seu próprio meio e um lugar fixo na vida cultural de um grupo. A memória cultural representa o sistema político como uma estrutura, bem como sua permanência no fluxo temporal dos eventos políticos (JÖRN RÜSEN, 2009, p. 166-167).

Segue explicando Rüsen (2009) que os três tipos de memória representam diferentes níveis de seleção e institucionalização com patamares correlacionados de permanência e resistência à mudança. Para o autor, os processos históricos de longa duração podem ser interpretados pelo uso de hipóteses de transformação comunicativa nas memórias coletivas, comunicativas e culturais. Assim, para Rüsen (2009), toda a memória histórica muda no curso do tempo, mas, enquanto a memória comunicativa é fluída e

depende de circunstâncias correntes e a memória coletiva mostra os primeiros sinais de permanência institucional ou organizacional, a memória cultural se estabiliza ao longo do tempo, passando a representar o centro da identidade histórica.

Ao adotarmos como fonte os jornais *O Estado de São Paulo* e o *Clarín*, temos que ter em mente a influência das duas ditaduras (brasileira e argentina) durante o período em que aconteceu a Copa do Mundo de 1978. Mais do que isso, é preciso analisar os interesses do governo argentino em promover esse evento na Argentina, que, de forma direta ou indireta, acabam se refletindo na imprensa daquele país. Aliás, utilizar-se de futebol para promover governos é algo que pode ser visto em diferentes períodos da história. Giulianotti (2002) comenta que o futebol havia se tornado um importante instrumento populista no primeiro governo peronista, durante os anos de 1946 e 1955. Porém, na década seguinte, o selecionado argentino colecionou sucessivos fracassos, os quais separaram-no da linha econômica e política do país. Contudo, durante a década de 1970, a junta militar realizou um grande esforço para reunificar futebol e política, e assim optou-se por sediar uma Copa do Mundo.

Um indicativo do que representa simbolicamente a conquista de uma Copa do Mundo, especialmente em casa, é dado por Wisnik (2008) ao analisar a relação entre o futebol e o homem. Para o autor, ganhar remete ao imaginário, o que significa uma sensação plena e fugaz da completude. Por outro lado, a derrota remete ao real, o que significa a experiência de um corte que devolve ao sentimento de falta.

A importância simbólica da seleção nacional para uma nação é, muitas vezes, difícil de ser dimensionada. Galeano (2004) tenta buscar explicações: “Somos porque ganhamos. Se perdemos, deixamos de ser”. Dessa forma, a camisa da seleção representa o mais inquestionável símbolo da identidade coletiva. Para ele, isso acontece em países que vivenciam diferentes realidades, não apenas naqueles que precisam do futebol para figurar no mapa. Como exemplo, cita o jornal *Daily Mirror*, de Londres, que, após a eliminação da Inglaterra nas preliminares da Copa do Mundo de 1994, estampou suas páginas com letras garrafais: O Fim do Mundo.

No caso da Argentina, em 1978, o governo buscou em primeiro plano

uma imagem positiva no cenário internacional. Galeano (2004) mostra que não foram medidos esforços para causar uma boa impressão. Com o objetivo de maquiar sua imagem internacional, a ditadura contratou pelo valor de meio milhão de dólares uma empresa especializada dos Estados Unidos. O resultado do trabalho desenvolvido pela empresa Burson-Masteller foi o relatório intitulado “O que vale para os produtos, vale para os países”.

A Argentina buscou criar um clima positivo dentro país e construir uma imagem positiva fora de suas fronteiras, pois acreditava que as duas situações eram inerentes.

O presidente da Sociedade Rural Argentina, Celedonio Pereda, proclamou que graças ao futebol “acabará a difamação que os argentinos desnaturados fazem circular nos meios de informação do Ocidente, utilizando para isto o produto de seus assaltos e sequestros”. Não se podia sequer criticar os jogadores, nem o técnico. A seleção argentina sofreu alguns tropeços ao longo do campeonato, mas foi obrigatoriamente aplaudida pelos comentaristas locais (...). O almirante Carlos Alberto Lacoste, homem forte do Mundial, explicava em uma entrevista: - Se vou à Europa ou aos Estados Unidos, o que me impressiona mais? As grandes obras, os grandes aeroportos, os carros formidáveis, as confeitarias de luxo (...) (GALEANO, 2002, p. 152).

A associação de eventos esportivos e as grandes obras foram bastante utilizadas na Argentina do final da década de 1970. Porém, a estratégia de utilizar essa arma não foi novidade na história. Giulianotti (2002) lembra que no sul da Europa grandes investimentos financeiros na área esportiva foram efetuados durante período de ditaduras políticas. A hipótese do autor é que os espaços públicos eram constituídos para gerar sentimentos nacionalistas. Alguns exemplos são o de Mussolini, na Itália, que construiu o estádio Olímpico para as finais da Copa do Mundo de 1934; Franco, na Espanha, que construiu o Bernabeu de 1944 a 1947; e de Salazar, que edificou o Estádio da Luz, em Lisboa - Portugal, em 1954.

A Argentina surpreendeu positivamente os turistas que chegavam ao país, especialmente os que estavam lá para trabalhar e enviar informações para outras regiões do globo. Galeano (2002) diz que aproximadamente cinco

mil jornalistas de todo o mundo viram um imponente centro de imprensa e televisão, além de estádios impecáveis, aeroportos novos e um modelo de eficiência. O circo montado chamou a atenção até dos profissionais acostumados com esse dia a dia. Alguns jornalistas alemães mais experientes confessaram que o mundial de 1978 lhes recordava as Olimpíadas de 1936, que Hitler tinha celebrado, com toda pompa, em Berlim. Galeano (2004) lembra outra semelhança com a Alemanha: próximo ao Estádio Monumental de Buenos Aires funcionava o Auschwitz local, o centro de tortura e extermínio da Escola Mecânica da Armada. Alguns quilômetros além, aviões lançavam ao mar prisioneiros vivos.

A construção de um “imaginário vencedor” para as outras nações foi beneficiada por outros fatores, como salientado por Galeano (2004). Além da taça do torneio, os argentinos ainda foram agraciados com a eleição do melhor jogador e do artilheiro da competição. Kempes se tornou um garoto-propaganda para a Argentina, semelhante ao que Pelé havia sido para o Brasil.

O próprio Brasil já havia tentado algo semelhante em 1950, quando foi sede da Copa do Mundo. Segundo Fraga (2009), tal evento deveria servir como instrumento de afirmação da nacionalidade brasileira. Para os jornais e revistas da época, teria o escopo de comprovar, para nós, e aos olhos dos outros países, em especial daqueles tidos como “mais desenvolvidos”, nossa condição de nação civilizada e evoluída, o que seria obtido não somente pela organização e realização do torneio no Brasil, mas também pela construção do maior estádio do mundo e pela conquista do título máximo por parte da seleção brasileira.

Porém, ao contrário da Argentina no ano de 1978, que comemorou o título do certame, a festa brasileira encerrou com uma grande decepção, já que, na decisão, o Brasil foi derrotado pela equipe do Uruguai dentro do Maracanã. Estima-se que a derrota tenha acontecido diante de aproximadamente 200 mil torcedores, que assistiam a partida ao vivo.

Cabe destacar que, tendo o jornal como fonte histórica, necessariamente há de se considerar diferentes editorias. E é no conjunto dessas editorias que se avalia o local social de cada veículo de comunicação.

Apesar de esta pesquisa considerar as diferentes editorias dos jornais *Clarín* e *O Estado de São Paulo* para formar um imaginário coletivo acerca da rivalidade entre brasileiros e argentinos, a ilustração se dá através da editoria de esportes, pois, como já foi exposto anteriormente, o futebol é avaliado como uma metáfora das dinâmicas sociais, e estabelecer um diálogo constante com outros setores dos periódicos. A importância de avaliarmos com mais atenção essa editoria é justificada por Fraga (2009). O autor expõe que o discurso da crônica esportiva está longe de ser apenas esportivo, já que o discurso desses segmentos acabam sendo assimilados e reproduzidos pelos leitores. E tal realidade acaba por ser mais evidenciada em momentos de mobilização nacional, como é o caso de uma Copa do Mundo.

2.2 As fontes: *Clarín* e *O Estado de São Paulo*

Esta pesquisa tem como proposta a análise das notícias que circularam em nos jornais *Clarín* e *O Estado de São Paulo*, e, com o intuito de explorar de maneira mais completa as fontes e documentos, cabe fazer uma análise histórica das duas empresas de comunicação, para que, dessa forma, possa ser feita uma melhor contextualização das informações. Nesse sentido, os próximos parágrafos trarão passagens importantes da história desses dois veículos e que são consideradas essenciais para esta pesquisa, pois nos ajudam a explicar o momento histórico que está sendo analisado.

Inicialmente, abordamos o jornal *Clarín*, que foi fundado no dia 28 de agosto de 1945 pelo jornalista, advogado e político Roberto Noble. Ele esteve à frente das ações do jornal até sua morte, no ano de 1969. A história do fundador foi contada pelo *Clarín* no ano de 2019, durante a passagem do cinquentenário do seu falecimento. Roberto Noble é descrito pelo jornal como uma pessoa muito influente em Buenos Aires. Nascido em uma família religiosa e conservadora em 1902, estudou na Faculdade de Direito de Buenos Aires, época em que teve seu primeiro contato com o jornalismo. Em 1927, foi um dos fundadores do Partido Socialista Independiente, e, três anos mais tarde, foi eleito deputado nacional, entretanto, não concluiria o seu mandato por

conta do golpe de estado de José Félix Uriburu.

O nacionalismo antidemocrático se nutre de fontes ideológicas européias – fascismo, nazismo, franquismo – e exalta as tradições hispânicas e religiosas. Essa visão nutre, ainda, suspeitas de conspiração internacional contra a grandeza do país. Surge o revisionismo histórico, que reabilita Rosas em detrimento da historiografia oficial de perfil mitrista. Yrigoyen é deposto pelo general José Félix Uriburu (1930-1932). Inicia-se a “década infame”, período de deterioração política que contrasta com a exuberância cultural – o apogeu de Carlos Gardel. O general Agustín Justo (1932-1938) sucede a Uriburu. O conservadorismo, carente de estrutura partidária, promove a chamada “concordância” com o radicalismo “antipersonalista”, logrando pôr na Vice-Presidência Julio A. Roca, filho do ex-presidente (CANDEAS, 2005, p.13-14).

Em 1932, Noble voltaria a ser eleito, aprovando o que ficou conhecida como “La Ley Noble”, que tratava da propriedade intelectual, garantindo uma compensação financeira pela reprodução de obras artísticas. Em 1936, foi designado para assumir o Ministerio de Gobierno de la provincia de Buenos Aires.

Não ocupou mais cargos públicos, e, em 1945, fundou o jornal *Clarín*, que teve sua primeira edição no dia 28 de agosto, com uma tiragem inicial de sessenta mil exemplares. Na década de 1950, passou a se identificar com um viés desenvolvimentista, e nutriu uma grande amizade com Arturo Frondizi, que acabou eleito presidente da Argentina em 1958⁷. Em 1967, se estabelece como o jornal de maior circulação no país, com uma tiragem de 424 mil exemplares. Silveira (2009) avalia que o *Clarín* serve de exemplo ao abordar inúmeros veículos de comunicação de toda a América Latina, visto que grande parte das empresas buscava de alguma forma uma relação de convergência com o poder político.

Com a morte de Roberto Noble, em 1969, sua esposa Ernestina Herrera de Noble assume o comando do *Clarín*. Pelos próximos anos, não há alterações em sua linha editorial, entretanto, Ernestina promove investimento na indústria gráfica, com a inauguração de uma nova planta de impressão, em

⁷ Informações extraídas da biografia de Roberto Noble, publicada no jornal *Clarín* em 11 de janeiro de 2019.

1976. No ano de 1978, em meio ao clima ufanista que se instalou na Argentina durante o governo do General Videla, momento em que foi realizada a Copa do Mundo da Argentina, o Grupo *Clarín* inaugura a primeira fábrica nacional de papel para jornais.

Mais do que noticiar as ações do governo argentino, durante a década de 1970, o grupo *Clarín* buscou um protagonismo na política interna. Não se trata apenas de um alinhamento com o governo do General Videla, mas trata-se de uma participação efetiva nas decisões das políticas internas. Borges (2009) esclarece que tanto o jornal *El Carín* quanto o jornal *La Nación*⁸ apoiaram o golpe de 1976 na Argentina, e destaca que isso justifica o alinhamento com o governo Videla.

A postura golpista foi adotada por outros barões da mídia da América Latina. O Grupo Clarín, que hoje compõe o clube dos 50 maiores impérios midiáticos do planeta, articulou a conspiração militar na Argentina. “A economia se encontrava numa etapa vizinha ao colapso total. A violência subversiva e a sua ação criminosa exigem ordenar medidas adequadas para exterminá-las...Abre-se agora uma nova etapa com renascidas esperanças”, afirmou o editorial do jornal *El Clarín*, de 24 de março de 1976. A sua linha editorial “serviu para justificar horrendos crimes da ditadura...Só quando os subversivos foram virtualmente eliminados pelos militares e estes já não eram mais necessários, o *Clarín* de transformou num embaixado da democracia” (BORGES, 2009, p. 38).

Assim como na Argentina, onde as empresas de comunicação buscavam um protagonismo dentro das decisões políticas, e em momentos específicos alinhavam o seu discurso com o do governo, o Brasil passou por momentos semelhantes em relação ao jornal *O Estado de São Paulo*. Fundado em 4 de janeiro de 1875, *O Estado de São Paulo* nasceu com o nome de *A Província de São Paulo*. Seus fundadores eram Manoel Ferraz e Américo Brasiliense, e o jornal tinha como objetivo defender os ideais republicanos, fazendo oposição à monarquia. O nome *O Estado de São Paulo* foi adotado somente a partir de 1890, após a proclamação da República.

⁸ La Nación é um dos jornais de maior circulação na Argentina. Em referência mercadológica, disputa espaço com o *Clarín*. Foi fundado pelo ex-presidente da Argentina Bartolomé Mitre Martinez em 1870.

No ano de 1964, *O Estado de São Paulo* adotou uma linha editorial de apoio ao golpe militar. A história do periódico é contada no site oficial da empresa, que aborda:

“O Estado apoia o movimento militar que depôs o presidente João Goulart ao constatar que ele já não tinha autoridade para governar. Defendeu uma intervenção militar transitória. Porém, ao perceber que os radicais de extrema direita aumentavam sua influência e queriam a perpetuação dos militares no poder, o jornal retira seu apoio e passa a fazer oposição”, (Disponível em: acervo.estadao.com.br/historia-do-grupo/decada_1960.shtm).

Corroborando com a posição exposta no site oficial da empresa jornalística. Motta (2007) não considera a posição de inicialmente apoiar, mas, em alguns momentos, constituir um discurso de oposição como algo contraditório. Esse posicionamento fica mais evidente a partir da edição do AI2, da nova Constituição de 1967, e da Lei de Imprensa, editada naquele ano. “O Estadão apoiou com entusiasmo o expurgo inicial da ditadura, defendendo uma intervenção dura e rápida, para limpeza do terreno e posterior restauração das instituições liberais” (MOTTA, 2017, p. 369).

Para o autor, pode-se afirmar que *O Estado de São Paulo* foi um ator participativo no processo de tomada de poder dos militares em 1964, entretanto, não está totalmente correto afirmar que ele coloca-se contra o regime nos anos seguintes. Para Motta (2007), o que se pode afirmar é que o periódico resistiu pontualmente à censura, e não se pode dizer que essa prática é uma resistência à ditadura. Mesmo defendendo a manutenção das instituições liberais, houve determinados momentos em que o jornal se acomoda, com o objetivo de suavizar os efeitos da ditadura.

Durante todo o período de ditadura militar no Brasil, *O Estado de São Paulo* manteve sua postura de apoiar e fazer oposições pontuais. Assim como aconteceu com o *Clarín*, os últimos anos da década de 1970 foram de grandes investimentos por parte do jornal, já que, em 1976, *O Estado de São Paulo* inaugurou a nova sede, um imponente prédio localizado no bairro do Limão em São Paulo. Em 1978, o periódico estava consolidado como uma das mais influentes empresas de comunicação do Brasil, visto que, desde a década de

1960, tinha uma tiragem diária superior a 350 mil exemplares. Em 1974, o periódico atinge o *status* de ser reconhecido internacionalmente, e o jornalista Júlio de Mesquita Neto viaja para Copenhague para receber o prêmio Pena de Ouro para a Liberdade, atribuído pela Federação Internacional dos Editores de Jornais a quem se destaca na defesa da liberdade de imprensa.

Moreira (2006) avalia que, por seu perfil editorial, que traz uma grande diversidade de cadernos e temas, *O Estado de São Paulo* possui um reconhecimento internacional como um dos periódicos mais completos do mundo, pois, além de tratar de temas políticos, possui uma veiculação cultural que é uma referência.

É inegável que, em 1978, o *Clarín* e *O Estado de São Paulo* partem para a cobertura da Copa do Mundo da Argentina sob os olhos das ditaduras dos seus países. Também é necessário considerar que as ditaduras influenciaram de maneira significativa o cotidiano desses periódicos durante a década de 1970. Porém, neste estudo, vamos considerar também um segundo viés. A assimilação do discurso dos regimes pelos veículos de comunicação não se trata apenas de censura. Sanguiné Junior (1998) destaca que é necessário considerar questões mercadológicas, que são fundamentais na concepção do ponto de vista pelo qual determinado assunto será abordado. Caso tal escolha não se efetive, se estará ferindo seus próprios interesses enquanto instituição capitalista. Abramo (1997) comenta que a imprensa defende os interesses do grupo que ela representa. Essas empresas têm interesses peculiares pertencentes a pessoas que estão ligadas ao um complexo econômico, político e industrial. E esses interesses precisam ser considerados no momento em que se analisa o discurso de um veículo de comunicação.

Ao considerar a abordagem que se faz da cobertura jornalística dos jornais *Clarín* e *O Estado de São Paulo*, deve-se considerar que (apesar de) estarem inseridos em um contexto de ditadura militar, com um claro interesse de controle do governo sobre o discurso desses veículos de comunicação, trata-se de um momento de ampliação do mercado dessas empresas, seja o *Clarín*, ampliando seu parque gráfico, ou *O Estado de São Paulo*, construindo sua nova sede, e ampliando seu mercado para a indústria fonográfica, com o

Estúdio Eldorado, inaugurado em 1972. Apesar do conhecido controle dos governos militares sobre os veículos de comunicação na década de 1970, consideramos também que esse momento histórico foi uma possibilidade de crescimento e expansão de mercado dessas empresas. Dessa forma, mantemos dois vieses de análises, o da censura e o da postura de mercado de cada uma dessas duas empresas.

2.3 Hidrelétricas e futebol: o cotidiano das disputas

Neste subcapítulo, buscamos apresentar de forma ampliada o modo que aconteceu a dinâmica da publicização das disputas entre o Brasil e a Argentina. Tão importante quanto a narrativa propriamente dita, também considera-se neste ponto da pesquisa a importância destinada a cada assunto nos periódicos analisados no decorrer em que os fatos dentro e fora de campo foram se desenrolando em junho de 1978. Este tópico justifica-se em razão de que, como já foi exposto anteriormente, o objetivo é aliar de que forma a rivalidade entre o Brasil e a Argentina aparecem nos periódicos *Clarín* e *O Estado de São Paulo*. Entretanto, não se trata apenas da rivalidade futebolística, e, dessa forma, cabe ressaltar que, durante junho de 1978, período em que foi disputada a Copa do Mundo da Argentina, houve diversos pontos que influenciaram a dinâmica dessa rivalidade. Portanto, o foco da disputa sofre influência na medida em que a dinâmica das relações sofrem alteração. Sendo assim, assuntos vão ganhando ou perdendo importância jornalística na medida em que a importância das relações vai se ajustando.

Depois de um intenso jogo de xadrez nos bastidores – onde o Paraguai assume o compromisso de pender para o lado brasileiro na disputa pela construção das hidrelétricas –, brasileiros e argentinos passam a focar a disputa no andamento das negociações sobre a construção de Itaipu. Em junho de 1978, os jornais *Clarín* e *O Estado de São Paulo* mostraram de forma cotidiana as disputas nos bastidores das relações internacionais, e as também as disputas dentro de campo, na guerra pela Taça do Mundial de 1978.

Pode-se afirmar que a Copa do Mundo de 1978 deixou os “olhos do mundo” voltados para a Argentina. O grande número de jornalistas estrangeiros no país era uma excelente oportunidade para o governo do General Videla publicizar a imagem da Argentina para os mais diferentes países do mundo. Nesse contexto, percebe-se que as notícias acerca de Itaipu dividem espaço com as notícias pautadas pela Copa do Mundo. Magalhães (2013) avalia que a Copa de 1978 teve um grande feito publicitário para o Regime Militar Argentino. A Copa do Mundo havia se consolidado como um espetáculo de marketing em diversas áreas, também já havia se consolidado a ideia de que essa prática não estaria limitada a divulgar apenas o produto futebol, mas poderia reproduzir o discurso dos próprios regimes.

Não por acaso, o *Clarín* e *O Estado de São Paulo* – que estavam com seus discursos alinhados, respectivamente, com os governos da Argentina e do Brasil – personalizavam o discurso dos regimes, metaforizados no âmbito esportivo. Entretanto, percebe-se, durante o mês de junho de 1978, que os jornais associavam não apenas o discurso, mas também um alinhamento de editoriais, remetendo à ideia de padronização entre a Nação, o Governo e os Discursos. Segundo Marczal (2015), durante a abertura da Copa do Mundo, o General Videla em seu discurso enfatiza que o mundo teria a oportunidade de ver o que era chamado de verdadeira Argentina.

O último a se pronunciar foi o presidente Videla, que seguiu à risca a roteirização da celebração patriótica e amistosa congregação entre as nações. Assim como *El Gráfico* já havia feito alguns dias antes em seu editorial, o general elegeu o signo da paz para definir a competição e tentar atribuir significado transcendental à paixão desportiva. Difícil não associar sua fala com os esforços recentes em pontuar que o Proceso havia travado, e vencido, uma guerra contra o terrorismo e a subversão, ou descolá-la das recorrentes contestações de exilados, de organismos humanitários ou da imprensa internacional. Mesmo que o discurso não mirasse tais questões, sua proeminência emergia como importante chave interpretativa (MARCZAL, 2015, p. 362).

Esse discurso, segundo Magalhães (2013), trazia como símbolo uma

etapa de reorganização nacional que o regime havia implantado. Para Videla, seria o momento de o povo argentino apresentar suas virtudes e construir um novo país após superar a ameaça subversiva interna.

No dia seguinte à inauguração do evento, o *Clarín* trouxe na íntegra o discurso proferido por Videla na noite anterior: O título da reportagem, exposta em duas páginas centrais do jornal, destaca: “Hablo Videla En El Acto Inaugural Del Mundial”, colocando o presidente como um personagem importante no contexto da abertura da competição. A reportagem segue:

Como cierre de todo lo que configuró e lacto de apertura del Undécimo Campeonato Mundial de Fútbol, le correspondió hablar al presidente de la nación, teniente general Jorge Rafael Videla. El texto completo de su mensaje, que fue dos veces interrumpido por los aplausos de los asistentes, es el siguiente: Hoy es un día de júbilo para nuestro país y para la Nación Argentina. Dos circunstancias concurren a este efecto: la iniciación de un evento desportivo em escala internacional, como lo es teste Campeonato Mundial de Fútbol 1978, por outro lado, la amistosa visita de miles de mujeres y hombre procedentes de las más diversas regiones de la Tierra, nos honran hoy com su visita, com la sola condición de su buena voluntad, em um clima de afecto y de respto reciproco. Y es justamente la confrontación em el campo desportivo y la amistad em el campo de las relaciones humanas que nos permiten afirmar que es posible, aún hoy, en nuestros días, la convivencia en unidad y diversidad, única forma para controlar la paz (*CLARÍN*, 02/06/1978, p. 3).

Mesmo que inicialmente o presidente Videla tenha destacado o caráter festivo do evento, no decorrer de sua fala, ele exalta a importância do evento enquanto integração dos povos, enaltecendo a contribuição simbólica pela paz, mas, sobretudo, assume o discurso carregado de um sentimento de apropriação moral, simbolizado pela aclamação divina.

Por ello pido a Dios, Nuestro Señor, que este evento sea realmente una contribución para afirmar la paz, esta paz que todos deseamos para todo el mundo y para todos hombres del mundo: esa paz centro de cuyo marco el hombre puede realizarse pelanamente como persona com dignidade y em libertad. En el marco de esta confrontación deportiva, caracterizada por su cabalherosidad em el marco de la amistad entre los hombres y los pueblos y bajo el signo de la paz, declaro oficialmente inaugurado este Onceavo Campeonato Mundial de Fútbol 1978” (*CLARÍN*, 02/06/1978, p. 3).

Como veremos durante este trabalho, o Jornal *Clarín* reproduz em suas diversas editorias a linha discursiva coincidente com a do regime de Videla. É possível avaliar que a Argentina buscava divulgar a imagem de uma nação vitoriosa através da Copa do Mundo, porém, também trazia posicionamentos bastante incisivos em questões geopolíticas. Como foi o caso de Itaipu, buscando afirmar aos olhos do mundo que o país reivindicava um papel de maior protagonismo na América do Sul. Um exemplo pôde ser visto no dia 2 de junho de 1978, quando o *Clarín* apresenta o posicionamento do embaixador da Argentina nos Estados Unidos, Carlos Manuel Muñiz. A reportagem diz que o embaixador mostra “surpresa” (a expressão é utilizada pelo jornal da mesma maneira que no dia anterior, conforme será exposto na Figura 1, em relação ao posicionamento do Brasil sobre a questão de Itaipu, entretanto, o embaixador destaca que espera que a situação seja resolvida de maneira muito rápida.

La construcción de la represa de Corpus no solo beneficia a la Argentina, sino que tiene enorme trascendencia para los países del área. Brasil no puede dejar de reconocer este hecho importantísimo, y creo que, en consecuencia, en un plazo relativamente corto, habrá de cambiar esta posición un tanto extemporanea (*CLARÍN*, 02/06/1978, p. 6).

A Copa do Mundo da Argentina iniciou no dia 1º de junho de 1978. Nesse dia, como era de se esperar, o Jornal *Clarín*, principal periódico da Argentina, trouxe como destaque a abertura dessa competição. Contudo, não é apenas o esporte que é pauta do jornal, já que, em sua capa, é possível observar em fonte de destaque: “Surpresa argentina pela decisão Brasileira”. O assunto é tratado nas páginas seguintes e diz respeito ao posicionamento por parte do governo brasileiro de não comparecimento a uma reunião com representantes da Argentina e do Paraguai para tratar de assuntos relacionados às questões hidrelétricas na região. O pedido de realização do encontro partiu do governo argentino e, segundo o *Clarín*, tinha a anuência e o apoio dos paraguaios. As críticas ao governo brasileiro por parte do governo argentino são expostas em quatro páginas internas do periódico. Além da nota emitida pelo governo brasileiro, o periódico traz ainda a posição do governo

argentino, com colunistas argentinos avaliando o assunto. O jornal noticia a temática enfatizando que, muito mais do que um interesse entre Brasil e a Argentina, a obra teria um impacto regional (América do Sul), portanto, caberia uma discussão mais complexa sobre essa questão.

La imprevista actitud brasileña produjo “sorpresa y perplejidad” em la Cancillería argentina y em Asunción del Paraguay, e incluso fue definida como “insólita” em círculos diplomáticos e informativos de Rio de Janeiro y Brasília. La postergación es si fecha, y bloquea por tempo indefinido las negociaciones a harmonizar las presas hidroeléctricas de Itaipú y Corpus. Mientras tanto, el canciller, vice-almirante Montes, el subsecretario Gualter Allara y funcionarios del área rioplatense estudian la situación, que podría afectar también al sistema del Plata, el cual integram, asimismo, Bolivia y Paraguay (*CLARÍN*, 01/06/1978, p. 2).

A reportagem principal do periódico traz a opinião de três jornalistas, quais sejam o brasileiro Carlos Conde, o paraguaio Serafin Soto e o argentino Enrique Alonso. O objetivo não foi contrapor opiniões antagônicas, mas avaliar como os jornalistas de cada país avaliavam o impasse. A reportagem é ilustrada por uma charge que mostra o Ministro das Relações Exteriores do Brasil, Azeredo da Silveira, sentado no colo do diplomata estadunidense Henry Kissinger, que coloca dois dedos em uma tomada elétrica.

A reportagem inicia com o posicionamento do jornalista da Argentina, que intitulou seu artigo como “Três alternativas para o futuro”. O artigo contextualiza o leitor a respeito da situação em que o governo argentino apresentou uma proposta de trabalho para o Brasil e o Paraguai, mas que foi recusada pelo Brasil. Diante disso, são apresentados três panoramas diferentes para o governo de Buenos Aires.

La primera de ellas es que el acuerdo, aunque trabajoso, sea alcanzado finalmente. Em la Argentina habrá distintas opinines sobre las modalidades de esse acuerdo. (...) Outra possibilidade es que no se concrete ningún acuerdo. Si asi fuera, Itaipú quedaría como um símbolo de desequilibrio regional, quedando cuestionados los propios fundamentos del Tratado de la Cuenca del Plata. (...) Uma tercera variante es que, aun sin la determinación de hacero, Brasil continúe ganando tempo em las obras previas a las instalaciones hidroeléctricas de Itaipú, a favor de las ventajas que le otorga la iniciación del desvío del rio y la licitación de las obras civiles y turbinas, mientras la

Argentina se ve todavía impedida de plasmar en un Tratado com el Paraguay su deseo de realizar Corpus (*CLARÍN*, 01/06/1978, p. 4).

O jornalista Carlos Conde, ao contrário de seu par argentino, não optou em fazer uma crônica opinativa, mas limitou-se a expor o posicionamento do governo brasileiro frente ao impasse, fazendo um papel menos analítico e fazendo quase a função de “porta-voz” do Brasil.

Itamaraty admite que su decisión de suspender la reunión tripartita com la Argentina y Paraguay, inicialmente marcada para los dias 8 y 9, em esta ciudad, tiene por objetivo no agravar más las relaciones entre los três países. “El anteproyecto del acuerdo presentado por la Argentina evidenciaba que no había existido aún el entendimiento entre los três gobiernos interesados” (*CLARÍN*, 01/06/1978, p. 4).

Neste momento, dificilmente o Brasil retrocederia em relação às suas convicções a respeito das obras de Itaipu, e era perceptível que o governo Geisel utilizaria das suas formas de pressão para minimizar a interferência da Argentina. Ribeiro (2006), considera que Itaipu era um elemento representativo para o governo do Brasil, pois era um símbolo de reflexão e orgulho da pátria. O projeto colocava o Brasil como palco das decisões na história, utilizando todos os recursos naturais e os avanços tecnológicos daquele período.

O jornalista paraguaio Serafín Tomás Soto, por sua vez, intitulou seu artigo como “Uma onda de Incerteza”, no qual explica que o Paraguai considerou com surpresa a decisão brasileira de desmarcar a reunião e que essa decisão trouxe um clima de cautela nos bastidores da diplomacia paraguaia. Destaca ainda que alguns pontos colocados em discussão pela Argentina fugiam do tema principal da reunião, mas não especifica quais são esses pontos. Ele diz ainda que o documento entregue pela Argentina aos governos do Brasil e Paraguai é extenso, com pontos aceitáveis, porém, precisam ser analisados com maior cuidado. Soto diz que a Argentina conduz a discussão para um caminho excessivamente filosófico, enquanto o Brasil pressiona por um caminho prático.

Se piensa también que la Argentina, con el elemento de trabajo elaborado, y a través de fundamentos de contenido realmente filosófico sobre aprovechamiento hidreléctricos, estaba abligando a una dilatación en la resolución final, actitud que no era compartida en Brasil, cuya cancillería prefiere un real practicismo en las negociaciones (*CLARÍN*, 01/06/1978, p. 5).

Ferres (2004) entende que, desde o início do projeto de Itaipu, o Governo Argentino tinha a intensão de participar ativamente das negociações, porém, como não teve o resultado que considerava satisfatório, adotou uma estratégia de pressionar o governo brasileiro através dos veículos de comunicação:

Assim, partindo do pressuposto de que, técnica e juridicamente, a Argentina havia perdido todas as negociações com o Brasil, a única opção encontrada por Camilión⁹ foi pressionar o governo brasileiro através dos meios de comunicação, utilizando-se do argumento de que a não concretização de um acordo com o Brasil na questão de Itaipu se dava somente devido à falta de vontade política do governo brasileiro. Para o governo argentino, era clara e urgente a necessidade de concretizar um acordo “razoável” com o Brasil, após tantos anos de exposição na imprensa nacional. Um acordo tripartite seria visto em Buenos Aires como uma derrota brasileira e uma vitória argentina (FERRES, 2004, p. 669).

A edição do *Clarín* de 1º de junho de 1978 apresenta uma cronologia de fatos ocorridos nos dias anteriores, com o objetivo de salientar os motivos da chamada “perplexidade” do governo argentino. No dia 22 de maio de 1978, o embaixador argentino Oscar Camilión entregou ao Brasil um *aide-mémoire*, que se tratava de uma minuta detalhada dos pontos que estariam no anteprojeto de acordo. No dia 29 de maio, foi entregue o anteprojeto do acordo, sem inclusão de novos pontos de discussão.

A edição d’*O Estado de São Paulo* desse mesmo dia – 1º de junho – aborda o fato noticiando que o governo brasileiro não havia entendido os dois

⁹ Oscar Héctor Camilión, advogado e diplomata argentino. Foi ministro das Relações Exteriores e Embaixador do Brasil durante o “Proceso de Reorganización Nacional”, implantado pelo governo argentino durante os anos de 1976 e 1983.

documentos entregues pela Argentina como *sugestão* de anteprojeto e destacando que o motivo seria a formalidade que isso aconteceu, o que levou a chancelaria brasileira a rechaçar os argumentos argentinos. “O que está sendo considerado como sugestões é uma coisa que é apresentada de modo extremamente formal. É uma nota diplomática do governo argentino pelo agente diplomático, apresentando uma proposta ao governo brasileiro” (*O ESTADO DE SÃO PAULO*, 01/06/1978, p. 6). O jornal explica que tal documento carecia de uma análise mais detalhada, e por isso houve um cancelamento nas negociações.

O *Clarín* levanta duas possibilidades para a posição brasileira, a primeira era a de que desde o início das negociações o Itamaraty não buscava um acordo, e a segunda é a de que a chancelaria brasileira haveria recebido um novo posicionamento de uma instância superior, o que seria uma possibilidade mais provável.

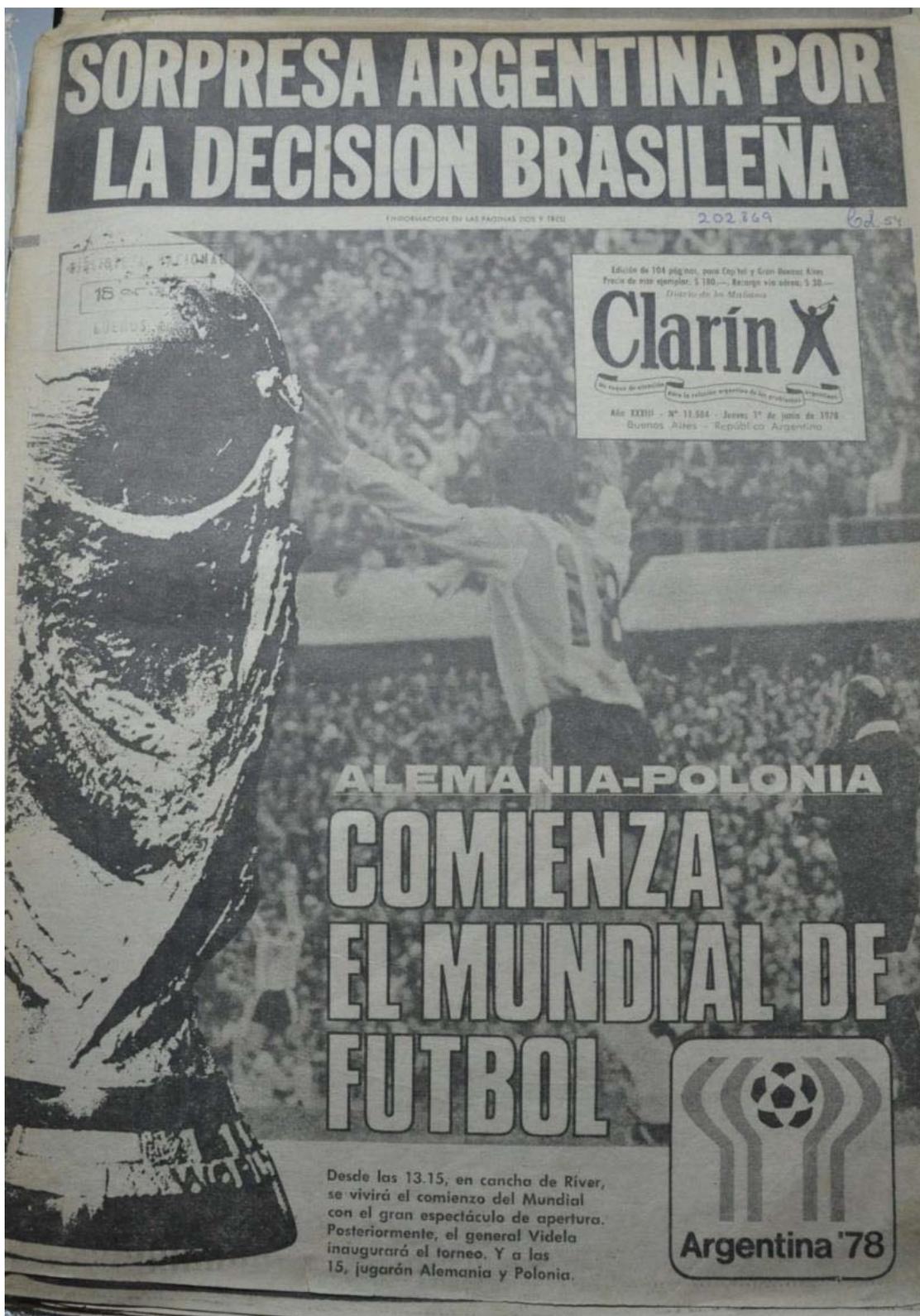
Solo caben dos posibilidades: O Itamaraty no queria definitivamente un acuerdo o la decisión adoptada surgió de un estrato superior a la cancillería.

La primera posibilidad habría que descartaría pues, de ser así, Brasil no habría aceptado tampoco la “consulta previa” em las trilaterales de Asunción y em los dos contatos bilaterales de Brasilia.

La segunda posibilidad tiene mayor consistência, fundamentalmente porque la interrupción de las negociaciones – que han caído em um sério impasse – repercutirá de maneira reta em la relación bilateral com la Argentina. Y una decisión de esse tipo, para um gobierno fuertemente personalista com el de Ernesto Geisel, no puede haber surgido solamente de la cancillería (*CLARÍN*, 01/06/1978, p. 2).

O discurso do jornal, em um momento em que os olhos do mundo estão apontados para a Argentina, demonstram que havia o interesse de ratificar a imagem do novo momento pelo qual o país estava passando. A imagem a seguir (Figura 1) é da capa do jornal *Clarín* do dia 1º de junho de 1978 e revela que o periódico procura noticiar com igual impacto a Copa do Mundo (âmbito esportivo) e as negociações hidrelétricas (âmbito geopolítico), ambos assuntos de interesse estratégico do Governo Videla.

Figura 1 - Capa do Jornal Clarín 01/06/1978



Fonte: Acervo Biblioteca Nacional da Argentina

Diferentemente do periódico argentino, *O Estado de São Paulo*, também trabalhando sob os olhos de um governo ditatorial, que mantinha controle da imprensa, buscava uma maior diversificação para os assuntos editoriais em sua capa. No dia 1º de junho de 1978, entre os assuntos em destaque, estão questões relacionadas à política internacional, acertos da política interna e informações relacionadas à economia brasileira. As duas fotos estampadas na capa do jornal trazem o então presidente Figueiredo em uma solenidade de inauguração no Rio de Janeiro e os atletas da seleção brasileira em preparação para o começo da Copa do Mundo. Outro assunto de destaque foi a identificação de um criminoso nazista – Gustav Franz Wagner¹⁰ – que buscava refúgio no Brasil. A descoberta do paradeiro de Wagner acabou tendo repercussão internacional. Além disso, o jornal traz a posição do governo do Brasil sobre a paralisação das negociações de Corpus-Itaipu, mas faz isso com uma chamada secundária.

Argentina reage e Brasil mantém posição no prata O governo argentino manifestou surpresa e perplexidade diante da decisão Brasileira de cancelar a reunião trilateral entre chanceleres marcada para os dias 8 e 9 em Brasília. O porta voz do Itamaraty Conselheiro Luiz Felipe Lampreia em relação a Argentina disse que não havia motivos para surpresa e perplexidade, acrescentando que desde o início das reuniões entre Brasil, Argentina e Paraguai as três partes tinham consciência dos limites que deveriam orientar as discussões. Lampreia lembrou que a Argentina em documento prévio ao encontro entre chanceleres procurou antigas posições principistas. Também o Paraguai manifestou de forma indireta seu apoio à decisão brasileira o chanceler Alberto Noguez admitindo que o documento argentino contém alguns pontos que exigem análise. Embora as divergências entre os governos brasileiro e argentino tem levado as conversações, há um impasse as obras da hidrelétrica de Itaipu não sofrerão qualquer paralisação (O Estado... 01/06/1978, capa).

Depois de um destaque na capa do jornal, as negociações relativas à Corpus-Itaipu têm bastante espaço nas páginas internas. O jornal noticia a posição do Brasil de suspender as negociações relativas à exploração do potencial hidrelétrico da bacia do Prata. A reportagem informa que havia pontos no anteprojeto que não foram recepcionados pelo Brasil. Assim, o

¹⁰ Ver mais em ABAL, Felipe Cittolin. *Nazistas no Brasil e Extradicação: os pedidos de extradição de Franz Stangl e Gustav Wagner em uma análise histórico-jurídica*. Curitiba: Juruá, 2014.

governo brasileiro optou por adiar novas discussões. A reportagem também traz a reação da Argentina, que respondeu à posição do Brasil com perplexidade. A posição do Paraguai também é exposta, e é enfatizado que ainda havia alguns pontos complexos e que precisariam ser melhor discutidos. *O Estado de São Paulo* apenas ressalta que as negociações não estão canceladas, mas o Brasil apenas solicitou o adiamento das negociações.

Negociações não estão canceladas, estão apenas suspensas
Os governos do Brasil e da Argentina concordavam ontem que o comunicado da véspera do Itamaraty, e a resposta do Palácio San Martín não cancelaram, mas apenas adiaram as negociações que procura as usinas de Itaipu e corpus a manifestação Argentina foi de suficientemente firme mas moderada para não agravar as dados pela nota brasileira sentiu o que houve um grande recuo depois de um grande avanço, e resolveu deixar a porta aberta ao entendimento... O governo argentino divulga tem uma nota na qual expressa sua perplexidade sobre a decisão unilateral do Brasil em cancelar a reunião trilateral sobre o aproveitamento do Rio Paraná prevista para os dias 8 e 9 em Brasília...

A opinião do Paraguai: Há pontos que exigem análise - embora também tenha demonstrado surpresa o chanceler paraguaio, Aberto Noguez manifestou de forma indireta a concordância de seu governo com a decisão Brasileira de cancelar a reunião trilateral a nível de chanceleres ao afirmar que o documento apresentado por Buenos Aires contém alguns pontos que exigem análise... Apesar das dificuldades surgidas nas conversações com a Argentina, o governo brasileiro decidiu que não haverá qualquer interrupção nas obras da hidrelétrica de Itaipu. Segundo fontes de Brasília, até amanhã o presidente Geisel dará a palavra final sobre as propostas para aquisição de equipamentos destinados a hidrelétrica. (O ESTADO... 1/06/1978, p. 6).

Como pôde ser observado, o mês de junho de 1978 começou de forma bastante tensa entre os governos de Brasil e Argentina. O momento, bastante propício para o ambiente ufanista na Argentina, incentivava o governo brasileiro a tomar posições mais incisivas, que foram noticiadas pelo jornal *O Estado de São Paulo*.

Na primeira quinzena do mês de junho de 1978, o *Clarín* explora constantemente a pauta de Itaipu, e, com bastante frequência, associa de maneira direta os assuntos das editoriais de relações internacionais com a editoria de esportes. No dia 10 de julho, as páginas 4 e 5 do jornal apresentam uma reportagem sobre rios da região. O material é ilustrado com uma charge,

(Figura 2) na qual dois personagens discutem dentro do Itamaraty, e um deles fala que aquele momento não é ideal para dar uma resposta para a Argentina sobre a carta enviada, já que a prioridade era resolver o problema do técnico da seleção brasileira Claudio Coutinho.

Figura 2 - Charge jornal Clarín 10 de junho de 1978, p. 5



Fonte: Acervo Biblioteca Nacional da Argentina

O *Clarín* manteve o discurso sobre Itaipu bastante em pauta durante o início do mês de junho de 1978. Em especial nos primeiros nove dias do mês, o periódico fez seis chamadas de capa sobre este assunto, demonstrando a importância que o tema tinha dentro daquele contexto. O fato de a linha editorial do *Clarín* destinar espaços significativos para essa pauta – em especial na capa do jornal – é um indicativo da proporção que o assunto estava havia ganhado. Também é um indicativo do impacto que se esperava criar entre os leitores:

Manchetes de capa e de páginas internas devem ater-se ao factual, ser diretas e objetivas se forem capazes de surpreender os leitores com informações que eles desconheciam. Caso contrário, devem ser antes de tudo criativas, provocadoras, reflexivas. Elas estão ali para estimular a leitura das matérias. Se não cumprem a missão, para nada servem (NOBLAT, 2007, p. 116).

Nas seis chamadas de Capa feitas pelo *Clarín*, foi possível ver de forma bastante direta o posicionamento do governo argentino no que refere à maneira que o Brasil estava conduzindo o assunto. Citamos as chamadas de Capa: 01/06: *“Sorpresa Argentina por la Decision Brasileña”*; 02/06: *“Cancilleria: Preparan la respuesta a Brasil”*; 03/06: *“Analizaron la actitud de Brasil”*; 07/06: *“Cancilleria: Responden hoy la nota del Brasil”*; 08/06: *“Corpus-Itaipu: Reanudaran el Contacto Trilateral em la OEA”*; e 09/06: *“Firmeza Y Actitud de Dialogo con Brasil”*.

O *Clarín* procurou destacar nessas manchetes o posicionamento do governo argentino buscando assumir o seu discurso e definindo onde Buenos Aires pretendia estar diante das negociações sobre a exploração hidrelétrica do Prata. Tratava-se de um discurso que revelava que a Argentina tinha a pretensão de ratificar o seu posicionamento geopolítico na região.

El embajador argentino en Brasil entrego ayer a las 10, em Itamaraty, la respuesta del Palácio San Martín a la nota em que se comunico a suspensión de la reunión trilateral de cancilleres que debió realizarse ayer y hoy em Brasilia. Nuestro gobierno no compate el critério de que el ayuda memoria y el proyecto de acuerdo que oportunamente hizo llegar a Brasil y Paraguay”, implican modificar el marco acordado a la negociación” (*CLARÍN*, 09/06/1978, p. 2).

Entretanto, com o passar dos dias e o avanço da Copa do Mundo, com a Argentina avançando para as fases decisivas, essa pauta passou a ficar em segundo plano.

Por outro lado, o jornal *O Estado de São Paulo*, mesmo atualizando periodicamente essa pauta, tratou-a de forma secundária, e, sem criar maior ênfase entre os seus leitores, procurava noticiar as respostas do governo brasileiro, porém, sem grandes destaques. Quando o assunto estava relacionado a Itaipu, as informações mantinham uma inflexão mais comedida, se opondo à acentuação dada pelo *Clarín*.

Será necessário esperar baixar a poeira, como afirmou um diplomata brasileiro com grande influência nas decisões sobre Itaipu e Corpus, para que Brasil, Argentina e Paraguai voltem a sentar-se à mesa. A simples apresentação de uma nova proposta, decorrer desta semana, não será suficiente. Assim o encontro entre chanceleres do Brasil, da Argentina e do Paraguai provavelmente ficará por conta da próxima assembleia geral da OEA em Washington a partir do dia 23 (O ESTADO... 4/06/1978, p. 11).

Foram divulgadas cinco chamadas de Capa de *O Estado de São Paulo* sobre essa pauta durante o mês de junho. Ao contrário do *Clarín*, as notícias não se concentraram em um período específico do mês. Citamos: 01/06: “Argentina reage e Brasil mantém posição no Prata”; 02/06: “No Prata, conversações poderão ser reiniciadas”; 06/06: “Argentina Pode Rever Posição no Prata”; 09/06: “Argentina quer reinício do Diálogo”; e 22/06: “Argentina quer nova Trilateral”.

É possível analisar, com base nas manchetes de *O Estado de São Paulo*, que, ao contrário da Argentina, que buscava o reconhecimento do seu posicionamento nas negociações, o Brasil optou por frear as conversas, visto que elas poderiam estar sendo conduzidas a um caminho que lhe interessava, e que esse era um momento de recuo dos diálogos, porém, as obras de Itaipu estavam em andamento.

Apesar do impasse a que chegaram as negociações sobre o aproveitamento do rio Paraná após a decisão brasileira de cancelar a reunião trilateral entre chanceleres, marcada para Brasília, prevê-se que, no começo da próxima semana, as conversações serão reiniciadas. Mas, como o porta-voz do Itamaraty, conselheiro Luís Felipe Lampreia, já declarou que o Brasil não dará o próximo passo, a iniciativa de remar o diálogo cabe agora à Argentina (O ESTADO..., 02/06/1978, capa).

O Estado de São Paulo noticiou o tom de agressividade de setores radicais do governo argentino frente ao posicionamento do Brasil. Tais setores tiveram a intensão de utilizar esse fato para assumir um discurso de acusação ao Brasil por ter a intensão de provocar um crise nas relações, para ter mais liberdade na exploração da bacia do Prata.

Os setores radicais do governo argentino aproveitaram a decisão brasileira para reforçar sua tese de que a atual administração de Brasília não deseja e nunca desejou chegar a qualquer acordo. O jornal *La Opinión*, de Buenos Aires, que se encontra sob intervenção federal, comentou que Chancelaria brasileira pretende provocar uma relação argentina tão profunda que impeça qualquer acordo para continuar construindo Itaipu sem nenhum tipo de inconveniente (O ESTADO..., 02/06/1978, capa).

Ao avaliar o teor das notícias desse período, é possível ver que o desenvolvimento das disputas (dentro e fora de campo) entre Brasil e Argentina durante o mês de junho de 1978 passou por diferentes fases. Os jornais *Clarín* e *O Estado de São Paulo* iniciam o mês com o foco nas discussões fora de campo, apesar de disponibilizarem em suas páginas muito espaço para a divulgação da Copa do Mundo, quando a pauta se tornava o confronto entre os dois países, o assunto era direcionado para a questão de Itaipu. A execução da obra já era uma questão resolvida, porém, o que é possível analisar é que havia situações não resolvidas em relação ao andamento das negociações técnicas. A postura do Brasil diante de uma solicitação de continuidade no diálogo pleiteada pela Argentina trouxe descontentamento por parte do país vizinho. Entretanto, no decorrer de junho de 1978, já com a Copa em andamento, o foco do atrito entre os dois países

começa a ficar mais direcionado para dentro de campo, principalmente com o periódico brasileiro questionando a lisura da Copa do Mundo.

Durante junho de 1978, pôde-se observar que há uma mudança gradual na abordagem editorial dos veículos de comunicação. Se, contudo, nos primeiros dias analisados há uma incidência maior do “diálogo” estabelecido entre os jornais *Clarín* e *O Estado de São Paulo* sobre a questão Corpus-Itaipu, isso fica menos frequente no avançar dos dias. Há alguns motivos que podem ser apontados para que essa incidência das notícias sobre esse tema fique menos frequente.

O primeiro deles, que vai receber uma atenção especial no próximo capítulo, é que o futebol, que passou a ganhar mais espaços nas páginas dos dois veículos de comunicação. A Copa do Mundo chega em suas fases decisivas e o contexto da competição, tanto para a Argentina, quanto para o Brasil, passa a se tornar de grande interesse para os torcedores dos dois países. A Argentina, que viria a se tornar campeã, e o Brasil, que foi eliminado em uma situação que gerou bastante controvérsia.

Outros motivos, que podemos indicar é que Brasil e Argentina estavam envolvidos em outras questões estratégicas, que poderiam, mesmo que de forma indireta, ter algum reflexo na discussão “Corpus-Itaipu”. Trataremos esse assunto em um subtítulo próprio, que será apresentado a seguir. Neste momento, nos é pertinente citar que o Brasil viveu uma forte ameaça de desabastecimento de alimentos motivados por uma doença que ficou conhecida como “Peste Suína Africana”. Onde aproximadamente 140 mil suínos no Rio de Janeiro foram abatidos e houve uma ameaça de expansão da doença para outros estados produtores (que mais tarde viria se concretizar). Além disso, houve uma elevação no preço da carne suína para o consumidor. Esse problema se agrava principalmente na segunda quinzena de junho. Esse assunto também será tratado de forma mais aprofundada adiante.

Todo o rebanho suíno do Rio de Janeiro, - estimado em 138.000 cabeças - será abatido para que a peste africana termine por atingir os principais centros de suinocultura no país em Minas Gerais Paraná rio Grande do Sul e Santa Catarina. A decisão foi tomada ontem à noite pelo ministro da agricultura Alysson Paulinelli, depois de demorar da reunião da delegacia do ministério no Rio de Janeiro qual participaram o secretário de agricultura do Estado José Resende Peres e o Secretário Nacional de Defesa Agropecuária José Alberto Lira (...) bovina nos supermercados de São Paulo Curitiba Porto Alegre e Brasília custará em média 12% a mais para o consumidor a partir de amanhã coincidindo com a elevação dos preços do produto fornecido pelos frigoríficos aos Supermercados (O ESTADO... 14/06/1978, p. 28).

Outro assunto estratégico para Argentina e Brasil e que teve um encaminhamento no mês de junho de 1978 diz respeito à questão energética. No dia 12, o Jornal *Clarín* noticiou que a Argentina se manteria como a única compradora do gás natural da Bolívia. O Brasil fez um acordo comercial com os bolivianos, em 1974, comprometendo-se a comprar gás em troca de investimentos na indústria local. Contudo, em meio às negociações de “Corpus-Itaipu”, o Brasil anunciou que não houve seguimento a esse acordo, e, dessa forma, toda a produção de gás boliviano estaria garantida para a Argentina, que, com isso, não veria o seu abastecimento nem sua economia afetados.

Outra situação que também teve algum nível de influência nos bastidores das negociações “Corpus-Itaipu” foi uma atitude do Paraguai, também noticiada pelo Jornal *Clarín*, que pode trazer alguns indicativos da complexidade das relações de poder e, principalmente, das relações econômicas na América do Sul. Trata-se de uma notícia que traz a informação de que a Argentina está monitorando a intenção do Paraguai em comprar 250 mil cabeças de gado argentinas.

Uma eventual exportación de 250.000 cabezas de ganado em pie com destino a Paraguay podria tener derivaciones contradictorias com los fines perseguidos por una medida de esa naturaleza. Informaciones provenientes de Asunción indican que la decisión estará a estudio de las autoridades del Ministerio de Economía. El impulso que se procura dar a la ganadeira – mediante esa franquicia – tendria como contrapartida la reexportación de esse ganado. (...) Pero el

destino que la indústria de esse país daría a los animales adquiridos podría atenuar los beneficios que la medida tendería a arrojar para la ganadería. Si la hacienda argentina que se imprte desde el Paraguay no tiene como destino final el abastecimiento interno de esse país, sino que procurará colocaria em otros mercados – industrialización mediante -, haría que el eventual comprador se transforme em um futuro competidor de nuestras exportaciones cárneas, principalmente em la cercana plaza brasileña (*CLARÍN*, 04/06/1978, p. 15).

Os argentinos, no entanto, relutam em vender a mercadoria, pois se levanta a suspeita de que a indústria paraguaia iria processar a carne para realização de uma nova exportação. Os argentinos buscam uma garantia de que a carne seria para o consumo interno do país. Tal negociação, portanto, traria uma competição para o mercado exportador de carne da Argentina, e há uma relutância em fazer tal transação. Além disso, como noticiado no jornal *O Estado de São Paulo*, e citado anteriormente, o Brasil estava na eminência de sofrer com o desabastecimento de alimentos. Como já foi mencionado, os assuntos relatados até este ponto serão aprofundados no próximo subcapítulo.

Retornando ao foco principal deste subcapítulo, na narrativa da rivalidade entre brasileiros e argentinos através dos jornais *O Estado de São Paulo* e *Clarín*, cabe destacar que houve um momento de personificação da guerra simbólica entre os dois países. No dia 18 de junho de 1978, Argentina e Brasil entraram em campo em um jogo válido pela fase semifinal. Não seria o jogo que definiria um dos finalistas da competição, entretanto, o vencedor estaria conquistando uma grande vantagem, visto que as duas seleções estavam com condições de favoritismo para conquistarem uma vaga na final da Copa.

No dia do jogo, *Clarín* e *O Estado de São Paulo* deram um grande destaque para essa partida. O periódico brasileiro estampou em sua capa “Brasil e Argentina, a quase decisão da Copa”, destacando que, em caso de vitória, qualquer uma das seleções estaria em situação de proximidade com o título. O periódico argentino também destaca a partida com uma fotomontagem do treinamento dos goleiros das duas equipe e com o título “Passaporte para a Final”.

O Brasil tenta contra a Argentina, às 19h 15 de hoje, em Rosario, a vitória que poderá leva-lo à final da Copa do Mundo. Depois de vencer os peruanos por 3 a 0 na primeira partida do grupo B, os brasileiros ficaram mais otimistas, mesmo perdendo o centroavante Roberto, que contundido no joelho, deixa a posição para Reinaldo ou Zico. Mas os argentinos, que consideram a partida praticamente uma decisão da Copa, confiam em sua equipe e na influência da torcida (...) um empate já seria bom resultado para o Brasil, que poderia aumentar seu saldo de gols no jogo de quarta- feira, contra a Polônia, porém a torcida brasileira espera uma vitória (ESTADO...18/06/1978, capa).

Os argentinos tratavam a partida como a mais importante da história dos confrontos com o Brasil, o que se justifica em razão de aquela ser a primeira vez na história que o encontro entre as duas seleções definiria um dos finalistas da Copa do Mundo. O jornal também destaca a importância que o público teria nessa partida, pois o selecionado local estaria contando com o apoio do seu torcedor como um fator decisivo para conquistar a vaga na Final da Copa do Mundo de 1978. O jornal estimula os torcedores a transformarem o estádio em “Caldeirão do Diabo”, desequilibrando a partida em favor do selecionado local.

Este partido de hoy, que tendrá a la cancha de Rosario Central como cenário, se convierte por império de las circunstancias, em el partido más importante que há enfrentado a la Argentina y Brasil. Porque nunca el destino los habia puesto, hasta el momento, em la situación de decidir quizás al finalista del Mundial. (...) Y, además, está el fator del público. Este puede perturbar com su presuón el estaqdo de sus jugadores, que los deve a tratar de hacer mnás de lo que pueden, que la responsabilidade los abrume, pero asi y todo, obra como elemento reactivador y, quiérase o no, el adversário tiene que ser muy templado para no achicarse para no sentir esa caldera del diablo. Es um elemento a favor, capaz de desequilibrar la balanza, como Argentina, por ejemplo, com su mayor poder ofensivo (CLARÍN, 18/06/1978, p. 2).

Uma charge veiculada no dia da partida também pode ser observada nessa edição do *Clarín*. O jornal nos informa que todo o povo argentino estava com um sentimento de apoio em relação à sua seleção naquele momento. A imagem (Figura 3) mostra a conversa entre dois gestores com um empregado de uma empresa. Os empresários agradecem a disponibilidade do funcionário a se voluntariar para ir prestar serviços na cidade de Rosário. Entretanto, o

funcionário esconde objetos que serviriam para torcer pelo selecionado na Argentina. com bom humor, o chargista Bróccoli mostra que o povo argentino estaria mostrando entusiasmo para incentivar o seu selecionado naquele dia. Podemos interpretar que assistir a personificação dessa guerra simbólica ao vivo no estádio era o desejo de todo o argentino naquele momento. A Figura 3 pode ser observada a seguir:

Figura 3 - Charge jornal Clarín 18 de junho de 1978, p. 19



Fonte: Acervo Biblioteca Nacional da Argentina

No dia 18 de junho, *O Estado de São Paulo* também traz um grande destaque para o embate entre brasileiros e argentinos. Entretanto, o foco das reportagens gira em torno do técnico da Seleção Brasileira Claudio Coutinho, que teria um dos principais desafios da sua carreira naquela noite. A matéria principal do jornal traz uma frase de Coutinho no título: “Acredito que o Brasil vai ganhar”. Outra reportagem inicia com outra frase do treinador: “Quem tem medo de perder acaba ficando com pouca chance de vencer”. Por sua vez, o cronista esportivo Tuca Pereira de Queiroz traz em sua coluna o título “É Hoje”, referindo-se ao fato de que naquela noite seria a prova para Coutinho mostrar sua capacidade. Entretanto, o jornal traz um destaque também para as

dificuldades que o Brasil enfrentaria fora de campo. O jornal noticia que a torcida estava incentivando de maneira muito contundente o selecionado da Argentina naquele Mundial. O título da matéria expõe o que o Brasil enfrentaria horas mais tarde: “Na caldeira de Rosario, o grito de guerra”. A reportagem traz a informação de que os torcedores estão fazendo promessas para que o seu selecionado conquiste resultados positivos. As promessas estariam sendo direcionadas para a virgem de Cuyo, uma santa de feições indígenas e padroeira de todos os mendocinos.

A partida entre a Argentina e Brasil não teve gols, e as duas seleções permaneceram com uma situação semelhante, empatados em número de pontos, mas com o Brasil levando vantagem no saldo de gols. O jornal *O Estado de São Paulo* não circulou no dia 19, e, por esse motivo, não houve uma análise detalhada da partida. Já o *Clarín* faz sua análise trazendo em sua capa a manchete “Argentina empató y mantiene su chance”. Na linha de apoio da matéria principal, o jornal expôs todos os assuntos que seriam aprofundados na sequência:

La Selección empató com Brasil y ambos quedan encabezando com la misma cantidad de puntos la zona B de la semifinal. El equipo argentino tuvo una pálida actuación, sin destellos individuales y com las mismas falências tácticas. Esta vez hubo poca llegada. El partido careció de ribetes interesantes y se desarrolló preferentemente em el médio campo. Ardiles se retiró lesionado (*CLARÍN*, 19/06/1978, p. 2).

Houve um destaque também para a presença do presidente Videla nesse jogo, a reportagem traz a informação de que o presidente acompanhou de forma bastante próxima o andamento da competição, em especial os jogos da Argentina.

Los integrantes de la Junta Militar, que ejercen el gobierno de nuestro país, fueron ubicados junto al titular de la Federación Internacional de Fútbol, João Havelange, y en algunos pasajes del partido se advirtió que comentaban las alternativas del mismo, requiriendo las impresiones de Havelange.

El presidente Videla, que se ha declarado neófito en la materia, ha estado presente en 8 de los 32 partidos ya jugados por el Campeonato Mundial de Fútbol. Entre ellos, los cinco encuentros jugados por la Selección de la Argentina, debiendo interpretarse esa presencia, como la de los comandantes en jefe de la Armada y la Aeronáutica, como una manera de estar junto a nuestros futbolistas en una disputa tan importante como este Mundial (*CLARÍN*, 19/06/1978, p. 3).

Internamente, o jornal traz um grande destaque para a partida, seguindo uma linha editorial que exalta o fato de a Argentina manter suas chances e o grande equilíbrio da partida. O jornal argumentou que a partida não chegou a ser plasticamente empolgante, pois os argentinos mostraram-se nervosos, e os brasileiros, por sua vez, embora menos ansiosos, não conseguiam desenvolver um futebol de qualidade. “No le sobraba fútbol – es cierto - pero al menos parecía estar más tranquilo”, descreveu a reportagem da página 28.

O trecho a seguir é um fragmento da coluna de Alfredo Di Stefano, que faz sua análise da partida entre Argentina e Brasil, ocorrida no dia anterior. Ele descreve a postura das duas seleções dentro de campo, entretanto, o trecho também poderia ter sido retirado de uma editoria geopolítica, e poderia servir de metáfora do posicionamento de Brasil e Argentina fora de campo, no âmbito das relações internacionais naquele momento. Dentro de campo, porém, os dois países não se arriscavam, para não permitir o contra-ataque. Fora de campo, a situação era semelhante no conhecimento do poder adversário, porém, os dois países adotaram posturas mais ofensivas.

Argentina y Brasil se temen mutuamente, saben de su capacidad como equipo, saben además que no se pueden dar el lujo de una desventaja, ya sea ocasional i fortuita, definitiva o intencionada. Y todo eso peso en la mente de los futbolistas que parecían atados al terreno pesado, como si los jubieran clavado con estacas (*CLARÍN*, 19/06/1978, p. 5).

Entretanto, o periódico também reserva espaço para apresentar os detalhes negativos dessa partida, que, segundo a análise, teria sido envolta de um ambiente de violência. A Figura 4 mostra que o jornal não poupou acusações aos atletas brasileiros, que teriam usado de violência para conter os atletas da Argentina. O título da reportagem “O valor de un hombre” fala que esse atleta sofreu violência dentro de campo por parte dos brasileiros, que se valeram de faltas para conter suas investidas. O atleta Leopoldo Luque foi tratado como um herói nessa partida, pois poderia ser considerado um símbolo de um atleta guerreiro e com grande valentia. “Luque, Luque, Luque. No era un simples grito. Era un ruego, una canción, un agradecimiento. Al hombre de River le alenzó con ser anunciado por los parlantes para cometirse em el eje de la noche” (CLARÍN. 19/06/1978, p. 28). Alguns dias antes, em 6 de junho, a Argentina havia enfrentando a França e vencido pelo placar de 2 a 1. Nessa partida, ele havia marcado um gol e sofrido uma lesão no ombro, mas o fato que causou mais comoção entre os argentinos foi o de que Luque havia perdido um irmão nesse dia e foi comunicado somente ao final do jogo. Na sequência, o jogador ficou fora da partida diante da Itália, válida pela última rodada da primeira fase, e da partida diante da Polônia, válida pela primeira rodada da segunda fase. Isso significa dizer que faria sua reestreia justamente diante do Brasil.

A reportagem é ilustrada com uma foto do atleta caído ao chão (Figura 4) após sofrer uma falta. Na legenda: “Luque em el suelo. Oscar lo ‘tocó’ de movida. Todos los jugadores argentinos repudiam la acción”.

Figura 4 - Jornal Clarín 19 de junho de 1978, p. 24



Fonte: Acervo Biblioteca Nacional da Argentina

O comentarista esportivo Jorge Ruprecht descreve em sua crônica que Luque foi essencial para que a Argentina conquistasse esse resultado, “Pero Fue más hombre que jugador”, descreve ele. No que refere a essa situação particular, não é possível fazer uma análise comparativa com o jornal *O Estado de São Paulo*, visto que o jornal não circulou no dia seguinte à partida, e, nos dias posteriores, as pautas trabalhadas já haviam sido direcionadas para outros assuntos. No dia 18 de junho de 2013, quando essa partida completou 35 anos, o blog brasileiro especializado em futebol argentino “Futebol Portenho” fez um resgate sobre esse jogo, e o relato é o de que durante as disputas houve situações de muita violência, não apenas por parte dos atletas brasileiros, mas também por parte argentinos. O blog critica a postura da arbitragem em permitir que o jogo tomasse tal caminho.

O jogo todo foi marcado por entradas duras e deixadas firmes de pé para os dois lados, especialmente nos primeiros minutos. Um jogo aguerrido que o árbitro Károly Palotai, na maior parte do tempo, deixou correr, aplicando algo exagerado a lei da vantagem e quase nada advertindo aos jogadores. Os amarelos da partida deveriam ser mais numerosos (FUTEBOL PORTENHO, 18/06/2013).

Diferentemente do que descreve o *Clarín*, a reportagem comemorativa apresenta Luque como um atleta provocativo, que foi um dos atletas responsáveis pelo clima de tensão criado nessa partida. Desde os primeiros minutos, ele comete e sofre faltas, tornando-se um personagem visto pelos argentinos como uma peça importante no resultado obtido, mas descrito por brasileiros como “catimbeiro”, expressão usualmente utilizada pela crônica esportiva brasileira para descrever a estética de jogo (ou anti-jogo) comumente tida como típica do futebol portenho. A descrição da partida nos remete ao que foi discutido no início deste trabalho, quando tratamos o futebol como uma guerra simbólica. Trata-se de um conflito no qual os times rivais, com cada atleta individualmente, buscam superar o adversário, muitas vezes se utilizando da violência.

Logo nos primeiros dez segundos, Luque deixou o pé em um Batista já sem bola – Palotai já aí aplicou a vantagem, uma vez que a bola permanecera com o Brasil. Aos 2 minutos, foi a vez de Luque sofrer com um pé adversário, acertado por trás por Oscar. Aos 3 minutos, o mesmo Oscar empurrou Bertoni pelas costas tão logo este recebeu um passe de Gallego. Palotai cometeu até o cúmulo de autorizar uma cobrança de falta para a Argentina mesmo com Luque ainda caído no chão, após outra derrubada de Oscar, que, em outro lance, aos 15 minutos, chegou a empurrar também Ardiles ao chão.

Toninho era outro que por vezes se excedia na valentia, especialmente com Ortiz. Já do lado argentino, os mais catimbeiros foram Luque, Tarantini e até o habilidoso Ricardo Villa, que entrou ao fim do primeiro tempo no lugar de Ardiles e ficou mais notado por diversas faltas do que por passes e lançamentos, facilmente neutralizados naquele dia. Ardiles torcera o tornozelo e o momento em que Toninho Baiano ajudou a carregá-lo para fora foi um raro momento de *fair play* (FUTEBOL PORTENHO, 18/06/2013). A partida é descrita como um elemento de muita tensão entre os atletas envolvidos. O clima de festa descrito pelo *Clarín* não fica evidente na descrição do blog brasileiro. Ao contrário, como foi observado anteriormente, o periódico argentino optou em relatar o heroísmo de atletas como Luque, que superaram o ambiente hostil dos atletas brasileiros com o ambiente propício criado pelo torcedor local. Já o blog Futebol Portenho descreve atos de deslealdade cometidos pelos

atletas dos dois selecionados, citando momentos em que a arbitragem, mesmo buscando conter o ânimo dos atletas, tinha dificuldade em frear uma violência intrínseca da guerra simbólica entre os dois países, disputada dentro de campo:

Mesmo quando assinaladas pelo árbitro, faltas para um lado costumavam receber logo um revide, como aos 40 minutos. Gallego entrara forte em Jorge Mendonça. Na jogada que se seguiu à cobrança, Gil deixou desnecessariamente o pé em Kempes, no lance mais nervoso até então – o primeiro em que o árbitro chegou a ser cercado. Foi outra pênalti em *El Matador* o lance mais célebre para os brasileiros: Chicão calçou-o por trás aos 45 minutos. Palotai sacou ali, enfim, um amarelo, que não intimidou o são-paulino a empurrar o rosto de um já levantado Kempes depois de afagá-lo.

No início do segundo tempo, novas catimbas mútuas. O recém-colocado Villa acertou mais canelas do que bolas e recebeu seu amarelo, atribuído também a Edinho quando foi derrubado pelo zagueiro do Fluminense. Leão quase foi amarelado também, em uma tentativa de cera ainda aos 2 minutos da segunda etapa. Zico também recebeu um amarelo, insatisfeito com outras entradas não-punidas de Villa. Em compensação, Palotai não puniu Toninho quando este pôs a mão na bola, aos 28 minutos (FUTEBOL PORTENHO, 18/06/2013).

Essa partida foi considerada pelas duas seleções como uma das decisões da Copa do Mundo de 1978. Mais do que deixar o vencedor mais perto da final, deixaria o rival em grandes dificuldades na competição. Dessa forma, os rivais históricos tiveram a oportunidade de personificar através de uma guerra simbólica o embate de Brasil e Argentina.

Durante os dias seguintes, o conflito de Itaipu ainda seguiria em discussão por pelo menos dois anos, e teria uma solução final somente no começo da década de 1980. Como esclarece Spektor (2002), o fim das discussões só foi possível quando a diplomacia argentina conseguiu fazer de Itaipu matéria passível de negociação. O entendimento trilateral pela utilização do Rio Paraná foi protelado sistematicamente, ao longo do governo Geisel, devido às inconsistências da política externa de Buenos Aires e à intransigência de Brasília. A solução do impasse, que somente chegou sob a gestão de Figueiredo, consagrou um compromisso no qual o Brasil atingira seus interesses em um formato proposto pela Argentina.

Dentro de campo, a guerra simbólica do dia 18 de junho seria apenas o pontapé inicial de um grande embate, temática que será aprofundada no próximo capítulo.

2.4 Negociações secundárias se tornam decisivas

Como foi possível observar anteriormente, a Argentina fez um grande esforço para utilizar-se da visibilidade que a Copa do Mundo traria para construir a imagem de uma nação modernizada e alinhada com o regime. Dias (2008) informa que houve um esforço muito grande para que a competição fosse organizada de maneira modelar. No discurso oficial, não eram apenas 11 atletas em campo, eram 25 milhões de argentinos vencendo pacificamente a subversão e gerando um novo país. Também foi possível avaliar que o Governo Videla mantinha uma relação bastante estreita com João Havelange, na época presidente da Federação Internacional de Futebol, o que renderia a suspeita de que a Argentina teria recebido benesses que teriam facilitado o seu caminho até o título. Também foi possível avaliar que a Argentina vivia um momento em que precisava superar a questão de Itaipu com o Brasil e o Paraguai, visto que sua intensão de expansão geopolítica estava sendo dificultada pelo impacto que a obra teria.

Entretanto, a rivalidade entre Brasil e Argentina não foi percebida apenas no âmbito esportivo ou na questão de Itaipu durante o período analisado. As ações e decisões cotidianas nos levam a observar que o jogo de xadrez na geopolítica da América do Sul é (ou foi naquele período) muito complexo, não podendo ser reduzido a uma análise simplista de temas específicos.

É preciso avaliar que questões internas dos países também ajudaram a determinar o posicionamento do governo que estava do outro lado da fronteira. Durante o mês de junho de 1978, as disputas entre Brasil e Argentina se mostraram bastante contundentes. Dentro de campo, as duas equipes buscavam o título da Copa do Mundo de Futebol, e fora dele as disputas aconteciam em torno da Hidrelétrica de Itaipu. Não há dúvidas de que esses dois assuntos pautaram os periódicos analisados durante esse período. Entretanto, houve embates secundários, que também podem ter se tornado decisivos nas disputas geopolíticas na América do Sul. Nesse sentido, serão,

na sequência, destacados dois assuntos que aparecem de maneira bastante discreta nos dois jornais, mas sobre temas que são fundamentais para a afirmação do governos nos dois países: i) Soberania alimentar e ii) Soberania energética.

No que refere à soberania alimentar, em 1978, o Brasil sofre uma séria ameaça de desabastecimento alimentar. Na época da expansão econômica para o centro-oeste do país, estava dando os primeiros passos, e a região ainda não havia se consolidado como um grande produtor de alimentos. Dessa maneira, os maiores responsáveis pela garantia da soberania alimentar do Brasil eram a região sul e sudeste, entretanto, uma peste se espalhou pelo rebanho suíno dessa região, obrigando os produtores a sacrificarem os rebanhos para frear os prejuízos. Como foi exposto no capítulo anterior, milhares de cabeças de suínos foram sacrificadas nas regiões sul e sudeste do Brasil, ameaçando o país com o desabastecimento de carne. A chamada Peste Suína Africana, ou PSA, deixou em alerta autoridades sanitárias brasileiras a partir de 1978, devido não apenas aos prejuízos financeiros, mas aos impactos sociais que ela traria.

Em relação à PSA a literatura mundial geralmente registra apenas os custos financeiros que os países têm com indenizações, sacrifício de animais, diagnóstico laboratorial, perda de produção, gasto com pessoal, combustível, material de divulgação, além de perda de divisas pela interrupção de exportações. No Brasil, além desses prejuízos financeiros deveria ser contabilizado também o custo social, decorrente da demissão de trabalhadores em todos os setores da suinocultura, da paralisação de empresas e indústrias, da falência de criadores individuais, da perda de fonte protéica por uma parcela considerável da população e do aumento do preço da carne nos açougues e supermercados. Há que considerar também o aspecto estigmatizante que a doença representou, pois mesmo que o criador retomasse seu negócio, depois de cumprido todo o período de vazio sanitário determinado pelas normas sanitárias indicadas para a PSA, dificilmente conseguiria manter o mesmo nível de comercialização. Coube à mídia revelar esse outro lado do drama criado com o episódio da PSA no país: um cenário sombrio, porém real, em que estão representados o drama dos criadores, dos empresários e a comoção social imposta aos moradores das favelas e cortiços das cidades. Há que se lembrar que, na época, o porco constituía, para muitas famílias, a única garantia de carne para a alimentação e o fornecimento da gordura indispensável na preparação dos alimentos (VIANA, 2004, p. 99-100).

A imprensa brasileira cobriu de forma bastante significativa esse fato, visto que o governo federal estava acompanhando a situação e buscando soluções. Entretanto, informações noticiadas no jornal *O Estado de São Paulo* em 15/06/1978 mostram que o Brasil ainda buscava uma solução eficaz para a Peste Suína Africana. O abate de animais precisou ser feito em estados do sul e sudeste, e mesmo com a infestação ainda em um estágio inicial, grandes prejuízos estavam sendo projetados.

Todo o rebanho suíno do Estado do Rio de Janeiro será abatido e cremado em consequência da peste africana. A decisão anunciada ontem pela equipe de emergência zoonosológica do Ministério da Agricultura que recebeu determinação do ministro Alysson Paulienilli. Antes, o governo pretendia destinar a carne dos animais aparentemente sadios ao consumo.

O esquema para a matança contará com a participação do Exército e será iniciado na área do Estado do Rio de Limitada pelo rio Paraíba, fronteira de Minas com São Paulo. Segundo o Ministério da Agricultura, o rebanho é de 200 mil porcos e a indenização foi calculada em Cr\$ 193 milhões. (O ESTADO... 15/06/1978. Capa)

A situação do Brasil fez com que a Argentina reavaliasse o seu posicionamento de mercado internacional, relativo à exportação de carne. Mesmo não associando diretamente a postura do governo argentino com o problema brasileiro, no dia 4 de junho de 1978, o jornal *Clarín* publica que o governo da Argentina estaria avaliando não exportar 250 mil cabeças de gado ao Paraguai. O jornal traz a informação de que a intensão de compra chamou a atenção das autoridades pela grande quantidade, e por isso apareceu a suspeita de que parte desse produto seria reexportado, razão pela qual houve a decisão de não permitir a exportação dessa quantidade de carne para o Paraguai. Apesar de não expor de forma explícita na matéria jornalística, o contexto do mercado naquele momento nos remete imediatamente ao problema enfrentado pelo Brasil, e sua estreita relação com o Paraguai.

Una eventual exportación de 250.000 cabezas de ganado en pie con destino a Paraguay podría tener derivaciones contradictorias con los fines perseguidos por una medida de esa naturaleza. Informaciones provenientes de Asunción indican que la decisión estará a estudio de las autoridades del Ministerio de Economía. El impulso que se procura dar a la

ganadeira – mediante esa franquicia – tendria como contrapartida la reexportación de esse ganado. (...) Pero el destino que la indústria de esse país daría a los animales adquiridos podría atenuar los beneficios que la medida tendería a arrojar para la ganadería. Si la hacienda argentina que se imprte desde el Paraguay no tiene como destino final el abastecimiento interno de esse país, sino que procurará colocaria em otros mercados – industrialización mediante -, haría que el eventual comprador se transforme em um futuro competidor de nuestras exportaciones cárneas, principalmente em la cercana plaza brasileña (*CLARÍN*, 04/06/1978, p.15).

A opção de exportar os bovinos ao Paraguai certamente traria benefícios à balança comercial da Argentina, e a medita também traria um benefício a curto prazo para o país, entretanto, a opção de exportar, ou não, esses bovinos, era um assunto que estava sendo tratado como algo estratégico, um pilar que ia além do impacto econômico imediato, pois a opção de não exportar deixaria o país na confortável posição de gerenciar o mercado consumidor, entre eles, o próprio Brasil e dessa forma ter mais uma peça no intrincado jogo de xadrez da geopolítica da América do Sul.

Já no que diz respeito à soberania energética, economicamente, a década de 1970 ficou marcada em nível global pela crise energética, que afetou as economias dos países industrializados que precisaram enfrentar a escassez que foi acompanhada pela elevação dos preços. Esse cenário trouxe consequências globais e trouxe impactos também para o cenário da América do Sul, obrigando o Brasil a buscar alternativas.

Os países ricos são obrigados a reduzir os gastos públicos e as importações de petróleo, além de elevar suas taxas de câmbio de modo a preservar suas contas externas e buscar outras formas de geração de energia. Temendo desemprego e bagunça generalizada no setor produtivo, o Brasil mantém as compras do óleo a preços altíssimos, tenta estimular exportações de bens manufaturados e investe pesadamente em projetos de produção de álcool, como alternativa de combustível à caríssima gasolina. Nos anos seguintes, o endividamento brasileiro começa a subir, e o nível de crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) se sustenta no campo positivo, embora em patamares bem inferiores à média de 9% registrada durante os anos do milagre econômico, entre 1967 e o fim de 1973.

O susto do choque do petróleo e os baixos preços do açúcar no mercado internacional desembocam no Programa Nacional do Álcool (Pró-Álcool), idealizado pelo físico José Walter Bautista Vidal e pelo engenheiro Urbano Ernesto Stumpf. A política

governamental é estabelecida em 14 de novembro de 1975 por meio do decreto 76.593. O país passa a ampliar a produção da matéria-prima e a converter carros a gasolina em veículos alimentados pelo combustível vegetal. Em 1979 há um novo choque. A paralisação da produção petrolífera do Irã, consequência da Revolução Islâmica liderada pelo aiatolá Khomeini, provoca a segunda crise do petróleo. O preço médio do barril explode, chegando a US\$ 40. A nova crise é apenas parcialmente amortecida pelo Pró-Álcool, tecnologia genuinamente brasileira (IPEA, 2010).

Durante o período que antecedeu a crise energética, observa-se no Brasil fenômenos como urbanização e industrialização, que iniciaram nas décadas anteriores e trouxeram uma maior demanda energética. E essa busca por suprir a demanda energética passa, também, pela construção das hidrelétricas. Entretanto, outros países da América do Sul viram algumas oportunidades comerciais, como foi o caso da Bolívia, que firmou um acordo com o Brasil para a oferta de gás para o país. O acordo foi assinado em 1974 pelo presidente Ernesto Geisel, mas acabou sendo infrutífero para o país, visto que a Bolívia recua nas negociações e opta por privilegiar a manutenção da proximidade com a Argentina.

O governo brasileiro desejava, no início da década de 70, importar gás natural da Bolívia, em volumes que permitissem a sua utilização em empreendimentos industriais como fábricas de uréia e amônia, de eteno, de metanol e mesmo em uma usina siderúrgica no quadrilátero ferrífero. Para tanto, foi proposta a construção de um complexo industrial na zona fronteira, incluindo uma usina siderúrgica no lado boliviano e uma usina termoeletrica em Corumbá. O Brasil financiaria os estudos de viabilidade econômica e os projetos de engenharia do lado boliviano, além dos equipamentos necessários para aquelas unidades industriais. Completava a proposta brasileira a realização de investimentos de risco por parte da Petrobrás. A iniciativa de Brasília, contudo, enfrentou um problema inesperado: a crise econômica e política do país vizinho, a qual reverteu as negociações, que, em 1974, se encontravam em estágio avançado.

Inicialmente, a Bolívia mostrou-se interessada em contratar a venda de derivados de petróleo, particularmente gás liquefeito. Em meados de 1972, a Bolívia pleiteou apoio para a construção de um gasoduto até a fronteira e as negociações fluíram a contento até o ano seguinte, consolidando-se no Tratado de Cochabamba, de 1974. Quando as negociações estavam próximas de seu desfecho, a Bolívia recuou, para decepção do Brasil. O governo boliviano priorizava então o mercado argentino, na época em que o contencioso em torno de Itaipu ganhava maior dimensão (VIDIGAL, 2007, p. 9).

A relação comercial entre a Argentina e a Bolívia era acompanhada de maneira bastante atenta pelo jornal *Clarín* e, em dado momento, o encerramento das negociações para a exportação do gás boliviano para o Brasil ganhou destaque no periódico. Entretanto, o jornal não estabelece uma relação direta da Argentina nessa atitude boliviana, ao contrário, na matéria que versa sobre o tema, o jornal destaca que o encerramento das negociações teve um peso muito maior por parte dos brasileiros do que dos bolivianos, já que novas descobertas no Brasil, aliadas à inviabilidade financeira para cumprimento do acordo de 1974, fizeram com que o país não levasse a negociação adiante.

Las negociaciones sobre la aplicación de ese convenio están paralizadas por varias razones, dijeron los diarios citando fuentes próximas al comité Brasil-Bolívia de cooperación económica y técnica. Por una parte los descubrimientos de faz em Brasil vuelven menos necesaria la importación de faz y urca para producir abonos desde Bolivia. Por la otra, Brasil no tiene recursos financieros suficientes para financiar la construcción de un polo siderúrgico bicultural em el sudoeste boliviano. (...) La cancelación del interés brasileño deja a la Argentina em inmejorables condiciones para negociar con los bolivianos, ya que em la actualidad es su único cliente para este combustible que se extrae de pozos cercanos a la ciudad de Santa Cruz (*CLARÍN*, 12/06/1978, p. 9).

Independentemente do que motivou a interrupção do projeto entre Brasil e Bolívia para comercialização de gás, isso trouxe um grande benefício para a Argentina, que desfrutaria de uma posição bastante confortável em relação à negociação com a Bolívia, visto que seguia sendo o único país a comprar o seu produto. Ao desconstruir essa notícia, é possível avaliar que um avanço das negociações entre o Brasil e a Bolívia deixaria a Argentina em uma situação desconfortável, já que, tendo mais uma opção para venda, a Bolívia teria condições de negociação, mas isso acabou não se confirmando.

Os reflexos do fim dessas negociações podem ser vistos de forma imediata, tanto que, na edição do dia do dia 30 de junho, o *Clarín* noticia que a Bolívia anunciou investimentos para a exportação de gás para a Argentina:

El gobierno boliviano anunció que há aprobado el proyecto de ampliación de um gasoducto a la Argentina com el proposito de atender em los próximos três años lo compromissos acordados com este país, por los cuales Bolivia aumentará sus vendas de gas em casi el 50 por ciento. Em la actualidad Bolivia vende a nuestro país 4,5 millones de metros cúbicos diarios de gas, y a partir de 1980 esas vendas aumentarán em dos milloones de pies cúbicos diarios (*CLARÍN*, 30/06/1978, p. 8).

Como se pôde ver na citação acima, poucos dias depois da decisão brasileira de não comprar gás da Bolívia a Argentina anuncia um aumento na quantidade do produto importado. E essa informação nos propõe a interpretação de que os argentinos acompanhavam a aproximação comercial entre brasileiros e bolivianos, que teve um encaminhamento bastante benéfico para os argentinos, que se mantiveram como único importador do produto e em uma posição bastante conveniente no que refere às negociações.

A decisão do Brasil de não estreitar as relações comerciais com a Bolívia, deixando o mercado do gás com exclusividade para a Argentina, pode ter relação com uma sequência de fatos que aconteceria nos anos seguintes. No intervalo de 1978 e 1981, a Bolívia teve seis presidentes. Entre 1971 e 21 de julho de 1978, o país foi governado por Hugo Banzer, que havia assumido o poder através de um golpe de Estado. Entre 21 de julho de 1978 e 24 de novembro de 1978, o presidente foi Juan Pereda Asbún. Entre 24 de novembro de 1978 e 8 de agosto de 1979, o presidente foi David Padilla Arancibia. Entre 8 de agosto de 1979 e 1º de novembro de 1979, o presidente foi Wálter Guevara Arze. Entre 16 de novembro de 1979 e 17 de julho de 1980, a presidente foi Lidia Gueiler Tejada, e entre 17 de julho de 1980 e 4 de agosto de 1981, o presidente foi Luis Garcia Meza Tejada.

Bueno e Cervo (2002) analisam que o Brasil, assim como a Argentina, não tolerava a instalação de regimes socialistas em países limítrofes, fato que aconteceu durante a sucessiva alternância de presidentes da Bolívia, tal como no caso da revolucinária socialista Lidia Gueiler. Os autores consideram que o Brasil e a Argentina mantinham a chamada “Guerra suja contra a Bolívia”, o que significava uma influência direta na política local, auxiliando o enfraquecimento dos movimentos socialistas. O Brasil, entretanto, procurou

uma atuação de bastidores, abrindo espaço para que a Argentina assumisse as ações diretas na Bolívia. O fato pesquisado por Bueno e Cervo (2002) é o golpe de Estado de 1980.

(...) os governos de Videla e Figueiredo estariam compactuados, ou que pelo menos o Brasil dera seu assentimento à extensão da guerra suja contra a Bolívia, na qual tinha fortes interesses, deixando que a Argentina agisse, sem o comprometer. Com efeito, a intervenção de oficiais argentinos nas sangrentas jornadas de La Paz, em julho de 1980, foi tão escandalosa que o presidente dos estados Unidos, Jimmy Carter, suspendeu a visita do sub- Secretário de Assuntos Hemisféricos, William Bowdler, a Buenos Aires (BUENO; CERVO, 2002, p. 322-323).

Tanto a questão do desabastecimento alimentar quanto do abastecimento energético são questões que podem ser consideradas secundárias quando se analisa a relação entre o Brasil e a Argentina durante a década de 1970. Porém, o fato de essas questões terem sido pauta para os jornais mostra que naquele momento houve uma atenção significativa da sociedade e dos governos sobre esses assuntos. Porém, o que nos interessa nesta pesquisa é destacar que apesar de o foco de maior atrito dentro de campo ser a Copa do Mundo e fora de campo a construção da Hidrelétrica de Itaipú, havia outros assuntos que também causavam “micro tensões”. Essas negociações das “micro tensões” podem ter sido um fator decisivo para a solução dos grandes atritos. Nas negociações geopolíticas, e no caso do Brasil e Argentina, na disputa pelos espaços de destaques na América do Sul, tão importante quanto atacar o adversário, também é preciso saber o momento para recuar, cedendo espaço para o oponente.

Mesmo sem ter uma relação direta com a Copa do Mundo, a questão do desabastecimento alimentar no Brasil, bem como a questão da compra do gás boliviano, mostram que a Argentina estava buscando um papel de protagonismo na geopolítica da América do Sul. E essas questões, mesmo secundárias, ao tempo em que são inseridas em um momento histórico bastante tenso – tal como foi o da construção de Itaipu – têm um papel decisivo em um complexo jogo de posicionamento político e econômico da América do

Sul da década de 1970.

Neto (2014) conclui que, economicamente, o ano de 1978 não foi benéfico para o presidente Geisel. Aos poucos, o Brasil não estava conseguindo os números positivos de crescimento do PIB que havia atingido anos anteriores. Os 5,0% conquistados em 1978 estavam distantes dos 11,9% de 1972, dos 14% de 1973 e dos 10,3% conquistados em 1976, por exemplo. O Brasil caminhava a passos largos em direção ao processo de redemocratização, e o crescimento econômico mais baixo pode ser considerado um fator que acelerou esse processo.

A ideia de desenvolvimento virou quase uma “obsessão governamental”. Por isso o Presidente ousou com a realização do Segundo Plano Nacional de Desenvolvimento (II PND), o qual procurava diminuir a dependência de fontes externas de energia, como a execução do Proálcool (1975), ao passo que incentivava a atividade econômica com enormes obras de infraestrutura, como a Transamazônica e a Ferrovia do Aço, e fomentava os investimentos em setores estratégicos, como a indústria de bens de capital e de transformação (NETO, 2014, p. 132).

Itaipu também serve de exemplo nesse contexto exposto por Neto (2014), já que buscava consolidar o Brasil em um cenário de grandes novidades globais. Alterações no cenário internacional incentivaram os países a encontrar um novo espaço de relações, e tanto o Brasil quanto a Argentina tinham a pretensão de conquistar um novo protagonismo. Neto (2014) cita alguns exemplos de mudanças que podem ser consideradas nesse rearranjo de posicionamento geopolítico:

O fim do sistema Bretton Woods, ocasionado pelo fim do padrão ouro-dólar (1971); os choques do petróleo em 1973 e 1979; a emergência de novos atores econômicos, em especial o Japão, a Alemanha Ocidental e os países de industrialização tardia, como México e o Brasil, que tornaram mais acirrada a competição por mercado de produtos industrializados; a “globalização econômica”, fruto dos novos processos de gestão, das novas tecnologias da informação e da internacionalização e empresas; a rediscussão do papel do Estado na economia (...) (NETO, 2014, p.130-131).

Ao analisar as relações e, principalmente, a rivalidade entre Brasil e Argentina em 1978, é necessário compreender que além da busca dos dois governos por um fortalecimento interno, havia uma disputa por espaço no âmbito internacional, sendo possível comparar cada movimento dos dois países como um movimento em um tabuleiro de xadrez, ou seja, toda ação busca provocar uma reação controlada do país do outro lado da fronteira.

3 A RIVALIDADE ENTRA EM CAMPO

Este capítulo tem por objetivo trazer todo corpo da discussão apresentada anteriormente para dentro de campo, e, dessa forma, estabelecer a relação entre as disputas do âmbito da política internacional com as do âmbito esportivo.

No decorrer dos capítulos anteriores, foi possível observar que o futebol é uma interessante metáfora das dinâmicas sociais, e tratando-se de questões relativas à rivalidade, esse esporte expõe de maneira bastante ilustrativa o modo que se desenvolve a rivalidade entre brasileiros e argentinos. Cabe, portanto, fazer uma avaliação geral sobre essa questão, porém, cabe ainda um aprofundamento sobre as questões específicas do futebol. É nesse momento que se faz necessário um diálogo mais direto entre o esporte e as questões extracampo.

Durante a apresentação da documentação, fica evidenciado que as disputas entre brasileiros e argentinos são bastante marcadas. Nas páginas dos jornais *O Estado de São Paulo* e *Clarín*, é possível acompanhar notícias das editorias de economia, política, relações internacionais e, obviamente, esporte, que expõem uma disputa constante entre a luta por espaço entre os dois países.

Seja pela disputa por um espaço político ou econômico na América do Sul, seja por um protagonismo dentro de campo, os dois países mantiveram durante o período pesquisado uma disputa constante. Essa disputa, motivada principalmente pelas ideologias dos governos vigentes nos dois países, serviram não apenas como ocupação de espaço, mas também como um modo de afirmação interna, em que muito mais do que os fatos, o que precisa ser considerado é a exploração de marketing resultante desses conflitos .

Como foi observado anteriormente, durante o mês de junho de 1978, os jornais *Clarín* e *O Estado de São Paulo* evidenciaram uma

disputa bastante tensa em relação à negociação sobre o andamento da construção das usinas hidrelétricas, e, a partir de agora, vamos ver como essas disputas aconteceram no âmbito esportivo, nas discussões com relação à Copa do Mundo.

3.1 A Copa pelos jornais

O ano de 1978 foi de muitos desafios para o futebol brasileiro. O governo do presidente Ernesto Geisel entrava em seu momento decisivo, pois atravessava um momento importante relacionado à transição para o governo do presidente João Figueiredo. A divisão política se consolidou ao longo dos anos anteriores com a ocupação de espaços políticos do Movimento Democrático Brasileiro. A articulação política dos bastidores começava a dar indicativos dos rumos que seriam seguidos nos próximos anos. No dia 1º de junho de 1978, o jornal *O Estado de São Paulo* coloca dois posicionamentos antagônicos dos bastidores político do Brasil nesse período, quando a Arena e o MDB se articulavam internamente para definir o próximo presidente brasileiro.

O general João Batista Figueiredo enviou a todos os convencionais da Arena de São Paulo telegrama solicitando empenho em favor do candidato oficial, Laudo Natel. “Confio na acuidade da sua visão política e na correta avaliação da importância nacional do resultado da convenção de São Paulo com vistas à coesão partidária” – diz o chefe do SNI na mensagem, lida ontem na tribuna da Câmara pelo deputado federal Alcides Franciscato (Arena-SP). A iniciativa foi interpretada em Brasília como uma tentativa de deter o crescimento das possibilidades de o ex-prefeito Paulo Maluf obter a maioria dos votos na convenção de domingo. Comentava-se no Congresso que Natel telefonou a Figueiredo para informar que sua situação estava ameaçada por Maluf e teria ouvido a seguinte resposta do general: “Mas você não afirmou que tinha apoio político e votos? Está na hora de provar” (O ESTADO... 01/06/1978, capa).

Antagonista político da Arena nesse período, o Movimento Democrático Brasileiro, MDB, trabalhava internamente sua organização para que, nos anos seguintes, conquistasse o seu espaço político com a consolidação da redemocratização. As ações do MDB dividiam espaço editorial com as ações do governo, mostrando que tanto governo quanto opositores estavam organizados para suceder o poder político no próximo período.

Reunido em convenção, o MDB autorizou ontem os diretórios regionais a decidir se participarão ou não da escolha indireta dos governadores e abriu a possibilidade de indicar candidato próprio a presidente da República, no dia 15 de outubro. Mas, para resolver definitivamente esse problema e apontar eventuais candidatos a sucessão presidencial, será convocada nova convenção nacional do partido, em data ainda a ser definida. (...) No documento final, os emedebistas apoiam a Frente Nacional de Redemocratização, mas evitam referência ao general Euler Bentes e ao senador Magalhães Pinto (O ESTADO... 01/06/1978, capa).

O General João Figueiredo viria a assumir a presidência da República no ano de 1979, e permaneceria até o ano de 1985, quando Tancredo Neves do Partido do Movimento Democrático Brasileiro venceria as eleições, e, apesar de indiretas, o pleito marcaria a quebra da sequência de militares na presidência do Brasil. Tancredo Neves nunca assumiria o cargo, pois viria a falecer, e José Sarney assumiria a Presidência.

O governo militar, por meio da Confederação Brasileira de Desporto, observava no futebol uma importante ferramenta de atuação política do país. Pois era por meio da formatação do Campeonato Brasileiro de Futebol (chamado na época de Copa Brasil), que a entidade mantinha uma atuação política direta em centenas de cidades de todas as regiões brasileiras. Para termos um exemplo do poder de influência política que a CBD mantinha, basta avaliar que, na temporada de 1978, a competição reuniu 74 clubes. Na avaliação de

Dos Santos (2012)¹¹, os critérios para introdução de clubes nas competições nacionais organizadas pela CBD sempre foram bastante intrincados. O autor cita como exemplo o caso da Chapecoense, da cidade catarinense de Chapecó, que, na época, sequer tinha linha aérea regular com aeronave de grande porte para o deslocamento das delegações. Com um problema de logística, a solução foi a Prefeitura local, administrada pela Arena (sigla partidária ligada ao Governo Federal), alugar um avião adequado para o transporte dos atletas.

A Confederação Brasileira de Desporto era a detentora dos direitos de organização das competições nacionais e fazia uso político dessa ferramenta, entretanto, a Seleção Brasileira de futebol era o seu principal “produto”, já que vinha sendo utilizada como uma ferramenta da afirmação do nacionalismo. Apesar de a Seleção Brasileira manter o *status* de ser a equipe mais vitoriosa do futebol mundial, tendo conquistado três “Copas do Mundo”, a temporada 1978 iniciou com uma instabilidade na CBD, pois a Seleção não conquistava os resultados que estavam sendo esperados pela entidade. E como solução, às vésperas de competir no mundial da Argentina, houve uma mudança importante no comando técnico.

A poucos meses do Mundial de 1978, o técnico Osvaldo Brandão renunciou após empate pelas eliminatórias na Colômbia. Deu poucas explicações à imprensa, mas se especulou que contestações por parte da imprensa carioca, rebeldia de alguns jogadores e pressões de cartolas foram fatores decisivos. Assumia em seu lugar o técnico do Flamengo Cláudio Coutinho, que passara pela escola de Educação Física do Exército (algo relevante naquele momento) e possuía ótimas relações dentro da Confederação (fora supervisor nas Copas de 1970 e 1974 e comandante da equipe amadora nas Olimpíadas de Montreal) (DOS SANTOS, 2012, p. 129).

Ao analisar as representações do futebol no Brasil, Damata (1996) avalia o brasileiro como esperto e malandro, ou como aquele

¹¹ Utilizamos como fonte nesta pesquisa a dissertação de Dos Santos (2012), a qual foi transformada no livro *Onde a ARENA vai mal um time no Nacional: a criação do campeonato brasileiro em 1971*. Rio de Janeiro: Luminária Acadêmica, 2015.

que sabe viver e tira vantagem de tudo, uma pessoa que tem “jogo de cintura”. A expressão tanto é aplicada ao político populista, que sabe dar o “pulo do gato”, quanto ao jogador de futebol, que aplica esse estilo na prática do esporte.

Essa análise pode ser importada também para o ponto de vista do torcedor, que, apesar de saber dos problemas enfrentados pelo selecionado local, também sabe que a situação poderia ser revertida com a conquista do título mundial em solo argentino.

Como apontado anteriormente, o dia 1º de junho começa com grande expectativa na Argentina, pois nesse dia teria início o maior torneio de futebol do mundo. Os olhos do mundo estão voltados para a Argentina, e o Jornal *Clarín* apresentou como manchete o grande evento que estava às vésperas de começar.

Como pôde ser observado na Figura 1, a página mais nobre do jornal chama atenção, pois estampa na parte superior da página o título “Surpresa argentina pela decisão Brasileira”, que trata das negociações acerca de Itaipú. Porém, a arte visual da página faz referência ao evento esportivo que seria inaugurado, com uma foto de um atleta argentino comemorando, tendo como fundo um estádio lotado em festa. Em primeiro plano, uma foto do “Troféu Copa do Mundo FIFA”, substituto da “Taça Jules Rimet”, que havia sido entregue de forma definitiva ao Brasil em 1970, quando conquistou seu terceiro título mundial. A imagem ilustra não apenas o sonho argentino de conquistar o título da competição, mas também o futuro, que se concretizaria 25 dias mais tarde.

Durante todo o mês de junho de 1978, O *Clarín* divulgou em edição diária um caderno especial dedicado exclusivamente às informações relativas ao Mundial de Futebol. Esse suplemento teve como função colocar em circulação um conteúdo dedicado a contar os bastidores da organização da Copa do Mundo, e o cotidiano dos atletas da seleção argentina. Ele também trazia os resultados dos jogos, com a análise de especialistas em futebol, e personalidades. Havia também um espaço dedicado para avaliar os adversários da Argentina durante

o Mundial. Todos os dias, o caderno dedicava sua capa para expor fotos dos estádios onde aconteceram os jogos ou imagens de pessoas ligadas à seleção da Argentina (atletas ou membros da comissão técnica). As chamadas secundárias eram relacionadas aos adversários da Argentina no caminho rumo ao título.

O jogo de abertura da competição foi Alemanha X Polônia, e como a partida da Argentina aconteceria somente no dia seguinte, o destaque do suplemento foi a estrutura física que estava recebendo o Mundial, bem como a agenda dos políticos e figuras públicas que estavam participando das atividades oficiais. Os especialistas também ganharam espaço apontando os possíveis rivais da Argentina. Sobre isso, é necessário destacar que o Brasil não recebe grande destaque sob o ponto de vista desportivo, ao contrário, questões ligadas à expectativa sobre o desempenho tático e técnico da seleção tricampeã mundial não entram na pauta editorial desse suplemento. No entanto, isso não significa que o futebol brasileiro tenha sido deixado de lado, visto que há uma reportagem de duas páginas produzida a partir de uma entrevista com o maior destaque do futebol brasileiro, Edson Arantes do Nascimento, o Pelé.

A reportagem destaca principalmente questões extra campo e traz uma análise sobre o jogo de abertura do Mundial. A página traz um anúncio publicitário, o da Pepsi, cujo garoto propaganda era o próprio Pelé. A marca de refrigerante, via sua principal concorrente, a Coca-Cola, estampar sua logomarca nas placas de publicidade à beira do gramado dos jogos do Mundial, e via em Pelé uma maneira de expor positivamente a sua marca durante a competição. Durante todo o mês de junho de 1978, Pelé teve espaços periódicos, com uma coluna opinativa no jornal *Clarín*, sempre com o patrocínio da Pepsi. Cabo (2018) avalia que a grande exposição de Pelé durante a Copa do Mundo, especialmente o conteúdo veiculado, de certa maneira serviria para legitimar simbolicamente o discurso oficial, bem como a própria realização o torneio na Argentina. Dias (2015) alerta que é inegável o poder publicitário de um evento como a Copa do Mundo, sendo que foi

justamente na década de 1970 que esse evento se consolidou como espetáculo de marketing, e, seguindo essa lógica, pondera-se que, em 1978, não houve apenas o trabalho de exposição de produtos (no caso o futebol), mas, em diversos níveis, houve também a exposição do discurso oficial do próprio regime. “Tengo antecedentes que Minotti hizo un buen trabajo este año y que el equipo está muy ajustado”, disse Pelé em sua primeira coluna publicada no Jornal *Clarín* no dia 1º de junho, mostrando um discurso otimista desde suas primeiras intervenções no jornal.

No dia seguinte à abertura da competição, Pelé enfatizou a grande festa do povo argentino. Teceu elogios e deixou as críticas para a baixa qualidade técnica do futebol apresentado pelas equipes da Alemanha Ocidental e da Polônia.

En primer lugar quiero hacer un elogio para la fiesta inaugural: fue sencitalmente colossal. Deben sentirse orgullosos por cerimonia. Lamentablemente la fdiesta deportiva no tuvo la misma calidad, como havia pasado em los torneos anteriores cuando México y la Unión Sovietica em Mexico, y Brasil y Yugoslavia, en Alemania, abrieron el Mundial tambien com um cero a cero y com escassíssimo nivel técnico. Em este caso puede tener una explicación: Los dos son los favoritos de su grupo y um empate no les resta posibilidades de clasificación. El mejor testimonio para medir el nivel de espectáculo fu ela reporvación de publico. Siempre dije que es el único que no se equivoca. Y mucho menos el argentino que vio desde siempre um fútbol cargado de belleza, por lo que los hace más exigente (*CLARÍN*, 02/06/1978, p. 14).

Em suas colunas periódicas, Pelé sempre enalteceu as virtudes do selecionado argentino. Mesmo sem manifestar de forma explícita sua opinião de que a Argentina era favorita ao título, sempre disse que havia essa possibilidade. Ao analisar a estreia da Argentina na Copa, a coluna de Pelé traz como título “Argentina tiene garra”. Já em seu comentário sobre a estreia do Brasil, o título foi “Actuación que me decepcionó”.

No dia 10 de junho, Pelé deixa a Argentina por um motivo

pessoal, o nascimento de sua filha, nos Estados Unidos, e o fato é noticiado pelo *Clarín* como um acontecimento especial na vida do ex-atleta. A notícia demonstra que Pelé tinha uma agenda profissional com muitos compromissos, já que, além de colunista do jornal argentino, ele também fazia participações na televisão venezuelana. Antes de embarcar para conhecer a sua filha, cumpriu alguns compromissos com a TV daquele país: “Durante toda la tarde, grabó las emisiones para el canal de televisión venezolana con in equipo especial montado em el hotel de la Paza San Martin, donde se aloja”, destacou a reportagem.

Um fato que nos chamou a atenção é o de que a reportagem sugere que Pelé nutria um vínculo bastante íntimo com a Argentina. O jornal publica um trecho atribuído a Pelé, onde ele enfatiza o desejo de homenagear o país portenho com o nome de sua filha:

Lo Mejor que podia haber pasado es que mi hija haya nacido durante la disputa del Campeonato Mundial. Siempre fui un agradecido por todo lo que brindó la Argentina em mi época de jugador y estoy deslumbrado por las atenciones y el afecto que recibo a cada momento em esta estada. Por eso, como homenaje a este país y a excelente Mundial que están realizando, mi hija se llamará Argentina. Me voy por uns dias conocerla y espero estar de vuelta para poder ver los partidos de la segunda vuelta (CLARÍN, 10/06/1978, p. 16).

Pelé retornaria à Argentina dias depois e suas colunas se mantiveram até o final do campeonato, entretanto, aqui cabe ressaltar que não há registros oficiais de que Pelé tenha uma filha chamada “Argentina”. A filha de Pelé nascida em junho de 1978 nos Estados Unidos receberia o nome de Jennifer Cholbi Nascimento. Cabo (2008) afirma que, em seu retorno para a Argentina, Pelé respondeu de forma constrangedora algumas perguntas de repórteres do país sobre a opção de mudar o nome da sua filha.

A Figura 5 é uma montagem com as três páginas do *Clarín* no dia 1º junho, e o objetivo é mostrar a maneira intensa que o jornal

explora a imagem de Pelé durante a Copa do Mundo. Mais do que pauta para reportagens ou colunas periódicas, a imagem física do brasileiro era intensamente exposta no jornal *Clarín*, sempre acompanhado da logomarca do refrigerante Pepsi. Somente no dia 1º de junho de 1978, três páginas exploram a imagem e a opinião de Pelé, e associam-nas diretamente ao Mundial de 1978. Em uma delas, que circulou no caderno “Cultura Y Nación”, Bernardo Verbitsky faz uma crônica descrevendo diversos aspectos da carreira de Pelé associando a própria existência humana e em sociedade. A crônica “Pele y el Futurólogo” trata de aspectos financeiros, prazeres estéticos, experiências individuais e um ávido final. O texto trata da importância que Pelé teve na formação do imaginário coletivo das pessoas que são ligadas ao futebol. Em especial o autor, que é um profissional da imprensa:

Todos hemos leído mil diatribas contra el hombre que anda por la calle llevando como una oscura excrecencia sobre una oreja, una pequeña radio no más grande que un paquete de cigarrillos. Sesudos o improvisados sociólogos le aplican de inmediato un calificativo: “alienado”, y ya lo erigen en símbolo de una civilización deshumanizada. Me atrevo, sin embargo, a intentar la defensa de esse ejemplar todo lo “alienado” que se quiera, pero a mi juicio un ejemplo de humanidad, elemental acaso, y no como se cree, afiche de deshumanización (*CLARÍN*, 01/06/1978, p. 05).

Figura 5 - Imagens de Pelé no jornal Clarín 01/06/1978



Fonte: Acervo Biblioteca Nacional da Argentina

No dia de abertura da Copa do Mundo, a cobertura jornalística do periódico brasileiro relacionado ao futebol abordou assuntos ligados à escalação de Rivelino, à falta de opções táticas do técnico Coutinho, a uma avaliação da arbitragem que iria apitar na estreia do Brasil diante da Suécia (que aconteceria no dia seguinte), e a informações sobre a premiação em dinheiro aos atletas do Brasil em caso de conquista do título.

Antes da partida de estreia do Brasil na Copa do Mundo, diante da Suécia, a reportagem de *O Estado de São Paulo* produziu um material que dava visibilidade à opinião dos membros da comissão técnica da Seleção Brasileira em relação ao árbitro Clive Thomaz, escalado para apitar Brasil X Suécia, onde se mostrava confiança de que não se acreditava que as decisões do árbitro prejudicariam o Brasil. Entretanto, algumas decisões desse árbitro na partida seriam alvo de críticas da delegação brasileira (que serão aprofundadas no subcapítulo a seguir). Antes da partida, no entanto, o técnico Claudio Coutinho teceu elogios ao galês, mas, nos dias que antecederam a partida, a comissão técnica brasileira optou por realizar um trabalho de orientação sobre a postura que deveriam ter diante da arbitragem, para evitar que o Brasil tivesse algum tipo de prejuízo.

Ele é um juiz que corre o campo todo, apita sempre em cima da jogada e é rigorosíssimo na assinalação de faltas. Já apitou diversos jogos do Brasil e sabemos que não é e prejudicar nenhum dos dois times, pelo menos intencionalmente. Acho que não teremos problemas com ele (...) O assunto arbitragem foi discutido consativamente entre a Comissão Técnica e os jogadores. Tivemos várias reuniões com eles e a viagem à Europa foi excelente para que eles adquirissem experiência. Passamos diversos filmes técnicos, que mostravam quando a jogada é legal ou não (O ESTADO... 01/06/1978, p. 24).

O clima de animosidade entre o técnico Claudio Coutinho e parte da imprensa brasileira é noticiado pelo jornal *O Estado de São Paulo*. A notícia intitulada “Problema do prêmio irrita o técnico” descreve que o treinador brasileiro mostrou insatisfação com o fato de alguns veículos de comunicação do Brasil noticiarem que, caso conquistassem a Copa, cada atleta brasileiro receberia da Confederação Brasileira de Desporto o prêmio de Cr\$ 500 mil. O técnico classificou a notícia como “indignante e uma maneira de tumultuar o ambiente da seleção, quando faltam apenas dois dias para a estreia”.

O jornal ainda destaca que o Brasil teria pouco apoio nos estádios, já que foi registrada a entrada de pouco mais de 300 brasileiros na Argentina. O motivo para a expectativa de pouco apoio nas arquibancadas tinha raízes em dois aspectos: o primeiro deles relacionado à desconfiança que o torcedor estava nutrindo com o desempenho da equipe treinada por Coutinho:

Ontem, 330 torcedores, em três vôos especiais, deixaram São Paulo, com destino a Mar del Plata, onde o Brasil vai fazer sua estreia na Copa do Mundo, contra a Suécia. Mas esse número de passageiros faz com que o movimento seja considerado muito fraco pelos gerentes e funcionários das companhias aéreas, os quais atribuem esse desinteresse da torcida em viajar para a Argentina ao mau futebol que o time de Claudio Coutinho apresentou na maioria dos jogos de preparação, no Brasil ou na Europa (O ESTADO... 01/06/1978. p.26)

Já o segundo fator – de caráter central no desenvolvimento desta pesquisa – relaciona-se à expectativa de que o posicionamento brasileiro sobre a questão de Itaipu trouxesse uma antipatia dos argentinos em relação à seleção brasileira. A preocupação de que brasileiros sofressem algum tipo de represália em território argentino foi pauta do jornal, com o temor de que, de alguma forma, houvesse uma correlação entre a questão de Itaipu e a Copa do Mundo, e isso pudesse descambar para atos de violência contra os brasileiros que estavam na Argentina.

A Seleção de Coutinho pode ser prejudicada pela decisão do governo brasileiro de cancelar a reunião trilateral de chanceleres sobre o aproveitamento do potencial hidrelétrico do rio Paraná (...) Ela poderá ampliar-se nos próximos dias, transformando o apoio do povo ao selecionado brasileiro em manifestações de hostilidade, de acordo com a intensidade da reação oficial e da imprensa local à decisão de Brasília. Os analistas argumentam que o Brasil havia insistido em resolver o problema de Itaipu/Corpus antes do Mundial, para eliminar uma área de atrito que poderia ser prejudicial à Seleção Brasileira (O ESTADO... 01/06/1978, p. 26).

Essa notícia torna-se central no contexto da rivalidade entre Brasil e Argentina, pois revela a preocupação do Governo brasileiro em resolver o conflito antes do início da Copa do Mundo, já que haveria o temor de que o governo argentino buscasse tirar proveito da situação em seu favor.

No dia da inauguração da Copa do Mundo, *O Estado de São Paulo* não traz mais informações sobre o selecionado argentino, porém, enfatiza que o governo local busca melhorar a sua imagem através desse evento e faz um trocadilho, chamando a “Copa do Mundo” de “Copa do Medo”, visto o aparato de segurança montado para o evento. O grande problema estava relacionado à postura do governo argentino, que era tido na época como extremamente repressivo, como nos analisam Palermo e Novaro (2007, p. 207):

O mundial era um teste decisivo tanto no plano interno como no externo, e podia transformar-se num desastre ou dar motivos aos chefes processistas para seguir adiante. Na realidade, o temor era justificado: os militares haviam optado por um caminho repressivo inédito em seu alcance e nas formas empregadas; embora houvessem feito um cálculo dos riscos que corriam, não podiam estar seguros de qual seria o resultado. À medida que a data do campeonato aproximava-se, as críticas e denúncias das violações dos direitos humanos vindas do exterior foram aumentando.

O Estado de São Paulo explorou essa questão em sua chamada principal para a Copa do Mundo ao fazer o trocadilho “Copa do Medo”. Em um momento em que o mundo estaria desconfiado da capacidade dos argentinos em realizar o evento, essa seria uma oportunidade para demonstrar a capacidade do Governo, mas principalmente para afirmar o orgulho argentino. Ao citar a palavra “medo”, o jornal faz uma alusão a diferentes situações. Uma delas é exatamente ao fato de que havia dúvida sobre a capacidade de realização dessa Copa. Outra questão está relacionada à violência repressiva do governo contra seus opositores, e, por fim, havia o medo de que opositores ao governo pudessem utilizar-se do evento como uma vitrine para exposição das suas ideias, o que poderia ter como desdobramento a efetivação de algum ato de violência.

No momento em que Alemanha e Polônia começarem a jogar hoje, no estádio do River Plate, um sentimento de orgulho e realização tomará conta dos dirigentes esportivos argentinos e, porque não, da maior parte do povo. Sem chegar a esquecer os seus verdadeiros problemas, a população platina passou a encarar a Copa como uma questão de afirmação nacional quando se espalhou pelo mundo a idéia de que a Argentina não seria capaz de realiza-la. (...) E para as autoridades do governo, em particular, a Copa é uma resposta aos que pensavam que o terrorismo era um problema insuperável, que os argentinos, e aos que do exterior, tentaram até o último minuto comandar um boicote à competição. Mesmo as divergências quanto à escalação do selecionado nacional parecem esquecidas diante da necessidade de fazer uma boa figura. “Que tudo saia bem” é a frase mais ouvida em Buenos Aires (O ESTADO... 01/06/1978, p. 72).

O jornal brasileiro também sugere que, apesar do grande esforço argentino em passar a imagem positiva de uma “nova Argentina”, os momentos que antecederam a abertura da Copa do Mundo foram de bastante tensão, e até certo ponto, de desorganização. O Estado de São Paulo divulga episódios de tensão envolvendo a falta de ingressos para os profissionais que estariam trabalhando nos jogos, já que o índice de lotação dos estádios estava muito acima do que havia sido originalmente programado. O jornal informa ainda que as pessoas responsáveis pelo atendimento mais direto aos correspondentes internacionais foram hostilizadas face à desorganização no momento de recepção dos profissionais de imprensa.

Também a distribuição das entradas aos jornalistas transformou-se num caos, com problemas de espera, troca ou desaparecimento de bilhetes. As Agências internacionais de notícias receberam ingressos em excesso para algumas partidas e de menos para outras. Alguns repórteres abriram seus envelopes e não encontraram nada dentro como os correspondentes do “London Times” e do “Scotsman”. Um jornalista peruano acabou chorando, assim como várias recepcionistas bombardeadas durante horas por perguntas, reclamações e insultos em vários idiomas (O ESTADO... 01/06/1978, p. 72).

A Figura 6, apresentada a seguir, mostra o destaque que O *Estado de São Paulo* dedicou ao tema da Copa do Mundo. Tão importante quanto observar o texto jornalístico, é dispensar um olhar atento ao título da matéria, apresentada em uma página de destaque (a contracapa). O periódico vai além de um jornalismo meramente informativo e, ao publicar um texto sob o título de a “Copa do Medo”, marca o seu jornalismo opinativo. A matéria não é assinada por nenhum jornalista e não foi escrita por um colunista. Trata-se do posicionamento jornalístico da empresa frente à Copa do Mundo de Futebol.

Magalhães (2013) destaca que, internacionalmente, algumas

organizações, em especial o Comité d' Organization pour le Boycotte a la Coupe du Monde em Argentine (COBA), sediado na França, viram a Copa do Mundo como uma oportunidade de atacar o Governo argentino. Segundo a autora, o governo Videla conseguia manter-se relativamente longe das críticas internacionais em função das boas relações comerciais com países de diferentes alinhamentos ideológicos. Entretanto, internamente, Videla sentia-se pressionado, havia milhares de exilados que acabaram ganhando notoriedade com o advento da competição, já que “os olhos do mundo” voltaram-se para a Argentina. Além disso, ao passo que Videla procurou obter ganhos com a realização da Copa, também foi possível observar alguns efeitos colaterais, como foi o caso da publicização do caso dos exilados e desaparecidos. Tratavam-se de situações de ordem interna, que ganharam notoriedade.

O tom de crítica e desconfiança com que *O Estado de São Paulo* trata a Copa argentina logo no dia da abertura da competição (Figura 6) pode ser explicado em razão de que as relações entre os dois países variam entre a aproximação e o afastamento. Certamente, o Brasil acompanhava de maneira bastante próxima as questões internas da Argentina, tendo acesso a informações bastante peculiares e dando mais atenção às temáticas portenhas do que a dada a outros países. O rival geopolítico poderia ser considerado merecedor de uma atenção especial, ou mais ampla, que fugisse da tradicional “Festa de abertura”

Figura 6 – Capa do jornal O Estado de São Paulo, dia 01/06/1978

ESTADO DE S. PAULO

Buenos Aires - começa a "Copa do medo"

A temperatura estará por volta de 10 graus, mas o Serviço de Meteorologia de Buenos Aires prevê só para esta tarde, na abertura do XI Campeonato Mundial de Futebol em um ambiente festivo e, ao mesmo tempo, tenso - sob rigorosa segurança, que iniciará uma área num raio de três quilômetros, em torno do estádio do River Plate. Antes da partida entre Alemanha e Polónia, prevista para 16 horas, haverá uma grande solenidade a partir das

16h15 - com desfile de bandas militares, exatidão, e a bandeira do arcebispo de Buenos Aires, Monsenhor Juan Carlos Aramburu. Então programados três discursos: do presidente da AFA, Alfredo F. Cantilo, do presidente da FIFA, João Havelange, e do presidente da República Argentina, general Jorge Rafael Videla.

Des 78.700 lugares do estádio, 1.818 foram reservados para os jornalistas e 345 para autoridades e 146 para delegados da FIFA, especialmente convidados. Todos terão ônibus à disposição, partindo do Centro de Imprensa e do Iberation Hotel, desde as 10 horas, de meia em meia hora.

A televisão transmitirá todas as festividades, a partir das 13 horas, e também o jogo de abertura - cujo resultado, espera-se que seja diferente dos últimos três mundiais, quando as partidas terminaram em zero a zero.

Programa
13 e 15 - Abertura da cerimônia e entrada das bandas militares.
13 e 15 - Saída de grupos de estudantes portando gibões.
13 e 30 - Entrada do presidente da Argentina, general Jorge Rafael Videla.
13 e 35 - Bênção do arcebispo de Buenos Aires, monsenhor Juan Carlos Aramburu.
13 e 52 - Exercícios dos estudantes com bastões e corrida para formar a alegria "Argentina 78".
13 e 55 - Os grupos tomam posição no

grinado e formam a alegria "Mundial FIFA", iniciando-se uma revolução de cores.
14 e 01 - Primeira volta do desfile.
14 e 04 - Segunda volta do desfile.
14 e 10 - Entrada das bandeiras da FIFA.
14 e 12 - Entrada das bandeiras dos 16 países classificados para a Copa.
14 e 15 - Movimentos rítmicos e treinos das bandeiras.
14 e 25 - Exercícios de ginástica e pausa. Corrida do centro do campo.
14 e 28 - Saída do campo e instalação das bandeiras.
14 e 30 - Enecação do Hino Nacional da Argentina.
14 e 40 - Discursos dos presidentes da Associação de Futebol Argentina, Alfredo F. Cantilo, da FIFA, João Havelange, e da República Argentina, Jorge Videla.
14 e 45 - Entrada do juiz dos jogadores para o jogo inaugural. Formação e execução dos hinos nacionais dos dois países.
15 horas - Início do jogo entre Alemanha Ocidental e Polónia.



Alemanha (à esquerda) e Polónia já chegaram a Buenos Aires e hoje, às 16 horas, abrem oficialmente a XI Copa do Mundo no estádio do River Plate

Orgulho
No momento em que Alemanha e Polónia começam a jogar hoje, no estádio do River Plate, um sentimento de orgulho e realização tomara conta dos dirigentes esportivos argentinos e, porque não, de maior parte do povo. Bem chegar a esquecer os seus verdadeiros problemas, a população platina passou a encantar a Copa como uma questão de afirmação nacional quando se espalhou pelo mundo a idéia de que a Argentina não seria capaz de realizá-la.

Por isso, sente-se na atmosfera de Buenos Aires uma sensação de êxito, de missão cumprida e até de surpresa por tudo quanto foi feito em quatro anos ou, mais precisamente, nos últimos 15 meses. A infra-estrutura de comunicações alcançou um padrão internacional, as estradas e os aeroportos tornaram-se mais modernos, novos edifícios foram construídos ou ampliados.

E para as autoridades do governo, em particular, a Copa é uma resposta que pensavam que teriam para um problema insuperável: que os argentinos não estivessem suficientemente organizados e que, no exterior, tentaram até o último minuto comandar um boicote à competição. Mesmo as divergências quanto à escolha do selecionado nacional pareciam esquecidas diante da necessidade de fazer

uma boa figura. "Que tudo saia bem" - é a frase mais ouvida em Buenos Aires. Principalmente, porque mais de 1,2 bilhão de pessoas assistirão pela TV em todo o mundo, aos jogos da Copa do Mundo. As transmissões estarão a cargo de uma empresa formada exclusivamente com esse fim e que, até agora, trabalhou de verdade apenas duas vezes - na cobertura do sorteio das chaves do Mundial no Grande Prêmio da Argentina de Fórmula 1, em janeiro. Nesse intervalo, foram realizados apenas testes.

Essa empresa estatal foi constituída por determinação da FIFA, que exigiu transmissão a cores, processo ainda não adotado na Argentina, que verá os jogos ainda em preto e branco. O sistema empregado é o mesmo do Brasil - o PAL, desenvolvido na Alemanha e utilizado pela primeira vez nos Jogos Olímpicos de Munique em 72. A transmissão mundial via satélite corre por conta de um consórcio europeu formado pela Organização Internacional de Rádio e Televisão e a Organização de Televisão Inter-Americana.

Féria
Em Varóvia o clima não é diferente. Os jogadores e os heróis locais proclamam no rádio e na imprensa, mesmo antes do início das disputas. Os poloneses concentram grande interes-

se também nos preparativos do selecionado alemão, seu primeiro adversário na Copa. A televisão da Polónia programou 90 horas para a transmissão das partidas.

Os jornais de Caracas davam grande destaque ontem ao fato de estar se uma Copa sul-americana, e salientavam que o resultado final destará o empate entre selecionados sul-americanos e europeus, até agora com cinco campeonatos para cada grupo. Embora as personalidades esportivas entrevistadas apontem o Brasil como favorito, nota-se entre os venezuelanos uma forte corrente também pela Argentina ou, enfim, por uma equipe do continente.

O presidente Carlos Andrés Pérez recebeu ontem em audiência o príncipe Coláhn Rosa Paley, irmão do xá do Irã e que também inspetor das Forças Armadas e presidente do Conselho Deportivo de seu país. O príncipe fez escala em Caracas a caminho da Argentina, onde assistirá aos jogos do Mundial.

Em Paris, o torneio internacional de tênis foi momentaneamente eclipsado pelo futebol. Guillermo Villalobos declarou inclusive que poderá cancelar sua partida em Wimbledon para assistir pessoalmente aos jogos finais, principalmente se a equipe Argentina vencer o título. Já o sueco Björn Borg e o francês Patrice Dominguez, embora se declarassem fãnticos pelo futebol,

preferiam acompanhar as partidas pela televisão e fazer suas apostas. Ambos apostam no Brasil.

Turismo
Um casal alemão, que durante quase um ano percorreu 47 mil quilômetros com um trailer, chegou ontem a Buenos Aires para assistir hoje a partida entre Alemanha e Polónia. Heino Jost, de 54 anos, contou que sua viagem começou no dia 13 de junho do ano passado e que, no caminho, percorreu toda a costa ocidental das Américas. Ele declarou-se surpreso com a simpatia encontrada em Buenos Aires e outras grandes cidades europeias, como Paris, Londres e Barcelona, "muito mais cara". Os excessos cometidos por comerciantes já foram objeto de uma advertência feita por um funcionário do governo, pelo televisor, amagando até com o fechamento da loja se forem simplesmente denunciados. Ele disse que o governo não hesitará em chegar a medidas mais drásticas, rapidamente, em defesa de tudo que os argentinos criaram para orgulho do país. Enquanto Córdoba surge cada dia com uma novidade para entreter os turistas que se encontram na cidade, ontem foram colocados vasos de flores nas principais avenidas e ruas residenciais das suas pedreiras, as vitrines estão enfeitadas e há bandeiras em quase todas as casas - em Buenos Aires se verifica

uma aflicção de apenas 40 por cento dos 45 mil visitantes esperados, se bem que muitos estejam chegando o mais perto possível do número completo, para economizar na hospedagem. Depois dos brasileiros (18 mil), o maior contingente vem da Alemanha (7 mil).

Ingressos
Assim, a capacidade hoteleira, preparada para quase o dobro dos turistas que chegaram, pode folgar diante de uma demanda. A procura de ingressos para os jogos, porém, corresponde perfeitamente às expectativas. Não há mais entradas para a fase eliminatória nos dois estádios de Buenos Aires e, para as outras fases, restam cerca de 3 por cento dos 136 mil lugares. A porcentagem de ingressos vendidos às subdelegacias para a fase eliminatória, chegava ontem a 85 por cento. Também a distribuição das entradas aos jornalistas transformou-se num caos, com problemas de entrega, troca ou desperdício de bilhetes. As agências internacionais em excesso para receberem ingressos em excesso para algumas partidas e de menos para outras. Alguns repórteres abriram suas envelopes e não encontraram nada dentro, como os correspondentes do "London Times" e do "Sociedad". Um jornalista peruano acabou chorando, assim como várias recepcionistas, bombas durante horas por perguntas, reclamações e insultos em vários idiomas.

Argentina 78
Equipe
Buenos Aires
Juli Cesar P. Marqueta
Milton Díaz de Olivera
Roberto Torres
Fernando Zanussi
Toni Tarantini
Roberto Bonfatti
Oscar Sotomayor
Roberto Bonfatti
Roberto Bonfatti
Comandante
Comandante

Só a guerra interrompeu a maior festa do futebol

A Copa do Mundo já começou a ser disputada, em 1980, sob o signo da afirmação nacional. O Uruguai ganhou o direito de organizar o Mundial porque era o bicampeão olímpico. Ofereceu passagens e estádio pago às seleções convidadas, e prometeu construir um estádio por 100 mil pessoas, o Estádio Centenario, no centro de Montevideo, que levará esse nome para simbolizar os 100 anos da independência do Uruguai.

Quatro outros países disputaram o direito de organizar a primeira Copa Júpiter com o Uruguai: Itália, Holanda, Suécia e Espanha. Como não tiveram suas ofertas aceitas, recusaram-se a viajar. Outros países europeus também não aceitaram o convite da FIFA: Austrália, Hungria, Alemanha, Bélgica e Checoslováquia. A Inglaterra estava fora, depois de verificações, terminaram por aceitar o convite, assim como a França, pressionada por Jules Rimet. Com essas quatro equipes europeias e mais as seleções do Uruguai, Brasil, Argentina, Paraguai, México, Estados Unidos, Bolívia e Peru (estas últimas realizadas no primeiro Mundial).

O Estádio Centenario não ficou pronto para os primeiros jogos e a Copa começou com duas partidas no Estádio de Pocitos e do Parque Central. Os uruguaios queriam que a abertura do Mundial passasse no dia 13 de julho para o dia 16, data nacional, mas a FIFA não concordou. Não aconteceram certos resultados de abertura desde então. Afinal, para entrar em campo, os jogadores tinham que atravessar as arquibancadas.

Não partida final, quando o Uruguai iria decidir o título com os argentinos, houve casualidade bilheterária, política e casualmente foi decidido a mancha por espadas, mais jogos e, ao terminar o jogo, um festival de ironias dos natos ancorados no porto e dos stinos das igrejas.

Alguns anos mais tarde, a capitã da equipe francesa que foi a Montevideo, Alex Wilpshire, foi excecuto pela resistência francesa por colaborar com os nazistas.

Em 1936, o ditador Benito Mussolini já tinha 12 anos de atraso no seu desejo de realizar um festo esportivo de des-

de assarino o poder, para afirmar ainda mais a data de grande do fascismo. A seleção italiana entrou contra o time norte-americano, goleando por 7 a 1. A partida foi disputada no Estádio do Partito Fascista Italiano. O jogo final também. A equipe da Itália entrou em campo e fora a seleção fascista, de braco erguido. No fim, Mussolini em pessoa desceu ao campo para cumprimentar seus "glorificadores".

As inscrições da Copa do Mundo de 1938 o mundo estava dividido, em aborrecido pela guerra próxima. Itália e Guerra Civil na Espanha. Hitler já anegara o Acordo de Alcanha. China e Japão mal podiam contar os mortos de sua guerra e Bolívia e Paraguai diziam um acordo para finalizar a Guerra do Chaco. Apesar de ter ganho o Mundial de 34 e as Olimpíadas de 36 no futebol, no Alcanha, Mussolini ainda precisava vencer outra vez para garantir ao mundo, de uma vez por todas a escolha de seu povo, mais combates em seu território. E para isso um cenário nada amistoso para esta seleção italiana. A França estava cheia de anti-fascistas refugiados. A Copa foi aberta no dia 5 de junho, em Marselha e a torcida francesa ficou indignada quando os jogadores italianos entraram no estádio levando a seleção fascista. Tornaram o estádio de festa em Paris. Em bicampeões. O futebol não conseguiu parar Mussolini.

Mas Mussolini ajudou a parar o futebol, a Copa. Ela só foi resuscitada depois da Guerra, em 1950, no Rio de Janeiro. Um estádio foi construído especialmente para este Mundial, o Maracanã. E não estava inteiramente concluído no dia da abertura do campeonato, 24 de junho de 1950.

Com mil pessoas estavam no estádio. Foi um espetáculo inédito na história do futebol para os jornalistas e autoridades estrangeiras para as partidas. A Seleção Brasileira entrou em campo 20 minutos antes da partida e parou. Uma bandeja com 200 elementos locais a abertura do jogo "O Cruzeiro", de Carlos Gomes. Depois chegou o prefeito do Distrito Federal (Rio de Janeiro) e o presidente da República, Marechal Dutra. Quando começou a partida, a bandeja ainda tocava o Hino Nacional.

Duzentos mil pessoas perderam, pelo menos, a esperança, alguns dias mais tarde, a 18 de julho, quando o Brasil perdeu também o título, para o Uruguai. Foi uma tarde de silêncio no País. Ovelito Vargas pensou as eleições para a presidência três meses tarde.

Em 1964, a Copa do Mundo voltou a ser a presença da Alemanha. No Brasil, com um futebol estagnado, mesmo assim os brasileiros passaram sem grande esforço, apesar de terem perdido no maracão, mais uma vez em partida de abertura do Mundial, por 2 a 0. Os grandes nomes da época eram os argentinos, mas perderam para os alemães. Esta Copa foi acompanhada por cerca de 400 jornalistas brasileiros.

Em 1968 foi a vez da Copa da cortesia. O Mundial foi aberto pelo rei Chazaro Adolfo, da 13 e 39 que falou para 40 mil pessoas presentes no estádio. Roubado, enquanto 16 times finalistas se preparavam para começar o jogo em 8 diferentes cidades do México.

Em 1982 foi a vez da Copa da cortesia. O Mundial foi aberto pelo rei Chazaro Adolfo, da 13 e 39 que falou para 40 mil pessoas presentes no estádio. Roubado, enquanto 16 times finalistas se preparavam para começar o jogo em 8 diferentes cidades do México.

Antes do rei João Arthur Dreury, da Inglaterra, presidente da FIFA. Foi breve e prestou que esse seria o Mundial mais arrebatado de todos 16 realizados. Para os brasileiros terminou mesmo. Antes dos discursos, uma esquadra de artilheiros Draken tinha sobrevoado o estádio, lançando fumaça amarela e azul, as cores da bandeira suíça. E uma bandeja da base naval de Biscaccio e um grupo de bailarinos da Associação Juvvenil Suíça tinham entretido o público. Quando Adolfo tinha chegado ao estádio acompanhado da rainha Lúcia, das princesas Margarida e Brigida e do príncipe Bertil.

No dia 30 de maio de 1982 em Santiago do Chile começou o sétimo Mundial, entre dois acontecimentos de larga repercussão mundial: o voto espanhol do norte-americano Scott Carpenter, no dia 24 de maio, e o enforcamento do carrasco nazista Adolf Eichmann, em Tel-Aviv, no dia 31. Três acontecimentos de forma simples. O presidente chileno, Jorge Alessandri, chegou ao Estádio Nacional, em Santiago, da 14 horas e 15 minutos mais tarde fez um rápido discurso de abertura que foi transmitido por rádio para os outros subscritores, com uma distribuição para os estádios

através de alto-falantes. Em São Paulo, com muita publicidade, era lançado o Jordani e os cinemas da cidade estavam em quarta semana de exibição o filme "Quando Sobe o Vento", com Rick Hudson, Clint Eastwood, Sandra Dee e Bobby Darin.

A Copa da Inglaterra, em 1966, foi a de certos países-marcados. No dia 11 de julho, argentinos e ingleses entraram no estádio de Wembley lotado por 78 mil pessoas. A seleção do Uruguai tinha entrado 30 minutos antes para reconhecimento do gramado. A Rainha Elizabeth, acompanhada pelo príncipe Philip, chegou ao estádio com toda o pompa, precedida pelo seu famoso batido e de carroagem. A seguir entraram em campo seis bandas: Granada, Colômbia, Guadalupe Real, França, Guadalupe Real de Inglaterra, Guadalupe Real Escocesa e Guadalupe Real de País de Gales, enquanto grupos de 22 meninas desfiliavam representando cada um dos participantes. Antes da partida a Rainha Elizabeth desceu ao campo e cumprimentou jogadores da Inglaterra e do Uruguai.

"Arriba México!" "Arriba México!" 11 e 10 e os gritos que foram ouvidos desde as primeiras horas da manhã foram substituídos por aplausos às 16 seleções representadas por mesmos uniformes. Foram 11 minutos de festa de abertura. Estava começando a Copa do México. Nos tribunais, junto com Stanley Row e Guillermo Corbelli, mexicano, vice-presidente da FIFA, o presidente do México, Gustavo Díaz Ordaz, recebeu muitas visitas. Foi insólito ainda quando declarou o Mundial aberto. Em 1966 ele tinha dado o ordem de repressão aos estudantes da Universidade do México. E aconteceu a chacina de Tlatelolco.

Quatro anos mais tarde, no dia 13 de junho, em Frankfurt, o portão do Waldstadion abriu-se e duas mil crianças, vestidas de branco, entraram correndo em direção ao campo, antes do jogo Brasil x Inglaterra, que abriu a 10ª Copa do Mundo. Os 16 países participantes da Copa foram representados por grupos folclóricos musicais, que iam saindo de gigantesco ônibus Starliner Rus, dirigido pelo piloto das antas por João Havelange, mas dirigidas para a presidente da FIFA, declarou inaugurado o Mundial.

COPA 78

Na imagem que compõe a Figura 6, é possível observar que o jornal destaca a importância da Copa do Mundo enquanto evento. O principal produto da Federação Internacional de Futebol também foi constituído ao longo da história como um dos principais produtos do esporte em geral, não apenas do futebol. Atualmente, a Copa do Mundo compete em importância esportiva com as Olimpíadas de Verão, ao passo que os comitês olímpicos de cada país precisam seguir regras de restrições de idade dos atletas que irão disputar essa modalidade. Até a década de 1980, apenas atletas amadores poderiam disputar as Olimpíadas, e uma solução encontrada foi a utilização de atletas das de categorias de base. Acordos entre o Comitê Olímpico Internacional e a Federação Internacional de Futebol acabaram por flexibilizar essas regras, e, nas últimas três décadas, as seleções de futebol das Olimpíadas são formadas por atletas que podem ser profissionais, desde que sejam da categoria sub 23. Mais recentemente, foi permitida a inscrição de três atletas com idade superior a 23 anos. Apesar da flexibilização, a seleção brasileira de futebol, por exemplo, não utiliza, durante os Jogos Olímpicos, o mesmo uniforme que utiliza usualmente, já que, para essa disputa específica, o escudo da CBF é substituído pela Bandeira do Brasil.

A reportagem expressa na Figura 6 reforça a ideia de que a Copa do Mundo é a principal competição do futebol mundial e de que está, sem dúvida, entre os principais eventos esportivos da atualidade. O título da reportagem “Só a guerra interrompeu a maior festa do futebol” traz um breve histórico das disputas e enfatiza que, desde a década de 1930, houve a interrupção da competição somente em um período, quando aconteceu a Segunda Guerra Mundial:

As vésperas da Copa do Mundo de 1938 o mundo estava convulsionado, em sobressalto pela guerra próxima. Havia a Guerra Civil na Espanha, Hitler já anexara a Áustria à Alemanha, China e Japão mal podiam contar os mortos de sua guerra e Bolívia e Paraguai discutiam um acordo para finalizar a Guerra do Chaco. Apesar de ter fanho o Mundial de 34 e as

olimpíadas de 36 (no futebol), na Alemanha, Mussolini ainda precisava vencer outra vez para garantir ao mundo, de uma vez por todas a escolha de seu povo; mais canhões em vez de manteiga. E Paris era um cenário nada amistoso para esta seleção italiana. A França estava cheia de antifascistas refugiados. A Copa foi aberta no dia 5 de junho, em Marselha, e a torcida francesa ficou indignada quando os jogadores italianos entraram no estádio fazendo a saudação fascista. Tornaram a fazê-la depois da final em Paris. Eram bicampeões. O futebol não conseguia parar Mussolini.

Mas Mussolini ajudou a parar o futebol, a Copa, Ela só foi ressurgir depois da Guerra, em 1950, no Rio de Janeiro. Um estádio foi construído especialmente para este Mundial: o maracanã. E não estava inteiramente concluído no dia da abertura do campeonato: 24 de junho de 1950 (O ESTADO... 01/06/1978, p. 72).

A reportagem relata que a guerra motivou a paralização da disputa dos Mundiais, mas, em especial, a figura de Mussolini, que se utilizou desse esporte para fins políticos e sofreu forte rejeição, especialmente da população francesa, que não quis ver associado o futebol a imagem fascista.

A Copa do Mundo gerou muitos fatos controversos, foram decisões tomadas dentro de campo e a desconfiança da lisura da competição. Esses fatos serão aprofundados a partir do próximo subtítulo.

3.2 As controvérsias dentro de campo

Um ambiente ufanista toma conta da Argentina em junho de 1978, e ficou evidente o clima de mobilização nacional que a Copa do Mundo instaurou na Argentina, pois todo o investimento feito pelo governo –aliado ao esforço para abafar os opositores – tornou a Copa do Mundo de 1978 uma grande festa para a nação argentina. Magalhães (2012) considera que após cada partida da Argentina as ruas eram tomadas pela população, que empunhavam bandeiras e símbolos que remetiam ao selecionado local. Tanto o regime quanto

os meios de comunicação buscavam exaltar e publicizar a euforia da população, buscando associar não apenas ao âmbito esportivo, mas a situação que o país vivia. Na retórica comumente repetida pelo discurso oficial, constavam o envolvimento popular e a oportunidade de mostrar ao mundo uma imagem positiva de uma “Nova Argentina”.

Assim, mais do que a vitória da seleção nacional, a principal arma nas mãos da ditadura era a realização e organização do próprio evento. Era a oportunidade de melhorar a imagem da ditadura, tanto interna – em 1978 a “guerra contra a subversão de esquerda”, a principal justificativa para o golpe, considerada vencida pelo regime – como externamente, em meio a denúncias de violação de direitos humanos tanto por exilados como por organizações internacionais. Para o Processo, o êxito futebolístico ultrapassava o limite esportivo, e o objetivo era que os próprios líderes ficassem associados à vitória. Para isso, mesmo sem uma política oficial e sistematizada de propaganda, o governo realizou diversas campanhas, cujo objetivo era construir a participação da população no projeto civil-militar do novo país e instaurar a ideia de guerra e luta contra a “subversão”, seja ela interna ou externa. Uma das ações oficiais de propaganda política foi a contratação da agência de relações públicas Burson & Marsteller. Foram feitas diversas publicidades internacionais do país, convidados jornalistas e personalidades estrangeiras viajaram à Argentina, além de serem realizadas atividades culturais em importantes cidades europeias (MAGALHÃES, 2012, p. 5).

A apropriação do esporte pelo regime na Argentina foi uma estratégia que havia começado anos anteriores. Magalhães (2013) enfatiza que houve diversas campanhas cujo objetivo era mobilizar a população para o evento, ao passo que construía-se um projeto de discurso contra a “subversão”. Alguns exemplos são citados pela própria autora, como o Mascote Gauchito, batizado de Pampita, que foi tratado pela organização da competição como um herói nacional. Ou ainda o slogan oficial do evento: “25 millones de argentinos jugaremos el Mundial”.

O dia 2 de junho marca o dia da estreia da Argentina na competição, e o Jornal *Clarín* divide sua edição em dois grandes

assuntos esportivos, o primeiro é a expectativa sobre a estreia, e o segundo é a festa da noite anterior, adjetivada pelo periódico como “magnífica”. A decepção de não haver gols na partida inaugural entre Alemanha X Polônia, ficou em segundo plano, e a mensagem positiva fica por conta da bela “festa” organizada pelos argentinos, e pela estreia do selecionado local, que se apresentara para os olhos do mundo inteiro, a matéria jornalística classifica a festa como um “exemplo de civilidade” e de muito respeito. Reportagens traziam relatos de argentinos que estavam acompanhando a festa de abertura e se mostravam impressionados com a organização do evento.

Acaso, ayer, millares de argentinos nos hayamos sorprendido, em principio, por la destacable organización. “Vivo a quince minutos de aqui, pero igual Salí como dos horas antes, por las dudas”, contaba un señor de edad mayor a la intermedia, com canas, resfriado y lleno de pulôveres, um argentino típico, es decir, muy acostumbrado a los designios de la improvisación, de la inseguridad, antiguos acompañantes. El vejo, em la tribuna, demonstraba su asombro, como tantos, por algunos aspectos que más bien deberían ser elementales, pero que representa, para nosotros, casi un triunfo. Correcta atención y cordialidade em los controles, y, acaso lo más em la tribuna, certa calidez y espíritu de convivência que, eso si es un triunfo de verdad (CLARÍN, 02/06/1978, p. 12).

O Estado de São Paulo também destaca o clima pacífico da abertura do evento, enfatizou a baixa qualidade do futebol apresentado e destacou que houve vaias durante a partida da noite anterior em função da baixa qualidade técnica apresentada pelas seleções da Alemanha Ocidental e da Polônia. Na capa do jornal, há uma referência ao clima pacífico da abertura da competição, sem incidentes, e uma referência ao discurso de general Videla.

A Copa do Mundo teve ontem um início tranquilo, em Buenos Aires, porém com um futebol decepcionante no empate entre Alemanha Ocidental e Polônia. Prevaleceu a tradição da falta de gols nas partidas inaugurais, já que as três copas anteriores também começaram com 0 a 0. Desta vez, ficou o pessimismo

quanto às perspectivas do campeonato, principalmente pela má atuação dos alemães, campeões de 74. O público, que lotou o estádio do River Plate, vaiou os jogadores durante o maior tempo da partida. Na cerimônia da abertura da Copa, o presidente da Argentina, general Jorge Videla, afirmou esperar que “este Mundial contribua para a paz”. Não houve incidentes nem manifestações políticas no estádio durante a cerimônia e o jogo, mas em outros países continuam surgindo protestos contra a realização da Copa na Argentina... (O ESTADO... 02/06/1978, capa).

O Paraguai, parceiro do Brasil em Itaipu, não disputou a Copa do Mundo de 1978. E segundo o jornal *O Estado de São Paulo*, os paraguaios estariam direcionando sua torcida para a seleção brasileira. Uma estrutura foi montada nas obras de Itaipu para que os operários pudessem acompanhar os jogos, não haveria possibilidade de assistir ao vivo, entretanto, videotapes das partidas eram apresentados para que os operários acompanhassem o evento sem prejudicar o andamento da obra.

Dentro da obra, os paraguaios vão torcer pelo Brasil. Mas todos eles – os 25 mil operários de Itaipu – vão viver, nesta Copa do Mundo – inclusive aos sábados e domingo – uma espécie de emoção retardada: ao invés de assistir aos jogos ao vivo, irão vê-los em vício-tape, geralmente a partir das 20 horas. É porque é impossível paralisar as obras nesta fase de preparativos para o desvio do rio Paraná, em outubro ou novembro, ao menos algumas horas por dia, para que os operários possam acompanhar a Copa, o interesse geral pelo campeonato mundial obrigou a Binacional de Itaipu a providenciar um complexo sistema de “VT”, com uma pequena estação ligada, por cabo, a 40 televisores a coroa, de 26 polegadas, distribuídos nos refeitórios, alojamento e em vários outros pontos estratégicos do canteiros de obras (...) De qualquer forma, Itaipu está fazendo com que os paraguaios torçam pelo Brasil desta vez... (O ESTADO... 02/06/1978, p. 18).

Esse 2 de junho ficaria marcado tanto em razão de que foi a data da primeira partida da Argentina na competição quanto pelo fato de que a data marcou a primeira polêmica daquela Copa, visto que a arbitragem teria expulsado atletas do selecionado húngaro, ação

considerada um facilitador para a construção da vitória dos representantes locais. “Logo vieram os grandes jogos e as primeiras polêmicas. Na estreia da Argentina, vitória contra a Hungria com dois jogadores do time do leste europeu expulsos”, avalia Dias (2015).

A estreia dos donos da casa aconteceu diante da Hungria, que saiu vencendo pelo placar de 1 a 0, mas acabou sofrendo a virada. A partida foi noticiada pelo jornal *O Estado de São Paulo* como bastante tensa. A Hungria teve dois atletas expulsos durante o jogo, mas o jornal *O Estado de São Paulo*, ao noticiar esse fato, se limitou a reproduzir a fala da comissão técnica húngara, não fazendo uma análise mais profunda dos lances que resultaram nas expulsões. O técnico Lajos Barótti “não quis comentar a situação do juiz, alegando que esse é um problema que não é de sua responsabilidade” (O ESTADO... 02/06/1978, p. 21). A reportagem enfatiza a informação de que os atletas argentinos entraram em campo com a pressão de conquistar a vitória, e que em alguns momentos os aspectos técnicos foram superados pelos aspectos físicos, e principalmente com uma estratégia de atuar no limite emocional 100% do jogo.

A torcida não admitia uma derrota, pois há quase 50 anos a Argentina jamais estivera tão perto do título mundial (...) Com a responsabilidade de vencer em casa, e vencer a qualquer custo – afinal por trás dessa Copa já outras implicações – os rapazes comandados por Menotti entrara com muita vontade, com uma disposição desordenada, desesperada. Talvez por isso tenha ficado claro, ontem, no estádio do River Plate, que Cesar Menotti não conseguiu pôr em prática o tão anunciado “padrão europeu” de futebol (O ESTADO... 02/06/1978, p. 21).

O dia 3 de junho é o dia da estreia do Brasil, porém, o assunto principal do *Clarín* é a vitória da Argentina sobre a Hungria pelo placar de 2 a 1. O jornal classifica como “boa” a apresentação da noite anterior, e destaca a grande festa que tomou conta das ruas de Buenos Aires. A reportagem principal é feita em diversas páginas, sendo que

a maior parte é dedicada a imagens alternadas das festas com imagens da partida. o título diz: “El tango superó a las briosas czardas” (*CLARÍN*, 03/06/1978, p. 8-9), e descrevia como havia sido construída a vitória em campo. Na sequência, na página 13, o jornal dedica um espaço para falar especificamente da festa que aconteceu nas ruas de Buenos Aires. A reportagem traz o relato do grupo de repórteres do jornal: Luis Vinker, Pedro Uzquiza, Hugo Rey, Guillermo Gasparini e Francisco Lopez, que, ao sair do estádio, não conseguiam retornar para a redação e dar continuidade ao trabalho, já que a festa interrompeu as ruas de Buenos Aires.

Como sucede em estos casos habiamos previsto que, a la salida del estadio, el tránsito se haría dificultoso. Por eso nos apuramos, pero fue inútil, porque estalló la alegría y ya, en avenida Cabildo, se palpava el clima, Bandejas en los balcones de los edificios, caravanas de coches que hacían atronar sus bocinas, la gente congregada en las veredas saludando. Los que habían estado en River y los que se habían “conformado” con la televisión. Por eso nuestro retraso en llegar a la redacción fue una demora alegre, una demora de las que siempre quisiéramos tener. Retenidos en un camino salpicado de entusiasmo y colorido que se prolongó hasta el Obelisco (*CLARÍN*... 03/06/1978, p. 13).

O jornal toma a linha editorial de explorar de forma expressiva aspectos visuais da noite anterior, muito mais do que propriamente a construção do texto. Talvez pela demora na redação do *Clarín*, ou por opção editorial, nas páginas destinadas a falar da vitória da Argentina na noite anterior – tanto quando se apresenta a festa ou quando se fala da partida em si – utiliza-se o recurso fotográfico com bastante frequência. O gol da vitória da Argentina, marcado por Daniel Bertoni aos 83 minutos de partida não é descrito com um texto, mas sim com imagens. As páginas 14 e 15 do jornal trazem o título “El gol del triunfo llevo com um adorno de lujo”. E as duas páginas são ilustradas por seis fotos que mostram a sequência da jogada até a conclusão e o gol.

Esse dia marca a primeira vez que o Brasil recebe um grande destaque no âmbito esportivo nas páginas do *Clarín*, porém, o espaço

reservado restringe-se ao mesmo destinado ao seu adversário naquela noite, a Suécia. A matéria não coloca o Brasil como favorito, e questiona o quanto o Brasil poderia produzir na competição.

O Estado de São Paulo segue a mesma linha em relação à Argentina, e traz pouco destaque da estreia dos donos da casa nessa edição, destinando-lhes o mesmo espaço que é cedido a outros competidores. Sobre a estreia do Brasil, o jornal novamente não coloca a seleção como favorita ao título, mas ressalta uma entrevista com membros da comissão técnica do Brasil enfatizando que o selecionado poderia iniciar a competição com um resultado positivo. Entretanto, em uma entrevista com Pelé, o jornal apresenta a opinião do atleta discordando da escalação que estava sendo feita. *O Estado de São Paulo* dá visibilidade ao clima de pressão que o técnico Claudio Coutinho vinha sofrendo no período anterior à competição e deposita sobre ele a responsabilidade de a seleção conquistar, ou não, o título.

O empate contra a Suécia é um mau resultado. Para o Brasil, o empate nunca é um bom resultado. Por isso, precisamos vencer e o time está preparado para isso. Um ano, três meses e oito dias depois de ter assumido a direção técnica da Seleção, Claudio Coutinho joga todo o seu futuro nesta Copa: o título será a sua primeira conquista como técnico de futebol e a sua consagração, talvez pensando nisso, é que no encontro com os jornalistas, ontem pela manhã, na Villa Marista, o técnico prometeu um esquema ofensivo, confirmou o time, mas não quis definir o banco de reservas (O ESTADO... 03/06/1978, p. 42).

No dia 4 de junho, acontece a primeira grande polêmica envolvendo a seleção brasileira. A partida terminou empatada em 1 a 1, entretanto, um fato singular marcou aquela partida envolvendo uma decisão do árbitro galês Clive Thomaz. A situação incomum é analisada por Dias (2015): “O árbitro deu um escanteio a favor do Brasil no último minuto da partida. Quando o jogador brasileiro cruzou a bola, o árbitro marcou o final do jogo, poucos segundos antes do gol de Zico que dava a vitória ao Brasil. O juiz teve que anular, e mais polêmica”.

Entretanto, as notícias do jornal *O Estado de São Paulo* procuram minimizar o erro da arbitragem e adotam uma postura de criticar a atuação brasileira, não responsabilizando o time diretamente pelo resultado. O lance recebe destaque em uma legenda da foto que ilustra a matéria: “Nelinho demorou para cobrar o escanteio e quando a bola chegou a Zico, e daí para as redes, o jogo tinha terminado, para desespero dos atletas brasileiros” (O ESTADO... 04/06/1978, p. 52). Tuca Pereira de Queiroz, em crônica, escreve: “Faltou vontade, sobrou vergonha”. Porém, o que mais chama a atenção na cobertura do jornal é que inicialmente o periódico trata como uma atitude acertada. Somente nos dias seguintes é que as críticas seriam mais contundentes, publicando, inclusive – como veremos mais adiante –, uma nota de protesto da CBD em relação a esse fato. Entretanto, no dia seguinte à partida, o jornal traz uma entrevista intitulada “Atuação de Clive Thomaz é elogiada”, com o ex-presidente da Comissão Brasileira de Arbitragem, o coronel Aulio Nazareno.

Não houve gol anulado. O juiz terminou a partida quando a bola ainda estava no ar, depois da cobrança do escanteio por Nelinho. E ele agiu dentro da lei (...) E assim como Áulio Nazareno, também dois árbitros brasileiros que assistiram a partida em Mar Del Plata, Dulcídio Vanderley Boschilla e Emidio Marques Mesquita consideraram a decisão do Juiz justa e legal. A única restrição a arbitragem foi feita por Áulio ao bandeirinha polonês, Alojzy Jarguz no lance com Nelinho. Para ele, Jarguz não deveria de forma alguma ter tocado na bola para coloca-la no lugar que lhe parecia certo. Se a bola não estava correta, ele deveria levantar a bandeira chamando a atenção do árbitro que impugnaria a cobrança, mas nunca apanhá-la com as mãos e coloca-la em outra posição (O ESTADO... 04/06/1978, p. 52).

Os próprios atletas do Brasil acabaram sendo responsabilizados pelo lance. A reportagem segue analisando que a confusão havia sido causada por Nelinho, que colocou a bola fora da posição, e o bandeirinha colocou na posição correta, mas Nelinho insistiu em mexer a posição da bola mais uma vez, e isso teria causado uma perda de tempo desnecessária. Já na contracapa, as críticas são direcionadas

ao atleta Zico, trazendo no título a expressão “A Imagem da omissão em campo”.

No dia seguinte ao jogo, o *Clarín* analisa o lance com destaque, classificando como um lance pitoresco do futebol, e comete um erro ao noticiar que a finalização é do atleta Oscar. Entretanto, o jornal também responsabiliza Nelinho pela confusão e pela não marcação do gol.

Si a usted no le parece mal, vamos a comenzar por el final. Por el último minuto de juego. Mejor dicho: por los veintitrés segundo finales. Un defensor sueco envió la pelota al córner y Nelinho rumbeó a tirarlo desde la esquina derecha del campo. El linesman de esse costado se le adelantó para colcoar el balón sobre el pequeno semicírculo. Nelinho, no muy conforme com la medida de juez de linea, volvió a correria um par de centímetros. Hubo um brevíssimo dialogo entre el fubolista y el linesman. Cuando partió el tiro de esquina, com la pelota todavia em el aire, empezó a escucharse el pitazo final del árbitro. Em esse preciso instante, Oscar le metió um feroz cabezazo y la mandó a la red. La locura brasileña se transformo rapidamente em decepción: Lo que parecia gol de victoria no valia para el galés Thomaz. Muy sencilio. Se habia concretado fuera del timepo reglamentario. El capricho de Nelinho – como se ve – le costó muy caro a su equipo (CLARÍN, 04/06/1978, p. 15).

Entretanto, o periódico não poupou críticas ao Brasil e apontou os erros táticos e a baixa produtividade do ataque brasileiro. Mesmo Pelé, em sua coluna de opinião, também não poupou críticas, enfatizando as más atuações dos atletas. O título da sua coluna nesse dia foi “Actuación que me decepcionó”. O cronista esportivo Juan C. Lorenzo escreveu “Equivocación táctica” no título de sua coluna. Entretanto, na matéria principal desse jogo, que ocupou duas páginas do jornal, novamente com um grande destaque para as imagens, o jornal estampou: “Brasil careció de ofensiva”.

La decadência de los talentos brasileños, a esta altura, no puede ser sorpresa para nadie. Tapado Rivelino, el equipo perdió el rumbo y tiro centros. Los prácticos suecos – um conjunto compacto – supieron como frenarlos y, además, atacaron con fuerza. El empate no puede discutirse. Y crece la chance sueca (CLARÍN. 04/06/1978, p. 14).

O Estado de São Paulo apresentou a Copa do Mundo como foco principal dessa edição, e a má impressão deixada pelo selecionado brasileiro. A capa d' *O Estado de São Paulo* de 04/06/1978 traz o título: “Brasil só empata e deixa má impressão na estreia”. O jornal apresenta um texto com duras críticas à partida do dia anterior:

Com um futebol fraco, desinteressado e sem criatividade, o Brasil empatou por 1 gol com a Suécia, na sua estréia na Copa do Mundo, ontem à tarde, em Mar del Plata. (...) Após o jogo, Coutinho reconheceu falhas individuais e coletivas na equipe e, embora ressavando que “não haverá grandes mudanças”, na partida contra a Espanha, quarta-feira, admitiu que alterará a escalação (O ESTADO... 04/06/1978, capa).

Há outro assunto, contudo, que nos chama a atenção nessa edição. Trata-se da denúncia da imprensa alemã relacionada à violência praticada por agentes de segurança do país portenho. Contrastando com o ambiente festivo noticiado naqueles dias pelo *Clarín*, a imprensa alemã denunciava o assassinato de pessoas nas ruas de Buenos Aires.

Enquanto fotógrafos da DPA (Agência Alemã de Notícias) denunciavam, ontem, em Buenos Aires, que forças de segurança da Argentina atiravam “e possivelmente mataram um homem que comemorava nas ruas da capital a vitória da Argentina sobre a Hungria”, o diário conservador *La Nación* noticiava que o governo argentino, bastante aborrecido com comentários de dois repórteres da TV Alemã – que falaram sobre “supostos campos de concentração, tortura e outras violações aos direitos humanos” – havia considerado a possibilidade de expulsá-los do país. Mas, depois, desistiu porque os “jornalistas estavam justamente querendo provocar sua expulsão” (O ESTADO... 04/06/1978, p. 58).

A informação apresentada pela delegação da imprensa alemã não pode ser considerada um caso isolado durante a Copa do Mundo. Mesmo com um ambiente festivo internamente, era possível perceber que um clima de tensão estava presente na Argentina. Muitas vezes, atos de violência eram registrados, onde era estabelecida uma relação direta com os opositores de Videla. No dia 20/06/1979, o jornal *O Estado de São Paulo* relatou duas ocorrências. A primeira trata-se de um atentado à bomba realizada em uma estação de trem e outra uma mensagem recebida pela delegação holandesa, atribuída ao grupo Montoneros¹²:

Uma bomba explodiu ontem numa das dependência da estação da Estrada de Ferro de Serniento, uma cidade a Oeste de Buenos Aires, causando alguns danos materiais, sem contudo, causar ferimentos a pessoas. Os serviços ferroviários não foram aferrados, segundo a polícia. Até o final da noite de ontem nenhum grupo terrorista havia reivindicado a autoria do atentado. A seleção da Holanda recebeu, anteontem, uma mensagem dos montoneros, prometendo divulga-la logo após o jogo com a Alemanha. Até ontem, porém, o conteúdo da mensagem não foi divulgado pelos holandeses. Sabe-se apenas que a mensagem não contém ameaça, tendo apenas o objetivo de divulgar os propósitos dos montoneros (O ESTADO... 20/06/1978, p. 24).

Como é possível observar, a Argentina vivia um ambiente interno bastante tenso internamente, e buscava na realização da Copa do Mundo uma maneira de “vender” a imagem de um novo país. Apesar do investimento financeiro e do esforço para obter o ganho político com a realização do Mundial, em alguns momentos, principalmente no âmbito da política exterior, tal objetivo não foi alcançado. Um fato que pode exemplificar essa ideia é o de que Videla convidou presidentes de países vizinhos para assistir à decisão da Copa do Mundo, que

¹² Organização Político/Militar da Argentina. Tem suas origens na década de 1960, e foi perseguida pelo regime militar de Jorge Videla, tendo hoje muitos de seus ex-integrantes nas listas de desaparecidos durante a ditadura argentina.

aconteceria no dia 25 de junho. Cinco dias antes da partida final, ainda sem ter a definição de quais países estariam nesse jogo, alguns presidentes de países da América do Sul recusaram o convite de comparecer à partida. Essa postura foi adotada pelo jornal *O Estado de São Paulo*:

Nas finais do Campeonato Mundial, de futebol, estarão na Argentina os presidente do Uruguai, Aparício Mendez, da Bolívia, Hugo Banzer e o Paraguai, Alfredo Strossner. O governo argentino, segundo fontes diplomáticas, enviou convite especial aos chefes de Estados dos países vizinhos para que viessem à partida final do Mundial no próximo domingo. O presidente chileno, general Augusto Pinochet, não aceitou o convite por motivos políticos: as relações entre o seu país e a Argentina atravessam um momento difícil por causas das divergências fronteiriças na região austral do continente. Além do general Pinochet, o outro presidente de país vizinho que não teria aceito o convite especial do governo argentino foi a general Ernesto Geisel. Os observadores diplomáticos em Buenos Aires são unânimes em afirmar que o presidente brasileiro, assim como o chefe de Estado chileno, não virá à Argentina por causa das divergências entre Brasília e Buenos Aires quanto ao aproveitamento do potencial hidrelétrico do Rio Paraná (O ESTADO... 20/06/1978, p. 24).

Em uma coluna assinada, Fernando Pedreira faz uma analogia das indecisões políticas na Arena e a situação atual do futebol brasileiro, o título da crônica é “Um papelão”. O jornalista se utiliza do humor para fazer críticas diretas ao governo do general Geisel, que, segundo ele, assim como a seleção brasileira, teve méritos em tempos passados, mas entrava em um momento em que estava “mal escalado” para definir seus rumos. O jornalista explica que a partir de março de 1979 o Brasil poderia passar a ser governado por pessoas pouco adequadas para o cargo e responsabiliza tanto Geisel quanto a oposição por inoperância política, o que poderia trazer prejuízos ao país. Da mesma forma, critica Coutinho, técnico brasileiro, por decisões mal tomadas e que poderiam trazer prejuízos no âmbito esportivo ao país.

Qual seria a melhor formação possível para a “Seleção” que vai governar o País nos próximos anos? Pois a verdade é que, além de estarmos disputando a Copa do Mundo, devemos escolher, agora, um novo presidente da República, quase duas dúzias de novos governadores e mais umas tantas novas normas constitucionais, destinados a governar as nossas vidas no futuro previsível. Não é pouco (...)

A esta altura dos acontecimentos ainda não se pode saber com certeza que papel vai fazer a seleção do capitão Coutinho na Argentina. Mas não há dúvida de que a oposição do deputado Ulysses e do senador Magalhães, no nosso futebol político, está correndo o risco de fazer um papelão. Se esses homens não forem capazes de engolir ambições (embora respeitáveis) e rivalidades, para se unirem em torno de candidatos decentes à Presidência da República e à governança ao menos de Estados como São Paulo Minas, Rio grande do Sul e Rio de Janeiro, então... viva o general Figueiredo (O ESTADO... 04/06/1978, p. 2).

Vale destacar uma especificidade no trecho acima citado, que aponta para o fato de que o panorama de indefinições, tanto na seleção brasileira quanto na política do país, fez com que Fernando Pedreira fizesse uma leitura bastante consciente dos rumos que o Brasil estava seguindo. Isso se comprova pelo fato de que no ano seguinte quem assumiria o cargo de presidente do Brasil seria o general Figueiredo, conforme a análise feita pelo colunista do *O Estado de São Paulo*.

A pauta sobre a arbitragem do primeiro jogo do Brasil, diante da Suécia, que terminou empatado em 1 a 1, voltou a ganhar importância no dia 6 de junho. Mas, dessa vez, diferentemente do que havia acontecido na edição anterior do *O Estado de São Paulo*, quando buscou-se minimizar a decisão do árbitro em não validar o gol de Zico, acontecido após um escanteio no último lance do jogo, é publicada uma crítica contundente à atuação do árbitro galês Clive Thomaz. A fonte das críticas é a entidade máxima do futebol brasileiro, a Confederação Brasileira de Desporto, que oficializou um protesto junto à FIFA em relação a algumas decisões tomadas nessa partida. O jornal reproduziu na íntegra a nota de protesto:

A Confederação Brasileira de Desporto, na qualidade de ser um participante finalista à Copa do Mundo de 1978, deseja submeter à alta arbitragem da FIFA os fatos aqui relatados do jogo Suécia e Brasil, que teve lugar no estádio Mar del Plata, em 3 de junho de 1978. Item um – Durante o primeiro tempo do referido jogo, o jogador brasileiro de número três – Oscar – foi chamado a atenção, várias vezes pelo árbitro Clive Thomaz, o que não acontecia com outros jogadores quando a atitude do referido jogador era normal, por sua participação nas disputas de bola. Item dois – durante o primeiro tempo de jogo o árbitro Clive Thomaz, quando confirmava o gol feito pela seleção da Suécia, foi andando para o banco de reservas do time sueco e levantou o dedo polegar num sinal de positivo, demonstrando seu regozijo pelo gol, o que é uma irregularidade, e permitindo que os jogadores suecos comemorassem o gol fora do campo, o que também é irregular. Item três – Terminado o jogo, quase no fim do primeiro tempo, o árbitro Clive Thomaz colocou uma das mãos sobre a cabeça, mostrando uma espécie de desprezo quando o time sueco ia fazendo um gol contra. Item quatro – nos últimos momentos do jogo, quando um tiro de canto foi marcado em favor do Brasil, o árbitro Clive Thomaz anulou um gol marcado em favor do Brasil, pelo jogador número oito o Arthur Coimbra (Zico) – distorcendo as leis do jogo, como se fosse possível, num milésimo de segundo determinar que o jogo houvesse finalizado no exato momento de a bola entrar no gol. Consequentemente, e por estas razões, analisadas a respeito da performance do árbitro Clive Thomaz, não podíamos deixar de apontar a clara parcialidade desse árbitro, razões pelas quais a CBD não pode se omitir a este respeito. Assim, a delegação brasileira não pode silenciar sobre as diversas irregularidades aqui reportadas. E não poderia ser coerente com o resultado, que pode modificar o final da competição durante a disputa da classificação da Copa de 78. A CBD apresenta esses fatos para que eles não se repitam na Copa do Mundo contra o Brasil, ou qualquer outro país membro da FIFA, para que engrandeça este magnífico evento do futebol mundial” (ESTADO de... 06/06/1978, p. 24).

A pauta sobre a atuação da arbitragem não chegou a ganhar maior proporção nos dias seguintes, afinal, a pressão sobre o Brasil tomou uma proporção muito grande, já que no dia 7 de junho o Brasil entraria novamente em campo, dessa vez para enfrentar a Espanha. E as atenções se voltaram para as possibilidades que os brasileiros teriam nesse jogo, que seria decisivo para as pretensões do Brasil de classificar para a segunda fase. Nesse dia, *O Estado de São Paulo* publicou diversas reportagens sobre a partida do dia seguinte, entretanto, as informações geravam um clima de incerteza. Títulos

como “Médicos vão definir time contra a Espanha”, “O velho marujo não esperava sofrer tanto” e “País para: jogo é decisivo” deixavam o leitor em um clima de incerteza.

Diante da Espanha, o Brasil novamente empata. E o jornal *Clarín*, que noticiava constantemente o fraco desempenho do Brasil, sobe o tom das críticas e passa a adotar um discurso de “quase deboche”. Um exemplo dessa abordagem pode ser visto no dia 9 de junho, quando o técnico da Argentina César Menotti avalia negativamente o desempenho do Brasil e o conteúdo ganha espaço em uma reportagem de duas páginas. O jornal produz uma matéria que traz a informação de que os protestos de brasileiros podem desencadear uma crise na seleção. A reportagem traz o título irônico: “Brasil recurrio a la macumba”, fazendo uma referência estereotipada das teias de representações brasileiras:

Mar Del Plata fue testigo de una deslumbrante macumba protagonizada por algo más de mil brasileños. Lentamente, com un muñeco que representava al técnico Claudio Coutinho, recorrieron las calles y lo incendiaron. El rito significaba el pedido de renuncia del responsable de la selección. El clima brasileño es de absoluto nerviosismo. Y em qualquer momento puede desembocar em uma crisis (*Clarín*, 9/06/1978, p. 8).

O jornal *O Estado de São Paulo* também noticiou os protestos de torcedores em relação ao técnico Coutinho. O jornal descreveu que aproximadamente 200 torcedores realizaram um “enterro simbólico” do treinador em Mar del Plata, destacando que o empate deixou o treinador sob forte pressão. O jornal noticiou ainda que a demissão do técnico chegou a ser cogitada, mas dirigentes da CBD desmentiram a informação. Sobre os protestos, o jornal informou:

Mas em Mar del Plata, onde à noite mais de 200 torcedores brasileiros participaram de um enterro simbólico de Coutinho, comentava-se que não será surpresa se houver até uma mudança de técnico diante da Áustria. Rubens Minelli disse que “em

futebol” não existe pronto-socorro e não aceitará um convite para orientar a equipe domingo. No Brasil, houve desilusão e crítica a Coutinho e aos jogadores (O ESTADO..., 08/06/1978, capa).

Durante a primeira fase, que encerrou no dia 11 de junho. Tanto o Brasil quanto a Argentina haviam realizado três jogos, com campanhas idênticas em número de pontos, visto que nesse período eram contabilizados 1 ponto pelo empate e 2 pontos pela vitória. Pertinente ressaltar, sobre isso, que somente depois de 1994, por determinação da FIFA, é que as vitórias passaram a valer três pontos. Os jogos do selecionado local foram: 02/06/1978 = Argentina 2 X 1 Hungria; 06/06/1978 = Argentina 2 X 1 França; e 10/06/1978 = Itália 1 X 0 Argentina. Com uma campanha de 4 pontos em três jogos, sua classificação para a fase semifinal foi pela conquista da segunda colocação no Grupo 1.

O selecionado Canarinho teve os seguintes jogos na primeira fase: 03/06/1978 = Suécia 1 X 1 Brasil; 07/06/1978 = Brasil 0 X 0 Espanha; e 11/06/1978 = Brasil 1 X 0 Áustria. Com isso, os brasileiros se classificaram na segunda colocação do Grupo 3, com uma campanha de 4 pontos em três jogos.

Paradoxalmente, Brasil e Argentina encerraram a primeira fase com o mesmo número de pontos, apesar do selecionado local estar envolto em uma atmosfera ufanista, enquanto os brasileiros vivem um clima de descrédito. Na segunda fase, novamente as duas seleções tiveram campanhas semelhantes. Na primeira rodada, dia 14/06/1978, os resultados foram Argentina 2 X 0 Polônia e Brasil 3 X 0 Peru. Na segunda rodada, que aconteceu em 18/06/1978 os resultados foram Polônia 1 X 0 Peru e Brasil 0 X 0 Argentina.

No caso do jornal *Clarín*, mesmo em situações de derrota do selecionado argentino, não houve críticas contundentes, tal como o que ocorreu em relação à imprensa brasileira diante de maus resultados. Um exemplo foi a derrota da Argentina diante da Itália pelo placar de 1 a 0, em jogo que aconteceu no dia 10 de junho. A edição

do dia seguinte do jornal *Clarín* trouxe na capa a informação sobre os confrontos da fase semifinal, deixando como informação secundária a derrota da noite anterior. Uma cartola sobre o título da matéria trazia a informação: “Los italianos ganaron 1 a 0”. E a manchete, em letras garrafais, anunciava “Argentina dabutara com Polonia em la semifinal”. A capa foi ilustrada com o lance do gol italiano na noite anterior, e a legenda destaca a boa jogada no lance que resultou no gol: “Uma perfecta manobra”. Nas páginas internas, o jornal também minimiza a derrota. Na capa do suplemento “Mundial”, uma foto que cobre toda a página mostra os atletas da Argentina deixando o gramado cabisbaixos, mas com o título destaca: “Derrota que no es tragedia”.

O Estado de São Paulo noticiou essa derrota enfatizando a decepção da torcida, que fez uma bela festa durante a partida, mas não pôde comemorar a vitória. Entretanto, nesse dia, o jornal trouxe a denúncia de que haveria um acordo entre as comissões técnicas da Itália e da Argentina para que, caso as duas equipes chegassem classificadas na última partida, a partida tivesse um caráter “amistoso”, com a utilização de atletas reservas. O acordo foi chamado de “Tratado de Paris”, porém, o jornal informa que esse pacto não teve êxito por decisão dos atletas italianos, que não aceitaram facilitar a partida para a Argentina. O acordo entre os técnicos Menotti e Bearzot aconteceu no restaurante Montparnasse, em abril de 1978, depois da partida amistosa entre França e Brasil, que foi acompanhada pelos dois treinadores.

Menotti e Bearzot foram assistir a partida, e resolveram fazer uma espécie de pacto de não agressão, na primeira fase da Copa. O acordo – segundo jornalistas italianos que estão em Buenos Aires – só não funcionou devido, tanto à pressão dos jogadores sobre Bearzot, quando às grandes manifestações populares na Itália – surpresa diante das boas atuações de sua equipe. (...) Franco Carrero¹³ admitiu que Enzo Bearzot planejou colocar os reservar em campo, facilitando a classificação da Argentina em primeiro lugar no grupo, garantindo

¹³ Empresário esportivo, presidente da Federação Italiana de Futebol em 1978.

assim a sua permanência em Buenos Aires – enquanto a Itália viajaria para Rosário, na segunda etapa da Copa (O ESTADO..., 11/06/1978, p. 44).

A matéria traz a informação dita por Carroro de que a ideia de entrar em campo com a equipe titular foi uma “repentina mudança de panorama”, já que os italianos não esperavam uma campanha que empolgasse os torcedores. A reportagem d’*O Estado de São Paulo* ainda traz a informação de que a euforia na Itália era tamanha que em apenas uma semana os comerciantes haviam vendido aproximadamente um milhão de aparelhos de televisão, e que a população se reunia em frente aos aparelhos e torcia como se estivesse no estádio.

Esse fato, se analisado de forma isolada, não teve influência direta no resultado final da Copa do Mundo de 1978, entretanto, ele reforça a construção de um imaginário popular de que essa competição teve acertos fora de campo para beneficiar o selecionado local.

No dia anterior à última rodada da semifinal, tanto o *Clarín* quanto o *O Estado de São Paulo* trazem a informação de que nos bastidores da Copa do Mundo havia o pleito do Brasil de alterar o horário dos jogos para que todos acontecessem simultaneamente, já que a partida entre Brasil e Polônia aconteceria durante a tarde do dia 21, enquanto a Argentina entraria em campo somente à noite, já sabendo do resultado que precisaria para conquistar a sua vaga na decisão. “A FIFA não atendeu ao pedido do Brasil, que terá que enfrentar a Polônia às 16h45 mesmo, em Mendoza, enquanto Argentina e Peru jogarão às 19h15 amanhã em Rosário”, anunciou *O Estado de São Paulo* de 20/06/1978 em sua capa. No mesmo dia, o *Clarín* também destaca, em sua capa, a chamada: “La FIFA no acordará câmbios de horários. Brasil quiere jugar simultaneamente com Argentina”.

Marczal (2016) destaca que apesar de trazer um benefício grande para a Argentina, o fato de os jogos acontecerem em horários

diferentes beneficiou especialmente os interesses de transmissão televisiva, visto que a tabela dos jogos seguem, entre outros interesses, o da audiência televisiva.

A diferença de horário, tão criticada pelos brasileiros, se dava em virtude de um acordo previamente estabelecido ainda no processo de organização do evento e na montagem da grade de transmissão televisiva. Uma decisão político-econômica de bastidores própria das instituições responsáveis pela gestão do futebol. Com a anuência do Comitê Organizador da Fifa, definiu-se que, à exceção de uma eventual final, os donos da casa teriam seus jogos sempre às 19h15. Apesar dos protestos da CBD, o cronograma foi mantido e os brasileiros enfrentariam os poloneses mais de duas horas antes, às 16h45 (MARCZAL, 2016, p. 416).

O governo da Argentina e a direção da FIFA, que, na época, era presidida pelo brasileiro João Havelange, mantinham uma relação muito próxima. A estreita relação iniciou antes mesmo de começar a Copa do Mundo, Sass et al. (2018) analisam que o presidente da FIFA chegou a negociar a libertação de presos políticos do regime Videla.

A gente tem talvez um dos momentos mais simbólicos no continente, pensando na relação futebol e ditadura militar, na copa de 1978, realizada na Argentina. Vale lembrar e nunca esquecer que essa copa foi realizada por conta de um aconteço entre Joao Havelange e a ditadura militar argentina, que começava a despertar muitos protestos pelo mundo. Como realizar uma copa num país que estava matando, torturando e sumindo com pessoas? E o Havelange se senta com o General (Jorge Rafael) Videla. Havia um preso na Argentina que era filho do embaixador brasileiro (Paulo Henrique) Paranaguá (na época embaixador do Kwait). A mãe do rapaz e esposa do embaixador, Glorinha Paranaguá, pede a João Havelange para salvar seu filho, talvez a única atitude boa do Havelange na vida tenha sido pedir por esse rapaz: solto Paranaguá, é realizada a Copa, enquanto isso se mata e se tortura na Argentina (SASS et al., 2018, p. 272).

Os autores ainda descrevem que além do filho do embaixador, Havelange também negociou a libertação da nora, visto que o casal havia sido preso pelo Regime. Os autores sugerem que a negociação

que deu à Argentina a possibilidade de fazer em seu território a Copa do Mundo de 1978 foi viabilizada pelo bom trânsito que Havelange tinha nos bastidores do governo argentino. Essa é uma questão que não será aprofundada, pois não é foco da presente pesquisa, entretanto, esse fato serve de exemplo da relação bastante próxima entre o Governo Videla e a direção da FIFA. Também é importante ressaltar que Cabo (2018) lembra que a presença constante nos eventos oficiais durante a Copa do Mundo legitimava o discurso oficial da organização do torneio. O autor informa ainda que, após o término da competição, o dirigente da FIFA foi condecorado como “comendador” da ordem General Libertador San Martin.

Ao retomarmos o foco principal da pesquisa, como foi exposto nas páginas anteriores, houve alguns momentos no decorrer da Copa do Mundo em que os jornais brasileiros noticiaram a insatisfação dos brasileiros, em especial a CBD, apontando possíveis prejuízos ao Brasil, como a nota publicada sobre a atuação do árbitro galês, Clive Thomas, ou a solicitação de mudança de horário na última rodada da fase semifinal da competição, quando o Brasil desejava enfrentar a Polônia no mesmo horário da partida entre Argentina X Peru. Essa rodada definiria o classificado para a final, sendo que Brasil e a Argentina chegaram nessa rodada com a mesma pontuação, e a vaga poderia ser definida no saldo de gols, caso as duas equipes conquistassem um resultado igual. A organização da competição negou o apelo brasileiro, e a Argentina entrou em campo sabendo do resultado que precisava para conquistar a sua vaga na final.

Um terceiro momento será avaliado a seguir, sendo o ponto de maior controvérsia daquela Copa, pois, passados mais de 40 anos, a partida entre Argentina X Peru ainda é alvo de estudos e pesquisas. Sabendo que precisava de um placar elástico para conquistar a sua vaga na final, a Argentina goleou o Peru pelo placar de 6 a 0. Imediatamente, surgiram suspeitas de que o resultado teria sido combinado antes de iniciar. E para esse terceiro ponto, vamos dedicar um subtítulo específico.

3.3 Argentina X Perú: a grande polêmica da Copa

Mais de 40 anos se passaram desde o dia o dia 21/06/1978, data em que seria conhecido um dos finalistas da Copa do Mundo da Argentina. Os donos da casa, empatados em número de pontos com o Brasil, estavam na segunda colocação pelo saldo de gols. O Brasil entrou em campo para enfrentar a Polônia em Mendoza, às 16h45min, vencendo pelo placar de 3 a 1. A Argentina jogaria em Rosário, às 19h15min, e venceria pelo placar de 6 a 0, conquistando sua vaga à final, para enfrentar o Holanda.

O clima de desconfiança, por parte do Brasil, de que a vaga na decisão da competição poderia ser obtida fora de campo, pode ser percebido nos dias que antecederam o jogo. Com uma pontuação idêntica, já que haviam vencido na primeira rodada e empatado no confronto direto na segunda, Brasil e Argentina chegaram na última rodada da fase semifinal com chances de classificação. O Brasil levava uma vantagem no saldo de gols e, em caso de vitória diante da Polônia, poderia ser eliminado caso a Argentina vencesse o Peru por uma diferença elástica no placar e superasse o Brasil nesse quesito.

A delegação brasileira reivindicou, nos dias que aconteceram a última rodada da semifinal – dia 21/06/1978 –, que as duas partidas acontecessem no mesmo horário, evitando que a equipe portenha soubesse de antemão o resultado que precisaria para conquistar a sua vaga na decisão. A informação foi noticiada pelo *O Estado de São Paulo* de 20 de junho de 1978, dia anterior ao jogo. O jornal noticiou, ainda, que os membros da comissão técnica procuraram não se envolver de forma mais profunda nesta questão. O técnico Coutinho conversou com os jornalistas e disse que não pretendia protestar contra o horário do jogo, pois esse não era um problema da sua competência e que o assunto deveria ser resolvido pela FIFA.

Entretanto, dois dias antes, logo após o empate sem gols entre o Brasil e a Argentina, durante a entrevista na sala de imprensa, o

técnico brasileiro Claudio Coutinho destacou que a delegação brasileira iria solicitar que a última rodada da semifinal acontecesse no mesmo horário. A informação foi noticiada pelo *Clarín*, que teceu elogios a postura do técnico diante dos repórteres de diferentes países, mostrando um grande senso diplomático e evitando utilizar o tradutor:

Pedido a la FIFA

Según Claudio Coutinho, jugar conociendo el resultado del partido anterior es una ventaja para la Argentina. Se refiere a los encuentros de Argentina y Brasil ante Perú y Polonia, respectivamente. Pidió que la FIFA uniforme horarios. "Sería más deportivo que juguemos al mismo tiempo". El técnico brasileño Claudio Coutinho llegó a la Sala de Conferencias luego de grabar para la televisión y allí se mostró – no solo como un hábil diplomático – sino como un verdadero poliglota, pues él mismo se encargó de traducirse la "metralla" de preguntas que le formulaban en español, italiano, francés o portugués. Estos fueron sus conceptos más importantes: Jugar conociendo el resultado del partido anterior es una ventaja para la Argentina. no es un tema sobre el cual yo pueda resolver pero me sentiré muy conforme si la FIFA equilibra los horarios de los dos partidos del miércoles. Sería más deportivo que juguemos todos al mismo tiempo (*Clarín*, 19/06/1978, p. 12)

No dia da partida, tanto o *Clarín* quanto *O Estado de São Paulo* divulgaram a informação de que a FIFA não havia concordado com a mudança de horários nos jogos.

Como veremos logo adiante, a partida que alçaria a Argentina para a Decisão da Copa foi alvo de muitas críticas nos dias posteriores ao jogo e, ainda hoje, é foco de algumas discussões acerca do esporte e sua relação com a política.

Cabo (2008) destaca não somente esta partida mas toda a Copa do Mundo de 1978 como um símbolo da utilização do futebol como uma ferramenta de publicidade para os governos:

A clara utilização do futebol como propaganda do regime político, bem como o próprio título conquistado em circunstâncias questionáveis por grandes craques como Ardiles, Bertoni, Fillol, Passarella, o artilheiro Mario Kempes, entre outros, marcaram negativamente a imagem do torneio. Sobretudo no Brasil, devido à inesperada goleada de 6x0, aplicada na boa seleção peruana que classificou a Argentina para a final, eliminando a seleção canarinho, a Copa de 1978 é lembrada como o torneio das ditaduras militares, onde os donos da casa teriam sido favorecidos pela força do seu regime (CABO, 2008, p. 151)

Dias (2015) levanta uma série de suspeitas em relação à lisura da partida entre Argentina e Peru. Autor afirma que houve um acerto entre os dois países para que o resultado levasse a Argentina para a decisão. Dantas (2014) expõe uma suspeita de facilitação por parte do Peru. O autor enfatiza que o governo Videla trabalhou para ter uma influência nos resultados dentro de campo devido a um acordo com o governo do presidente peruano Francisco Morales Bermúdez, também militar, já que algumas semanas mais tarde, a Argentina realizou uma doação de trigo ao Peru.

Entre as quatro linhas, a participação da ditadura é ainda cercada de mistérios. A partida entre Argentina e Peru, na segunda fase do torneio, ainda gera muita desconfiança, já que para avançarem à final, os argentinos precisavam vencer o Peru – uma seleção qualificada na época - por uma diferença de quatro gols. A partida terminou 6x0 para os locais, com surpreendente facilidade. Curiosamente, semanas mais tarde, o governo de Videla doava 35 mil toneladas de trigo para o Peru (DANTAS, 2014, p. 8).

Dias (2015) ratifica essa informação e coloca o trigo como uma questão central no resultado da partida. Porém, é necessário destacar que os autores divergem em relação à quantidade de trigo que a Argentina teria doado ao Peru, mas se levanta a possibilidade de haver um acordo mais amplo entre os envolvidos neste jogo.

Outras teorias dizem que Videla subornou o general peruano Francisco Morales Bermúdez, prometendo um carregamento de 14 mil toneladas de trigo argentino, além de “créditos especiais” em troca do resultado do jogo. As teorias não acabam por aí. Existem versões de que o ditador argentino teria dado 50 mil dólares para todos os jogadores peruanos, outras teorias já dizem que apenas alguns jogadores receberam tal quantia (DIAS, 2015, p. 24).

Apesar de o tema do trigo ser frequentemente citado, é necessário destacar que as suspeitas de compra desse jogo não se referem somente a esta questão. Dias (2015) nos informa que em determinado momento houve a suspeita de que os atletas da seleção do Peru teriam sofrido ameaças, em especial o goleiro Quiroga, que, apesar de estar defendendo a seleção peruana, havia nascido na Argentina e ainda possuía familiares naquele país e, caso não houvesse uma facilitação para a vitória do selecionado local, sua família poderia sofrer represálias. Dias (2015) trata essa informação como uma “teoria da conspiração”, ou seja, algo que até poderia ser verdadeiro mas que não há comprovações. Além disso, o próprio atleta negou as ameaças:

A influência de Videla e as teorias acerca de suas manobras no Mundial e do seu poder de ameaçar e dar fim a pessoas foram inúmeras. Na polêmica partida em que a Argentina tinha que ganhar com 4 gols de diferença do Peru para se classificar para a final, o nome de Videla esteve envolvido em todos os noticiários e teorias da conspiração. A Argentina ganhou aquela partida por 6 a 0 do Peru e foi à final. Uma das teorias que surgiram é a de que Videla teria mandado ameaçar a família do goleiro peruano Quiroga, argentino de nascimento, que atuava pela seleção do Peru. A família do jogador morava na cidade de Rosário; o jogador nega que tenha sofrido ameaças (DIAS, 2015, p. 24).

Uma suspeita que também pode ser levantada em relação a esta partida, é que durante o período estudado havia uma aliança de cooperação político-militar entre Brasil, Argentina, Chile, Bolívia,

Paraguai e Uruguai, aliados aos Estados Unidos, com o objetivo de coordenar a repressão aos opositores dessas ditaduras. Este acordo ficou conhecido como “Operação Condor”. Souza (2011) nos explica que os governos dos países sul-americanos mantinham completo desprezo pelas normas de regulamentos internacionais que garantiam proteção a refugiados políticos asilados em países estrangeiros. Eles praticavam o terror de forma sistemática e obtiveram êxito na desarticulação dos movimentos de esquerda da região. Dias (2015) levanta a suspeita de que esta operação também poderia ter influenciado no resultado da partida, já que Argentina e Peru poderiam ter negociado a extradição de prisioneiros opositores ao regime de Francisco Morales Bermúdez que estavam sob a custódia do governo argentino.

Recentemente, um ex-senador peruano colocou mais uma teoria da conspiração em circulação de que houve um acordo entre Peru e Argentina, os argentinos ficariam com a vitória por goleada e o Peru mandaria 13 prisioneiros peruanos que lideravam uma greve contra o regime de Francisco Morales Bermúdez. Essa última teoria ganhou bastante força nos últimos anos com a descoberta da Operação Condor. A Operação Condor consistia em uma cooperação entre as ditaduras na América Latina, isto é, troca de informações e experiências, espionagem, prisão, tortura e eliminação de adversários políticos, etc. (DIAS, 2015, p. 24).

O autor destaca que, mesmo após quatro décadas, este jogo ainda segue na pauta de discussões da imprensa envolvida no âmbito esportivo, e cita o blog de Ariel Palácio, do site do Estadão, que traz reportagens com atletas peruanos que estavam naquela partida contra a Argentina. Os atletas afirmaram que Videla, ao lado de Henry Kissinger, havia se encontrado com os atletas peruanos no vestiário do estádio Gigante Arroyto, em Rosário, saudando-os como “irmãos latino-americanos”, porém, logo em seguida, passou a intimidar todos os presentes dentro do vestiário ao afirmar que os peruanos, caso vencessem a partida, talvez não saíssem vivos da Argentina. O atleta Juan Carlos Oblitas relatou que “Antes del partido sucedió lo que nunca

había sucedido. Entró en el antecámara de Videla con um grupo de personas, entre ellas Kissinger”, descreveu o ex-atleta do Peru. (<https://internacional.estadao.com.br/blogs/ariel-palacios/21-de-junho-de-1978-videla-entra-no-vestiario-dos-jogadores-peruanos-e-fala-sobre-solidariedade/>, acessado em 01/09/2019)

Os jornais *Clarín* e *O Estado de São Paulo* divergiram suas linhas editoriais nos dias seguintes à partida. O dia 23 de junho de 1978 é bastante significativo para a imprensa brasileira pois ela levanta abertamente a suspeita de que a partida entre Argentina e Peru teve seu resultado combinado. A página 20 do periódico traz como destaque: “Derrota peruana deixa dúvida no mundo todo”. O fato pode ser observado na Figura 7, uma página do Jornal *O Estado de São Paulo* cujo teor questiona a classificação da seleção Argentina.

As críticas direcionadas ao técnico Coutinho, que nos dias anteriores eram bastante frequentes, não foram noticiadas nesta data. Muito pelo contrário, a CBD noticiou apoio ao treinador. Na capa do jornal do dia 23 de junho também relata-se uma violência simbólica (ou não): parte dos torcedores argentinos teriam arremessado pedras na embaixada brasileira em Buenos Aires.

Ontem, o presidente da CBD, Heleno Nunes, convidou Cláudio Coutinho para continuar dirigindo a Seleção depois da Copa, mas o técnico prefere responder só depois de suas férias, condicionando ainda sua permanência ao resultado de amanhã. Ontem, enquanto os argentinos ainda faziam a festa pela classificação, inclusive com alguns incidentes, como o apedrejamento da Embaixada e do Consulado do Brasil em Buenos Aires, os jornais de todo o mundo continuavam classificando o resultado do Peru e da Argentina de “suspeito”. O presidente da FIFA, João Havelange, entretanto, antecipando-se a qualquer manifestação brasileira, deixou claro que o Brasil não tem nada a protestar, pois o resultado foi conseguido dentro de campo. (O ESTADO..., 23/06/1978, Capa)

Em Mendoza, onde o Brasil estava hospedado, o clima de provocação dos argentinos tomou conta das ruas, conforme noticiou O

Estado de São Paulo. Estudantes e universitários argentinos saíram às ruas com seus uniformes nas cores da bandeira portenha entoando cânticos que exaltavam a possibilidade do selecionado local conquistar o título. O clima tornou-se tenso, pois os atletas brasileiros receberam folga no dia e, muitos deles, foram passear na cidade. Alguns foram reconhecidos e precisaram acionar a polícia para retornar ao hotel. Entretanto, o maior problema aconteceu no momento do deslocamento do ônibus da seleção brasileira pelas ruas de Mendza, momento em que a polícia precisou desviar o trânsito para manter a segurança da delegação.

(...) Quando souberam que o ônibus da Seleção Brasileira estava próximo, os quase mil estudantes mendocinos correram para a rua Entre Rios criando uma grande confusão e provocando enorme congestionamento no trânsito. Os policiais tiveram que alterar a corrente de tráfego, desviando-a para ruas e avenidas paralelas. Como estava quase na hora do almoço (entre 12 e 15 horas tudo fecha na cidade para o almoço e a "siesta") a multidão foi aumentando. E isso deu medo a alguns jogadores, que tinham marcado encontro para depois do passeio, ao meio-dia, no ônibus. (...) Os mendocinos quando viam um brasileiro, jogador, dirigente, ou mesmo jornalista, na avenida Las Heras e San Martín, ou na rua Entre Rios, acercavam-se em grupos e enquanto as moças e meninas, entre 12 e 20 anos, queriam autógrafos, com dedicatórias e a opinião dos brasileiros sobre a cidade, o povo, o estádio e os estudantes, os rapazes, carregando bandeiras argentinas, cantavam paródias e brincavam com os brasileiros, até mesmo fazendo provocações (O Estado..., 23/06/1978, p. 19).

O jornal relata que o clima na Argentina ficou tenso para os brasileiros, já que as manifestações populares se tornaram um misto de exaltação pelo fato de a seleção portenha ter a sua vaga assegurada na decisão da Copa ao mesmo tempo em que havia um clima de tietagem e provocação direcionado a delegação brasileira. As matérias jornalísticas ainda levantavam a suspeita sobre a lisura da partida entre Argentina e Peru.. A página 20 do jornal brasileiro traz o relato de atletas brasileiros sobre esta partida. O goleiro Carlos

afirmou: “O Peru entregou o jogo”. Rivelino relatou que “Nem o Velasquez deu pontapé. Contra o Brasil, o Velasquez e o Manzo bateram à vontade, quase aleijaram o Roberto”. Oscar, por sua vez, declarou: “Não entendi porque atuaram daquela forma, fugindo das jogadas divididas, evitando os choques”. Por fim, Chicão reiterou: “O Peru entregou mesmo o jogo. Não é possível que não pudesse apresentar um pouco mais do que aquilo que vimos contra a Argentina”.

O Estadão também apresentou manchetes de jornais de diferentes países para ratificar a impressão de que o Peru havia entregado a partida. Na página 20, algumas manchetes podem ser vistas. O *La Mañana*, de Montevideo, afirma que a partida foi “Uma paródia que joga sombras sobre o Campeonato Mundial”; o *Últimas Notícias*, de Santiago, declara que houve “Vergonha mundial. O peru caiu sem glórias”; o *Últimas Notícias*, de Caracas anunciou um “goleada suspeita” e que a “Queda do Peru assassinou o Brasil”; o *El Siglo*, de Bogotá proclamou: “Empanado o Mundial”; enquanto isso, o *Il Messaggero*, de Roma, asseverava que o Peru era “cúmplice do escândalo”.

O enviado especial do *O Estado de São Paulo* para Lima, no Peru, José Carlos Santana, relatou que o clima de decepção tomou conta da imprensa esportiva daquele país. O jornalista declarou que as críticas não foram em relação à quantidade de gols sofridos pelo seu selecionado, mas que o grande problema esteve na atitude dos atletas dentro de campo: “Há derrotas que enaltecem. Esta não, esta aparecerá como uma página negra em nossa história”.

A seguir (Figura 7), podemos ver a página do jornal *O Estado de São Paulo* do dia 23 de junho. Percebe-se que o periódico dedicou um espaço considerável para levar suspeitas em relação à arbitragem daquela partida:

Figura 7- Jornal O Estado de São Paulo, dia 23/06/1978, p. 20

20 - O ESTADO DE SAO PAULO

SEXTA-FEIRA - 23 DE JUNHO DE 1978

COPA 78

Nota peruana a deixa dúvida no novo jogo

— Uma notícia que joga luz sobre o Campeonato Mundial "La Máquina", de Montevideo.

— Versões mundiais. O Peru caiu sem glória ("Últimas Notícias", de Santiago).

— Golada suprema. Quêdo do Peru assistiu o Brasil ("Últimas Notícias", de Caracas).

— Empunção Mundial ("El Siglo", de Bogotá).

— Peru entrega a partida ("El País", de Madrid).

— Peru e o fim do escândalo ("El Mensajero", de Lima).

— Somente algum de mentes mesquinhas pode estranhar a classificação argentina ("London Evening News", de Londres).

— A opinião pode não ser unânime, mas a imprensa mundial tem o mesmo respeito a palavra de a a Argentina sobre o Peru, principalmente na América Latina. Os jornais argentinos dividiram-se enquanto "El País" afirma o ritmo avassalador dos argentinos "La Máquina" afirma o título de primeira página que "El Chaco" e "Patagónica", presentes a grande mídia e os comentaristas Nestor Pailana e Carlos. Não quero assustar ninguém, mas de para pensar e muito, a falta de espírito de vitória demonstrada pelos peruanos.

— No Chile, o jornal "Los Noticias" dá que a situação peruana consistiu em uma grande vitória mundial, enquanto "El Mercurio" sustenta que o Peru...

A vitória de 6 a 0 da Argentina contra o Peru não conseguiu convencer...

Imprensa argentina critica juiz chileno

"Uma árdua prova a Brasil que durou muito pouco". Assim o jornal "Clarín", de Buenos Aires, comentou a vitória do Brasil sobre a Polónia. E como se não bastasse a vitória do Brasil, o "Clarín" também criticou a decisão de um juiz chileno de expulsar o jogador argentino Juan Carlos Plata. "Quando um árbitro se destaca em um jogo, é porque atua bem. Com este erro que destaca um árbitro, não se pode falar em destaque".

— A imprensa argentina também criticou o juiz chileno que expulsou o jogador argentino Juan Carlos Plata. "Quando um árbitro se destaca em um jogo, é porque atua bem. Com este erro que destaca um árbitro, não se pode falar em destaque".

Lima, decepção e muita vergonha

JOSÉ CARLOS SANTANA
Especialista

LIMA — "O que mais dói nesta noite não são propriamente os gols sofridos, mas sim a atitude dos jogadores peruanos, que não fizeram o melhor esforço para impedir que o desastre se consumasse. Há derrotas que esboçam. Era não estar exposto para uma página negra em nossa história futebolística".

O comentarista de Manuel Díaz Martínez afirma que não há nada de novo em relação à situação dos jogadores peruanos, que não fizeram o melhor esforço para impedir que o desastre se consumasse. Era não estar exposto para uma página negra em nossa história futebolística.

Coutinho motiva reação argentina

As declarações e as supostas brevidades pelo técnico Claudio Coutinho da seleção do Peru deixam bastante espaço para a crítica dos argentinos. Mas a reação dos jogadores argentinos não foi diferente. "Coutinho é um homem que não sabe jogar futebol", disse um jogador argentino. "Ele não sabe jogar futebol, mas sabe falar muito bonito".

Brasileiros não aceitam goleada

— O Peru entregou o jogo. Não há nada de novo em relação à situação dos jogadores peruanos, que não fizeram o melhor esforço para impedir que o desastre se consumasse. Era não estar exposto para uma página negra em nossa história futebolística.

A Áustria de volta, satisfeita

— O Peru entregou o jogo. Não há nada de novo em relação à situação dos jogadores peruanos, que não fizeram o melhor esforço para impedir que o desastre se consumasse. Era não estar exposto para uma página negra em nossa história futebolística.

Os italianos também culpam a arbitragem

— O Peru entregou o jogo. Não há nada de novo em relação à situação dos jogadores peruanos, que não fizeram o melhor esforço para impedir que o desastre se consumasse. Era não estar exposto para uma página negra em nossa história futebolística.

Oblitas defende jogadores

— O Peru entregou o jogo. Não há nada de novo em relação à situação dos jogadores peruanos, que não fizeram o melhor esforço para impedir que o desastre se consumasse. Era não estar exposto para uma página negra em nossa história futebolística.

Consulado é apedrejado

— O Peru entregou o jogo. Não há nada de novo em relação à situação dos jogadores peruanos, que não fizeram o melhor esforço para impedir que o desastre se consumasse. Era não estar exposto para uma página negra em nossa história futebolística.

Em Viena, jornais reabilitam seleção

— O Peru entregou o jogo. Não há nada de novo em relação à situação dos jogadores peruanos, que não fizeram o melhor esforço para impedir que o desastre se consumasse. Era não estar exposto para uma página negra em nossa história futebolística.

O jornal noticiou que todos os atletas mostravam muito aborrecimento em relação à goleada sofrida pelos peruanos, e davam declarações em que falavam abertamente sobre a certeza de que a partida havia sido combinada fora de campo.

O Peru entregou o jogo. Essa frase foi ouvida diversas vezes, ontem, entre os jogadores da Seleção. Todos estavam aborrecidos com o que viram pela televisão direto de Rosário. O goleiro Carlos, por exemplo, que nunca abre a boca, dizia: - A Argentina atacou seis vezes e marcou seis gols. Imaginem se atacasse 15 vezes? Ou se precisasse de 15 gols? Faria os 15, não tenho a menor dúvida. Faltou brio à seleção do Peru. (...) Oscar também lamentou a atuação da seleção peruana: - Não entendi porque atuaram daquela forma, fugindo das jogadas divididas, evitando os choques. Nunca poderia esperar que uma coisa dessa viesse a acontecer. Estou indignado (O Estado..., 23/06/1978, p. 20).

Entre os torcedores, o sentimento de que a partida havia sido combinada também foi bastante presente. Já no fim do primeiro tempo, os brasileiros recorreram à violência para protestar contra os peruanos. *O Estado de São Paulo* de 23/06/1978 noticiou que, em diversas regiões do Brasil, houve protestos. No Rio de Janeiro, o Consulado do Peru foi alvo de arremessos de pedras e laranjas, motivo pelo qual o segurança do prédio precisou chamar a polícia. No Acre, os torcedores combinaram um boicote à cerveja “San Juan”, importada do Peru para Rio Branco. Brasileiros também enviaram telegramas aos presidentes da FIFA, da Argentina e do Peru:

O advogado Valdo Vianna, do Rio, gastou quase Cr\$ 5 mil em telegramas endereçados aos presidente da FIFA, João Havelange, aos presidente da Argentina, Jorge Videla, e do Peru, Morales Bermudez. A Havelange, propôs a eliminação do Peru de qualquer disputa internacional. Nos telegramas aos presidente do Peru e da Argentina, foi irônico: a Videla, propõe um jogo entre Brasil e Argentina, no Maracanã, com renda para o fundo de proibidade esportiva. E a Bermudez, que os jogadores sejam recebidos em Lima como heróis nacionais (O Estado..., 23/06/1978, p. 20).

Marczal (2016) expõe o fato de que, durante os dias seguintes à partida, a imprensa brasileira explicitou, de uma maneira bastante direta, a indignação de brasileiros com a goleada aplicada pela Argentina.

Se no vizinho platino, a goleada era retratada como um milagre, um momento histórico de massiva exaltação patriótica e celebração popular através do esporte, as leituras produzidas no Brasil contestavam a partida e levantavam dúvidas sobre a aplicação da seleção peruana, a qual se não havia entregado o jogo tinha, ao menos, facilitado muito a tarefa argentina. Por isso mesmo, não faltaram manchetes que usaram termos como “vergonha”, “farsa” ou “escândalo” para classificar o jogo. O próprio Cláudio Coutinho, retratado como um personagem comedido em suas declarações, expressou sua indignação e frustração aos jornalistas: “a seleção peruana perdeu muito mais do que um jogo. Acredito que perdeu a credibilidade”; “os que atuaram contra a Argentina não têm mais condições de ouvir o Hino Nacional de sua pátria em uma competição” (MARCZAL, 2016. p. 424).

Na sequência da competição, o Brasil entraria em campo para conquistar o terceiro lugar diante da Itália, enquanto a Argentina conquistaria o título vencendo pelo placar de 3 a 1, com dois gols na prorrogação.

O Estado de São Paulo repercutiu a conquista da Argentina, não apenas dentro de campo, mas também o fortalecimento do governo Videla após a competição. No dia 27 de junho, o jornal relata que estudantes argentinos exigiram a presença de Videla nas comemorações na rua, o que para os sociólogos argentinos seria, de certa forma, uma libertação do povo frente aos anos de repressão:

O próprio presidente Videla, reconhecidamente indiferente ao futebol como esporte, interrompeu seu trabalho duas vezes, ondem, para atender a grupos de estudantes que se formaram em frente à Casa Rosada exigindo sua presença (“Se não sai é um holandês” – gritavam). E, pela primeira vez desde que assumiu o poder, o general Videla cumprimentou e

abraçou estudantes, dirigindo-lhes uma breve mensagem: “O governo sente-se estimulado pelo futuro que vocês representam. Agradeço que tenham vindo até aqui. É um verdadeiro motivo de orgulho”. Para alguns sociólogos argentinos, o que se verifica é uma transferência psicológica produzida por anos de drama, num país que vive em estado de sítio há quatro anos. “É uma libertação geral da população, obrigada ao silêncio desde a tomada do poder pelos militares”. Essa opinião é compartilhada por “La Nación”, que atribui a festa desmensurada da população argentina a uma “reação nacionalista provocada pela má reputação dos governo militar argentino na Europa e nos Estado Unidos” (O Estado de..., 27/06/1978, p. 23).

Nos dias seguintes à goleada da Argentina sobre o Peru, o jornal *Clarín* não levantou suspeitas sobre a lisura da partida mas, ao contrário, enalteceu o heroísmo dos atletas do selecionado local ao conquistar a sua vaga para a decisão do certame. A matéria principal do jornal o *Clarín* trouxe o título “Uma goleada que nos acerca al gran sueño”. Além disso, destacou o mérito ofensivo da equipe e relatou que a seleção local teve um grande conjunto. Cabe destacar, entretanto, que, novamente, o periódico correlaciona a competição com o governo Videla. Na reportagem principal, o jornal traz um subtítulo com a cartola “La Felicidad del Presidente”, cujo título era “Com el Coraje de nuestro pueblo”. O segmento traz duas fotos do presidente da Argentina assistindo a partida e relata: “El presidente Videla, junto a los miembros de la Junta y en compañía de Henry Kissinger, presencio el partido desde el palco oficial. Mostrarón el coraje de los argentinos, dijo el Presidente” (*Clarín*, 22 de junho, p. 2).

O periódico informava que o clima festivo que havia tomado conta do país. No dia seguinte à vitória da Argentina sobre o Peru, o jornal trazia uma reportagem ilustrada com três fotos das ruas de Buenos Aires tomadas pela população e mostrava o título “Y ahora vamos a tomar naranja”, fazendo uma alusão provocativa à decisão da competição que seria diante da Holanda. Em algumas reportagens, o jornal não apresentava texto, utilizando-se apenas do fotojornalismo para noticiar a festa. A página 28 do *Clarín* de 22 de junho traz uma

foto de página inteira de uma rua central de Buenos Aires tomada pela população, com o título: “Cuando la noche se volvio loca”.

Como exposto anteriormente, o governo argentino sentia-se desconfortável com a parceria entre o Brasil e Paraguai em relação a Itaipu. Essa obra traria um desequilíbrio na balança de poder na América do Sul. Entretanto, em junho de 1978, Itaipu era uma obra irreversível e restava à Argentina apenas confirmar a sua posição de descontentamento. O Jornal *Clarín* estampou em sua capa o descontentamento do governo argentino em relação ao posicionamento do governo brasileiro de tratar as negociações relacionadas a Itaipu como algo secundário. A Imagem 1, exposta anteriormente, mostra que as duas principais pautas da imprensa argentina no dia 1º de junho de 1978 eram a Copa do Mundo e a questão de Itaipu.

Por outro lado, o jornal *O Estado de São Paulo* buscava uma fusão entre as editorias para traçar um panorama dos fatos importantes que estavam acontecendo na Argentina. O trocadilho “Copa do Medo” faz uma provocação ao governo argentino, já traçando, desde o começo do mês, uma linha editorial bastante crítica e predizendo uma posição provocativa em relação aos fatos que viriam a acontecer no país vizinho.

Também foi possível observar que, nos primeiros dias do mês de junho, o *Clarín* manteve uma postura de noticiar informações pouco amistosas relativas ao Brasil em relação à sua diplomacia com a Argentina, como foi o caso da cobrança enfática por uma resposta brasileira referente ao cancelamento de uma reunião sobre Itaipu. Entretanto, a partir do início da competição, e de uma possibilidade real da conquista de um título, o foco do jornal passou a ser o de enfatizar os feitos da seleção Argentina.

Em relação ao evento esportivo da “Copa do Mundo”, é possível observar duas visões bastante antagônicas entre os jornais *Clarín* e *O Estado de São Paulo* durante todo o mês de junho de 1978. Se por um

lado o *Clarín* estampava o ambiente de festa nos primeiros dias, e enaltecia o feito heroico do selecionado argentino, por outro, *O Estado de São Paulo* sempre demonstrou em suas editorias o clima de desconfiança em relação à lisura da competição. Tanto no decorrer da Copa do Mundo quanto no seu término, o periódico relatou os fatos ocorridos durante a competição de maneira a induzir os seus leitores a desconfiar de que os resultados de dentro do campo refletissem interesses dos bastidores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo principal desta pesquisa foi avaliar de que forma a rivalidade entre brasileiros e argentinos pôde ser observada nos jornais *Clarín*, da Argentina e *O Estado de São Paulo*, do Brasil. A pesquisa parte da premissa de que sim, Brasil e Argentina mantêm uma relação de rivalidade em diferentes âmbitos, não apenas no futebol. Do mesmo modo, é perceptível que em alguns momentos essa relação de rivalidade fica mais branda e em alguns momentos ela se mostra de maneira mais tensa.

Durante a pesquisa, especialmente no momento da revisão bibliográfica, foi possível observar que este espírito de rivalidade advém de longa data. Estima-se que ele seja uma herança do início da colonização da América do Sul, feita por portugueses e espanhóis, portanto, é bastante justificável que a maneira como a rivalidade é percebida ao longo dos últimos 500 anos (aproximadamente) de história da América do Sul seja mais ou menos perceptível. Se houve momentos em que as disputas por espaços ficaram extremamente tensas, emergindo a possibilidade eminente de guerra, em outros, houve políticas de estado que viabilizaram aproximações e a busca pelo crescimento econômico mútuo, desenvolvendo, inclusive, a possibilidade da ascensão de um mercado comum expansível para toda a América do Sul.

Pode ser observado na pesquisa que durante a década de 1970 os dois países atravessaram um momento histórico de bastante tensão. As semelhanças entre o Brasil e a Argentina podem dar indícios das causas que motivaram os atritos entre os dois países. Tanto o Brasil quanto a Argentina passavam, durante a década de 1970, por um período de ditaduras militares que, mesmo estando em momentos diferentes (o Brasil caminhando para a redemocratização e a Argentina buscando uma consolidação do regime) buscavam, o fortalecimento de suas imagens por meio de um nacionalismo ufanista.

A construção de uma imagem de “nação desenvolvida” com grande crescimento econômico passou pelo posicionamento geopolítico na América do Sul. A aproximação do Brasil com o Paraguai para a construção da

Hidrelétrica de Itaipu é um dos momentos históricos em que a balança do equilíbrio entre os dois países começa a pender favoravelmente para o Brasil. Essa obra traz ao Brasil (e ao Paraguai em segundo plano) o cartão de visitas que apresenta a capacidade tecnológica do país, além de um novo viés de desenvolvimento interno, com a garantia de que haveria energia suficiente para sustentar o salto de urbanização e de industrialização dos anos anteriores e que se consolidou durante o período estudado. Há ainda um fator que precisa ser considerado, pois a obra de Itaipu poderia trazer alterações à navegabilidade da bacia do Prata, que foi um dos pilares do desenho de desenvolvimento da América do Sul durante quase 500 anos.

A Argentina atuou em diferentes frentes para participar do desenvolvimento do projeto de Itaipu. Apesar de não ser um projeto com uma participação efetiva da Argentina, o país vizinho procurou ser uma voz ativa durante o processo de execução da obra. Especialmente durante o período estudado (junho de 1978), é possível observar, nas notícias dos jornais *Clarín* e *O Estado de São Paulo*, que o Governo Argentino buscava constantemente, inclusive em organismos internacionais, participar ativamente do projeto. Houve cobranças bastante sistemáticas do Governo Videla na busca por uma resposta da solicitação de participação nas negociações. Também foi possível observar que alguns problemas internos do Brasil, como o desabastecimento de alimento, eram utilizados para ratificar uma “sensação de poder” nos bastidores políticos da América do Sul.

A consolidação da imagem de uma nação desenvolvida foi buscada por meio da promoção de um grande evento esportivo: a Copa do Mundo de Futebol. Promover um evento com envolvimento global, com a presença da imprensa mundial, foi uma maneira que o governo argentino encontrou para promover a sua imagem para além de suas fronteiras. Por outro lado, um bom desempenho do selecionado local traria um clima favorável dentro das fronteiras. E a conquista do título, aliada à imagem positiva dos atletas, trouxe para a nação um clima ufanista, que foi explorado de maneira bastante intensa pelo governo Videla.

À imprensa brasileira, restou, desde os primeiros dias de junho, questionar a lisura da competição. Logo na abertura da Copa do Mundo, o

jornal *O Estado de São Paulo* associa a imagem do evento com a imagem do Governo Argentino. No decorrer da competição questionou algumas decisões de dentro e de fora de campo que acabaram por prejudicar o desempenho dos brasileiros na competição. O título conquistado pela Argentina levantou a suspeita de que a competição teve seu resultado combinado nos bastidores.

Os jornais do Brasil e da Argentina mostram que junho de 1978 foi um momento de troca de farpas entre os dois países por meio das páginas dos periódicos. Mas essa troca de farpas em diferentes áreas (esportiva, econômica e política), avaliada de forma isolada, não caracteriza a rivalidade entre os dois países, já que outros elementos precisam ser considerados.

As notícias com cunho provocativo ou depreciativo que foram publicadas apresentam o fato de que os países têm interesse nos assuntos relacionados ao seu vizinho. Os autores avaliados nesta pesquisa também demonstram que esse interesse é de longa data (superior a cinco séculos). Porém, para ratificar a rivalidade existente entre os dois países, é necessário considerar um terceiro elemento: o equilíbrio entre os rivais. No futebol, assim como em outros campos da vida em sociedade, um dos principais elementos da rivalidade é alternância de vitória em temas (ou jogos) importantes entre os envolvidos. Não há rivalidade quando apenas um dos lados vence. Isso também pode ser observado durante o período estudado.

Dentro de campo, o regime de Videla obteve êxito em associar a imagem de seu governo ao da seleção vitoriosa, conseguindo uma grande mobilização em prol do nacionalismo, simbolizado pelos atletas. Fora da Argentina, houve críticas a essa postura de Videla e também à própria lisura da competição, já que foram registradas diversas ocorrências de fatos que levantaram suspeita sobre algumas decisões tomadas dentro (e algumas fora) de campo, durante a realização da Copa.

Fora de campo, Brasil e Argentina mostraram uma disputa intensa. O jogo de xadrez na disputa geopolítica dos espaços no cenário internacional mostrou que a situação momentânea de cada país era acompanhada diretamente pelo oponente.

A questão de Itaipu foi essencial durante junho de 1978, já que a Argentina procurava, de maneira intensa, ter uma participação nas decisões tomadas pelo Brasil e pelo Paraguai. Mas houve outras situações em evidência, como é o caso do desabastecimento de alimento no Brasil, causado pela peste suína. A Argentina, como grande exportador de carne, percebeu que poderia afetar a economia do Brasil optando em não exportar carne para o Paraguai pois, desta forma, garantiria que o produto não seria consumido pelo mercado brasileiro.

Outra questão importante diz respeito à importação de gás da Bolívia. A recusa do Brasil em adquirir gás daquele país demonstra, também, que o governo de Geisel abriu mão de interferir diretamente na economia argentina, mantendo o país portenho como único comprador deste produto e, desta forma, deixando-o com um poder de barganha maior em relação a este mercado. Aparentemente, o foco do Brasil, neste período, estava direcionado para a questão das hidrelétricas, em especial Itaipu, na qual o Brasil manteve uma postura firme nas negociações, o que permitiu que a conclusão do projeto ocorresse com êxito.

Em relação à disputa entre os rivais Brasil e Argentina, podemos afirmar que o nosso país “conquistou a vitória” com a construção da hidrelétrica de Itaipu. Apesar do governo militar ter se mantido no poder por apenas mais alguns anos, a construção da usina aconteceu de acordo com as pretensões brasileiras. A obra ajudou a impulsionar não apenas a economia brasileiras nas décadas seguintes, mas também serviu como um cartão de visitas do governo militar.

A Argentina, por outro lado, “conquistou a vitória” na Copa do Mundo. Mas os reflexos ecoaram fora dela. O clima ufanista criado durante a Copa do Mundo e a utilização do evento como uma ferramenta de marketing fortaleceram o governo militar. Os reflexos deste clima positivo, criado em 1978, são bastante perceptíveis bem como o fortalecimento de sua linha política, uma vez que poucos anos depois a Argentina declarou guerra à Inglaterra, na disputa pelo território chamado de Ilhas Malvinas – ou Ilhas Falkland.

Dentro de campo, restou ao Brasil apenas o “choro de perdedor”, que transferiu o resultado infrutífero, que inicialmente estava sob os ombros do técnico Coutinho, para os ombros dos sucessivos erros de arbitragem e para algumas decisões contestadas fora de campo, tais como o caso do horário da partida da última rodada da semifinal e a acusação de manipulação de resultado na partida entre Argentina e Peru.

Durante o decorrer desta pesquisa não foi possível avaliar a veracidade das manipulações dos resultados. O que buscamos na bibliografia existente e nos jornais da época foi o discurso sobre esses fatos e como eles foram utilizados, de um lado ou de outro, que resultou na construção das teias de representações que refletem a rivalidade.

Se no início desta pesquisa questionávamos se era possível observar a rivalidade nos discursos dos jornais *Clarín* e *O Estado de São Paulo*, ao findar, percebemos que essa rivalidade aparece transparentemente nas páginas dos dois periódicos. Outrossim, podemos afirmar que esses veículos de comunicação também podem ser consideradas ferramentas para a construção da ideia de rivalidade ao alinharem os seus discursos aos dos governos da época analisada.

Se Brasil e Argentina tendem a uma conversão quase natural em relação à cultura, à economia e aos aspectos sociais, também cabe dizer que há um afastamento artificial, causado principalmente pelas decisões de Estado dos dois países. Mesmo que o embate bélico nunca tenha de fato acontecido, memos que por vezes tenha estado bastante próximo, o que se ressalta é que ao longo da história dos dois países, mas especialmente em junho de 1978, a guerra simbólica esteve presente, seja dentro ou fora de campo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRAMO, Cláudio. *A Regra do Jogo*. São Paulo; Companhia das Letras, 1997. ALVES, Rubem. *O Futebol Levado a Riso. Lições do Bobo da Corte*. Campinas, Versus Editora, 2006.
- BALARDIN, Rafael. *As Relações Brasil-Argentina (1974-1991): aproximação, cooperação e integração na transição do regime militar para a democracia e o neoliberalismo*. Porto Alegre: UFRGS (Dissertação de mestrado em Relações Internacional), 2005.
- BANDEIRA, Luis Alberto Moniz. *Estado Nacional e Política Internacional na América Latina: O Continente nas relações Argentina – Brasil (1932 – 1992)*. Brasília, Editora Ensaio, 1993.
- BORGES, Altamiro. *A ditadura da mídia*. São Paulo: Anita Garibaldi; Associação Vermelho, 2009.
- BUENO, Clodoaldo; CERVO, Luiz Amado. *História da Política Exterior do Brasil*. Brasília, Editora Universidade de Brasília, 2ª Edição, 2002.
- CABO, Alvaro Vicente Graça Truppel Pereira do. *Argentina/78 – Uma Copa do Mundo: Política, Popular e Polêmica*. Curitiba: Appris, 2018.
- CABO, Alvaro Vicente Graça Truppel Pereira do. *Imprensa e as Copas do Mundo de Futebol no Mercosul*. Universidade Federal do Rio de Janeiro. *II Seminário Interno PPGCOM*. 2008.
- CAFÉ, Lucas Santos. *Futebol, Poder e Política*. Centro de Artes, Humanidades e Letras. *II Encontro de História CAHL*. Cachoeira BA, 2010.
- CANDEAS, Alessandro Warley. *Relações Brasil-Argentina: uma análise dos avanços e recuos*. *Revista Brasileira de Política Internacional* (I). 178-213, 2005.
- CARVALHO, Beatriz Thomaz. *Tudo nos une, nada nos separa, exceto o futebol*. Um olhar sobre as relações exteriores entre Brasil e Argentina (1978) – 2002). UFRJ, Rio de Janeiro, 2012.
- CAVALCANTE, Ricardo Bezerra; CALIXTO, Pedro; PINHEIRO, Marta Macedo Kerr. *Análise de conteúdo: considerações gerais, relações com a pergunta de pesquisa, possibilidades e limitações do método*. *Inf. & Soc.:Est.*, João Pessoa, v.24, n.1, p. 13-18, jan./abr. 2014.
- CERVO, Amado Luiz (org). *O desafio Internacional: a política exterior do Brasil dos anos de 1930 a nossos dias*. Brasília, Editora Universidade de Brasília, 1994.

CHACRA, Guga; PALACIOS, Ariel. *Los Hermanos e Nós*. São Paulo, Editora Contexto, 2014.

CHARAUDEAU, Patrick. Eléments de sémiolinguistique d'une théorie du langage à une analyse du discours. *Connexions*, nº 38, 1982.

CLARÍN.COM. *Se cumplen 50 años de la muerte de Roberto Noble, fundador del diario Clarín*.
https://www.clarin.com/sociedad/cumplen-50-anos-muerte-roberto-noble-fundador-diario-clarin_0_2Kw6bh8f9.html: Acessado em 12/08/2019. Publicado em 11/01/2019.

PALÁCIOS, Ariel. *21 de junho de 1978: Videla entra no vestiário dos jogadores peruanos e fala sobre 'solidariedade'*. Blog.
<https://internacional.estadao.com.br/blogs/ariel-palacios/21-de-junho-de-1978-videla-entra-no-vestiario-dos-jogadores-peruanos-e-fala-sobre-solidariedade/>. Acessado em 01/09/2019.

DAMATTA, Roberto. Antropologia do óbvio: um ensaio em torno do significado social do futebol brasileiro. *Revista USP*. São Paulo, v.22, p.10-17, 1994.

DANTAS, José Guibson. *Espectáculo Além das Quatro Linhas: as interfaces entre futebol, propaganda e autoritarismo nas copas do mundo de 34 e 78*. XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Foz do Iguaçu, PR. – Universidade Federal de Alagoas. 2014.

DE LUCA, Tânia Regina. *História dos, nos e por meio dos periódicos*. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2005, p. 111-153.

DEUSDARÁ, Bruno; ROCHA, Décio. Análise de Conteúdo e Análise do Discurso: aproximações e afastamentos na (re)construção de uma trajetória. *ALEA* Vol. 7 Numero 2 Julho – Dezembro 2005 p. 305-322.

DEVOTO, Fernando; FAUSTO, Boris. *Argentina Brasil 1850 – 200: Un Ensayo de historia comparada*. Buenos Aires. Editorial Sudamericana. 2008.

DIAS, Gustavo Monteiro. *Política e Futebol: A Copa do Mundo de 1978 na Argentina*. Brasília: UNB (Monografia apresentada ao Departamento de História do Instituto de Ciências Humanas), 2015.

DOS SANTOS, Daniel de Araújo. *Futebol e Política: a Criação do Campeonato Nacional de Clubes de Futebol*. Rio de Janeiro, FGV (Dissertação de mestrado em História, Política e Bens Culturais) 2012.

DUROSELLE, Jean-Baptiste; RENOUVIN, Pierre. *Introdução à História das relações Internacionais*. Tradução Hélio de Souza. Difusão Européia do Livro, 1967.

FAJARDO, José Marcos Castellani. *Acordo tripartite Itaipu-Corpus: ponto de inflexão entre a disputa geopolítica e a política de cooperação*. Porto Alegre, UFRGS (Dissertação de mestrado em Ciência Política), 2004.

FERRES, Virginia Perez. A solução do conflito de Itaipu como início da cooperação política argentino-brasileira na década de 80. *Proj. História, São Paulo*, (29) tomo 2, p. 661-672, dez. 2004.

FRAGA, Gerson. *A Derrota do Jeca na imprensa Brasileira: Nacionalismo, Civilização e Futebol na Copa do Mundo de 1950*. 2009. Porto Alegre: UFRGS (Tese de doutorado em História), 2009.

FILHO, Mário. *O Negro no Futebol Brasileiros*. Mauad X., Rio de Janeiro, 1947

FRANCO JUNIOR, Hilário. *A Dança dos Deuses: Futebol, Cultura e Sociedade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

FROTA, Luciara Silveira de Aragão e. *Brasil Argentina: Divergências & Convergências*. Centro Gráfico do Senado Federal, 1991.

FUTEBOL PORTENHO. *35 Anos da Copa de 1978: Argentina 0 – 0 Brasil*. 18/06/2013. www.futebolportenho.com.br/2013/06/18/35-anos-da-copa-1978-argentina-0-0-brasil/. Acessado em 24/07/2019.

GALEANO, Eduardo. *Futebol ao Sol e à Sombra*. Tradução: Eric Nepomuceno; Maria do Carmo Brito; Sérgio Faraco; Ernani Ssó. Porto Alegre, L&PM, 2004.

GALLEGOS, Jaques Paul Ramirez. *Fútbol e identidad regional em Ecuador*. In ALABARCES, Pablo (org). *Futbologías: Fútbol, identidade y violencia es Amperica Latina*. Buenos Aires, 2003.

GOLIN, Tau. *A Fronteira*. Porto Alegre: L&PM, 2002, v.1.

GIULIANOTTI, Richard. *Sociologia do Futebol: Dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões*. Tradução: Wanda Nogueira Caldeira Brant; Marcelo de Oliveira Nunes. São Paulo: Nova Alexandria, 2002.

GULLO, Marcelo. *Argentina Brasil: La Gran Oportunidad*. Buenos Aires: Editoria Biblos, 2005.

GUTERMAN, Marcos. *O futebol explica o Brasil: O caso da Copa de 70*. Pontifícia Universidade Católica, São Paulo. (Dissertação de mestrado em História), 2006.

HEINSFELD, Adelar. *A geopolítica do Barão: as ações de Rio Branco e seus reflexos na Argentina*. Curitiba: Prismas, 2015.

HEINSFELD, Adelar. *Sob a inspiração de Clio: uma introdução ao estudo da História*. 2ª. ed. São Paulo/Passo Fundo: DPP Editora/PPGH-UPF, 2013.

HEINSFELD, Adelar. Falsificando telegramas: Estanislao Severo Zeballos e as relações Brasil-Argentina no início do século XX. In: *Anais do IX Encontro estadual de História*. Porto Alegre, 14-18 de Julho de 2008.

IPEA. *História-Petróleo. Da crise aos carros flex*. 29/03/2010. www.ipea.gov.br/desafios/index.php?option=com_content&view=article&id=2321:catid=28&Itemid=23. Acessado em 23/07/2019.

LOPES, Gustavo Tonon. *Itaipu e Bacia do Prata: Dos Conflitos à Integração – Argentina, Brasil e Paraguai*. USP São Paulo (Dissertação de Mestrado em Ciências da Integração da América Latina) 2013.

MADRID, Eduardo. *Argentina Brasil: La Suma Del Sur*. Universidad de Congreso. Editora Andina Sur. Mendoza. 2003. 1

MAGALHÃES, Livia Gonçalves. *De quem é a Copa? A memória social da conquista argentina de 1978*. X Encontro Internacional da ANPHLAC. São Paulo, 2013.

MAGALHÃES, Livia Gonçalves. *Com a Taça nas Mãos: sociedade, Copa do Mundo e ditadura no Brasil e na Argentina*. UFF (Tese de Doutorado) Rio de Janeiro, 2012.

MARCZAL, Erenesto Sobocinski. *¿Qué otra cosa puede festejar? Paixão e política nas narrativas sobre a copa do mundo de futebol da Argentina (1975- 1978)*. Curitiba: UFP (Tese de doutorado em História), 2016.

MARCZAL, Erenesto Sobocinski. Por que (não) devemos fazer o Mundial 78? Amostras do embate público sobre a realização da Copa do Mundo na Argentina. *XXVIII Simpósio Nacional de História*. Florianópolis, 2015.

MELLO, Leonel Itaussu Almeida. *Argentina e Brasil: A Balança de Poder no Cone Sul*. Annablume Editora. 1996.

MORAES, Rodrigo Fracalossi de. *A Cooperação Brasil-Argentina na Área Militar: Da Autonomia das Forças Armadas às relações Estratégicas (1978 – 2009)*. UFRGS Porto Alegre (Dissertação de mestrado em relações internacionais) 2010.

MOREIRA, Fabiane Barbosa. *Os Valores-Notícia no Jornalismo*

Impresso: Análise das Características Substantivas das Notícias nos Jornais Folha de São Paulo, Estado de São Paulo e O Globo. UFRGS, Porto Alegre (Dissertação de mestrado em Comunicação e Informação) 2006.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Entre a Liberdade e a Ordem: o Estado de São Paulo e a ditadura (1969 – 1973).* *Estudos Ibero-Americanos*, Porto Alegre, v. 43, n2. 2017.

NETO, Tomaz Espósito. *Desenvolvimento e Autonomia: Os eixos da Política Externa do Governo Geisel (1974-1979).* In: SILVA, André Luiz Reis da; SVARTMAN, Eduardo Munhoz (coordenadores). *Política Externa Brasileira Durante o Regime Militar (1964-1985).* Juruá Editora. Curitiba. 2014.

NOBLAT, Ricardo. *A arte de fazer um jornal diário.* São Paulo: Contexto, 2007.

NOGUEIRA, Cláudio Marques Martins. *Considerações Sobre o Modelo de Análise do Discurso de Patrick Charaudeau.* *Rev. Ensaio*, Belo Horizonte, V.06, N.01, P.66-71. 2004.

PALERMO, Vicente e NOVARO, Marcos. *A Ditadura Militar Argentina 1976- 1983: Do Golpe de Estado à restauração Democrática,* São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo. 2007.

PIMENTA, Carlos Alberto Máximo. *Torcidas organizadas de futebol. Identidade e identificações, dimensões cotidianas.* In ALABARCES, Pablo (org).

Futbologías: Fútbol, identidade y violencia es Amperica Latina. Buenos Aires, 2003.

RIBEIRO, Maria de Fátima Bento. *Itaipu, a dança das águas: histórias e memórias de 1966 a 1984.* Campinas, 2006.

RIECKZIEGEL, Ana Luiza Setti. *O pacto do ABC: as relações Brasil – Argentina na década de 1950.* EDIUPF, 1996.

RÜSEN, Jörn. *Como dar sentido ao passado: questões relevantes de meta- história.* História da Historiografia, março 2009.

SANGUINÉ JÚNIOR, Jairo. *Imprensa e o Processo de Redemocratização do Brasil.* *Sociedade em Debate*, UCEPel, Pelotas, 1998.

SASS, Odair; et. al. *Educação e Regimes Ditatoriais: 50 anos do Golpe Militar no Brasil.* São Paulo, PUC-SP. Junqueira & Marin Editores, 2ª Edição. 2018.

SCENNA, Miguel Angel. *Argentina – Brasil: Cuatro Siglos de Rivalidad*. Telletes Gráficos Yunque. Buenos Aires, 1975.

SILVEIRA, Mauro César. A História de Independência do Clarín.com e as Mudanças no Processo de Convergência com o Jornal Impresso. *Intexto*, Porto Alegre: UFRGS, v.2 n. 21 (2009).

SMITH, Antony David. *O nacionalismo e os historiadores*. In BALAKRISHNAN, Gopal (Coord.) Uma mapa da questão nacional. Rio de Janeiro; Contraponto, 2000.

SOUZA, Fabiano Farias de. *Operação Condor: Terrorismo de Estado no Cone Sul das Américas*. *Revista do corpo discente do PPG-História da UFRGS*, No. 8, Vol. 3, Janeiro – Junho 2011, Porto Alegre.

SPEKTOR, Matias. O Brasil e a Argentina entre a cordialidade oficial e o projeto de integração: a política externa do governo de Ernesto Geisel (1974- 1979). *Rev. Bras. Polít. Int.* 45 (1): 117-145 (2002).

SPEKTOR, Matias. *Ruptura e Legado: O Colapso da Cordialidade Oficial e a Construção da Parceria entre o Brasil e a Argentina (1967-1979)*. Brasília, UNB (Dissertação de mestrado em Relações Internacionais). 2002.

THIESSE, Anne Marie. Ficcões criadoras: as identidades nacionais. *Anos 90*. Porto Alegre: n. 15, 2001/2002.

TUPY, Ismênia Silveira; SAMARA, Eni de Mesquita. *História & Documento: metodologia de pesquisa*. Editora Autêntica, 2007.

VIANA, Francisco Cecílio. *História e Memória da Peste Suína Africana no Brasil, 1978-1984: Passos e Descompassos*. Belo Horizonte: UFGM (Tese de doutorado em medicina veterinária) 2004.

VIDIGAL, Carlos Eduardo. Relações Brasil – Bolívia (1973 1974). Gás e a geopolítica regional. *Cena Internacional*, vol.9, n.2. 2007.

WISNIK, José Miguel. *Veneno Remédio: O Futebol e o Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

FONTES DOCUMENTAIS

ALONSO, Enrique. Tres alternativas para el futuro. *Clarín*, Buenos Aires. 01 jun. 1978, p. 4

ARGENTINA e Itália já assumem a liderança. *O Estado de São Paulo*. São Paulo. 02 jun. 1978, p.21.

ARGENTINA *pode rever posição no prata*. *O Estado de São Paulo*. São Paulo. 06 jun. 1978, capa.

ARGENTINA quer nova trilateral. *O Estado de São Paulo*. São Paulo. 22 jun. 1978, capa.

ARGENTINA quer reinício do diálogo. *O Estado de São Paulo*. São Paulo. 09 jun. 1978, capa.

ARGENTINA reage e brasil mantém posição no Prata. *O Estado de São Paulo*. São Paulo. 01 jun. 1978, capa.

ARGENTINA y Brasil, em uma instancia decisiva. *Clarín*, Buenos Aires. 18 jun. 1978, Mundial, p.2.

ASISTIÓ el Presidente. *Clarín*, Buenos Aires. 19 jun. 1978. Mundial, p.3.

ATUAÇÃO de Clive Thomaz é elogiada. *O Estado de São Paulo*. São Paulo. 04 jun. 1978, p. 52.

AUMENTA la compra de gas boliviano. *Clarín*, Buenos Aires. 30 jun. 1978, p.8

BOMBA explode na estação. *O Estado de São Paulo*. São Paulo. 20 de jun. 1978, p 24.

BRASIL e Argentina, a quase decisão da Copa. *O Estado de São Paulo*. São Paulo. 18 jun. 1978, capa.

BRASIL no compra gas de Bolivia. *Clarín*, Buenos Aires. 12 jun. 1978, p.9.

BRASIL só empata e deixa má impressão na estreia. *O Estado de São Paulo*. São Paulo. 04 jun. 1978, capa.

BRASILEIROS não aceitam goleada. *O Estado de São Paulo*. São Paulo. 23 jun. 1978, p. 20.

BUENOS AIRES – Começa a “Copa do Medo”: Ingressos. *O Estado de São Paulo*. São Paulo. 01 jun. 1978, p. 72.

BUENOS AIRES – Começa a “Copa do Medo”: Orgulho. *O Estado de São Paulo*. São Paulo. 01 jun. 1978, p. 72.

CANCILLERIA: Preparan la respuesta a Brasil. *Clarín*, Buenos Aires, 2 jun. 1978, capa.

CANCILLERIA: Responden hoy la nota del Brasil. *Clarín*, Buenos Aires. 07 jun. 1978, capa.

CONDE, Carlos. La posición de Itamaraty. *Clarín*, Buenos Aires. 01 jun. 1978, p.4

CONSULADO é apedrejado. *O Estado de São Paulo*. São Paulo. 23 jun. 1978, p. 20.

CONVITE é recusado por dois presidentes. *O Estado de São Paulo*. São Paulo. 20 de jun. 1978, p. 24.

CORPUS-ITAIPU: reanudarán el contacto trilateral em la OEA. *Clarín*, Buenos Aires. 08 jun. 1978, capa.

COUTINHO ameaçado, há uma crise na Seleção. *O Estado de São Paulo*. São Paulo, capa.

COUTINHO promete futebol ofensivo. *O Estado de São Paulo*. São Paulo. 03 jun. 1978, p. 42

DI STEFANO, Alfredo. La ley de los nervios. *Clarín*, Buenos Aires. 19 jun. 1978, Mundial, p.5.

EM MENDOZA, a festa e a provocação dos argentinos. *O Estado de São Paulo*. São Paulo. 23 jun. 1978, p 19.

FIRME respuesta de la Argentina. *Clarín*, Buenos Aires. 09 jun. 1978, p.2

FIRMEZA y actitud de dialogo com Brasil. *Clarín*, Buenos Aires. 09 jun. 1978, capa.

FOTÓGRAFOS alemães denunciam violência. *O Estado de São Paulo*. São Paulo. 04 jun. 1978, p. 58.

FIGUEIREDO diz a arenistas de SP: votem em Natel. *O Estado de São Paulo*. São Paulo. 01 jun. 1978, capa.

HABLO VIDELA em e lacto inaugural del Mundial. *Clarín*, Buenos Aires. 02 jun. 1978, p. 3

INDICAÇÃO de Clive Thomas agrada aos brasileiros. *O Estado de São Paulo*. São Paulo. 01 jun. 1978, p.24

ITAIPU ameaça apoio argentino ao Brasil. *O Estado de São Paulo*. São Paulo. 01 jun. 1978, p. 26.

JOGADORES recusam acordo de técnicos. *O Estado de São Paulo*. São Paulo. 11 jun. 1978, p. 44.

KIRSCHBAUM, Ricardo. Quén resolvió la suspensión. *Clarín*, Buenos Aires. 01 jun.1978, p.3

LA ALEGRÍA ganó todas las calles. *Clarín*, Buenos Aires. 03 jun. 1978, Mundial, p.13.

LAS RELACIONES com Brasil. *Clarín*, Buenos Aires. 02 jun. 1978, p. 6

NACIONALISMO exaltado ressuscita velhas rivalidades. *O Estado de São Paulo*. São Paulo. 27 jun. 1978, p.23.

NEGOCIAÇÕES não estão canceladas, estão apenas suspensas. *O Estado de São Paulo*. São Paulo. 06 jun. 1978, p.06.

NO PRATA, conversações poderão ser reiniciadas. *O Estado de São Paulo*. São Paulo. 02 jun. 1978, capa.

NO PRATA, reinício das negociações vai demorar. *O Estado de São Paulo*. São Paulo. 04 jun. 1978, p11.

NO 1º jogo, tranquilidade e mau futebol. *O Estado de São Paulo*. São Paulo. 02 jun. 1978, capa.

O PROTESTO contra o juiz. *O Estado de São Paulo*. São Paulo. 06 jun. 1978, p. 24.

O REBANHO suíno será cremado. *O Estado de São Paulo*. São Paulo. 15 jun. 1978, capa.

PARAGUAIOS apoiam Brasil. *O Estado de São Paulo*. São Paulo. 02 jun. 1978, p. 18.

PEDIDO a la FIFA. *Clarín*, Buenos Aires. 19 jun. 1978, p. 12

PEDREIRA, Fernando. Um papelão. *O Estado de São Paulo*. São Paulo. 04 jun. 1978, p. 2.

PELÉ. Será el império de la marca. *Clarín*, Buenos Aires. 02 jun. 1978, p.14.

POUCOS brasileiros vão ver a Seleção. *O Estado de São Paulo*. São Paulo. 01 jun. 1978, p. 26.

QUEIROZ, Tuca Pereira. Faltou vontade, sobrou vergonha. *O Estado de São Paulo*. São Paulo. 04 jun. 1978, p. 52.

RUPRECHT, Jorge. Brasil recurrio a la Macumba. *Clarín*, Buenos Aires. 09 jun. 1978, p. 8.

RUPRECHT, Jorge. Um capricho demasiado caro. *Clarín*, Buenos Aires. 04 jun. 1978, Mundial, p15.

SELEÇÃO viaja hoje para a decisão do 3º. *O Estado de São Paulo*. São Paulo. 23 jun. 1978, capa.

SORPRESA Argentina por la Decision Brasileña. *Clarín*, Buenos Aires, 01 jun. 1978, capa.

“SORPRESA Y PERPLEJIDAD” por la decisión de Brasil. *Clarín*, Buenos Aires. 01 jun. 1978, p.2.

SOTO, Serafín Tomás. Uma ola de incertidumbre. *Clarín*, Buenos Aires. 01 jun. 1978, p.5

TODO o rebanho suíno do RJ vai ser exterminado. *O Estado de São Paulo*. São Paulo. 14 jun. 1978, p.28.

UM EMPATE que se durmió em médio campo. *Clarín*, Buenos Aires. 19 jun. 1978, Mundial, p.2.

UNA GOLEADA que nos acerca al gran sueño. *Clarín*, Buenos Aires. 22 jun. 1978, Mundial, p. 2.

VENTA de vacunos al Paraguay. *Clarín*, Buenos Aires. 04 jun. 1978, p.15

VERBITSKY, Bernardo. Pele y el futurólogo. *Clarín*, Buenos Aires. 01 jun. 1978, Cultura y Nación, p.5.